

*Sua fórmula*  
TOBIAS BARRETTO

OBRAS COMPLETAS

IV

# DISCURSOS



1926 — EDIÇÃO DO  
ESTADO DE SERGIPE

Editora do Estado de Sergipe

## **RAZÕES DESTA EDIÇÃO**

I — Decreto n.<sup>o</sup> 803, de 20 de Abril de 1923, do Governo do Estado de Sergipe.

II — Trecho da mensagem do Dr. Graccho Cardoso, Presidente do Estado, á Assembléa Legislativa de Sergipe, em 7 de Setembro de 1923.

## I

DECRETO N.º 803

DE 20 DE ABRIL DE 1923

*Manda fazer a edição completa das obras  
de Tobias Barreto*

O Presidente do Estado, considerando a acção preponderante que coube a Tobias Barreto na renovação do pensamento brasileiro, no ultimo quartel do seculo passado;

Considerando assim o valor inestimável da sua obra, quer seja encarada do ponto de vista philosophico e jurídico, quer vislumbrada unicamente pelo aspecto litterario, critico, poetic, oratorio e polemístico;

Considerando que se acham completamente exgottados os trabalhos do grande sergipano, e outros existem inéditos, os quaes, pelo seu alto apreço, merecem divulgados;

Considerando que a publicação systematizada de todos elles contribuirá para um conhecimento mais exacto da personalidade do eminent patrício e para o aferimento preciso da transformação que a sua influencia irradiadora operou no direito e nas letras nacionaes;

Considerando que é dever dos povos zelar pela memória dos que glorificaram a Patria, e que aos Governos cumpre, nesse presupposto, contribuir para o estímulo moral das gerações futuras;

Considerando que não pôde haver melhor e maior monumento para uma agigantada figura intellectual do que a divulgação das suas idéas generosas, altas concepções do espirito e arrojadas creações do genio,

DECRETA :

Art. 1.<sup>o</sup> — O Governo fará, por conta do Estado, editar as obras completas de Tobias Barreto, commissionando, para o trabalho de colligir inéditos e preparar o material a imprimir, pessoa de reconhecida capacidade.

Art. 2.<sup>o</sup> — De accôrdo com o art. 3.<sup>o</sup> das disposições geraes da lei n.<sup>o</sup> 836, de 14 de Novembro de 1922, o Governo abrirá oportunamente os creditos necessarios.

Palacio do Governo do Estado de Sergipe, Aracajú,  
20 de Abril de 1923, 35.<sup>o</sup> da Republica.

MAURICIO GRACCHO CARDOSO.

*Hunald Santaflor Cardoso.*

Do "Diario Official" do Estado de Sergipe, de 21 de Abril de 1923.

○ ○  
○

## II

**Edição das obras de  
Tobias Barretto**

"A administração não pôde ser indiferente, à memória dos que glorificaram a Patria. Zelar-lhes pela permanente e viva lembrança das ideias grandiosas ou dos feitos varonis é dever mesmo precipuo dos governos, como um estímulo moral ás gerações futuras.

Com esse elevado intuito foi que ordenei a edição completa, por conta do Estado, dos trabalhos de Tobias Barretto.

Estou que essa resolução merecerá o vosso aplauso. Ninguem pelo talento, pela cultura, pela combatividade, fóra de Sergipe, levou aos picaros mais altos do pensamento, a tradição intellectual do Estado.

A sua formidável produção poetica, critica, oratoria e polemistica — apesar do papel renovador que exerceu nas letras nacionaes no ultimo quartel do seculo XIX — permanecia já hoje, entretanto, de poucos conhecida, por se acharem completamente esgotadas algumas das suas melhores obras, e outras se conservarem até agora inéditas.

No presuposto de contribuir assim para um conhecimento mais exacto da personalidade do eminentíssimo patriarca e para o aferimento de sua influencia irradiadora no direito, na philosophia e na litteratura brasileira, foi que commisionei o dr. Manoel dos Passos Oliveira Telles, discípulo e amigo que foi do grande mestre para colligir inéditos e preparar o material a imprimir da futura edição."

*Da mensagem do Presidente Graccho Cardoso, em 1923.*



TOBIAS BARRETTO

(AOS 41 ANNOS)



## COMO PROLOGO (1)

OS discursos que o leitor vai encontrar aqui são do Dr. Tobias Barreto de Menezes.

Importa dizer que vai ler, não es vulgaridades costumeiras, mas verdadeiros discursos cheios de elocução e da grandeza phenomenal do talento que os produziu.

Poeta e critico, philosopho e jurista, tal como se tem mostrado desde os seus primeiros ensaios até a hora actual, o espirito fecundo que o paiz conhece bem, e os estrangeiros, principalmente os allemães, admiram e applaudem, tem ainda uma face não menos pujante e rica: — é a de orador.

A critica por seus orgâos competentes, a critica, digna deste nome, não o encarou ainda sob um tal aspecto; mas tambem não se fará esperar.

Quem é que o tem ouvido sem grande attenção, sem maximo interesse, nas horas em que sua palavra ensina, vibra, fere, convence e encanta?

O orador que proferiu estes discursos realisou em si o pensamento de Catão; é um "vir probus dicendi peritus": porque, na realidade elle reune á força prodigiosa do talento á riqueza da cultura, ás explosões da palavra eloquente, a brilhante altivez do seu caracter.

Numa terra, como esta em que vivemos e como é todo este imperio, terra em que se confere o diploma de orador a qualquer espirito fraquinho, que tem a loquellea desenvolvida

(1) Este prefacio, de Altino de Araujo, acompanhou a 1.<sup>a</sup> edição dos *Discursos*, de 1887, (Typ. Miranda), publicada em Pernambuco.

e falla na camara dos deputados e no senado, de bôcca cheia no "parlamentarismo inglez, na liberdade dos escravos, no voto livre", etc., seria digna de estudo a impressão que causasse um Tobias Barreto, empenhada a sua palavra em qualquer das magnas questões que no terreno do direito e da politica agitam-se nos tempos que correm.

Seria curioso ouvir os juizos promptamente dados, diante d'aquella intuição clara, d'aquella exposição magnifica, em summa, da capacidade que elle possue de vestir os seus pensamentos com imagens naturaes, fazendo tudo isto animar-se pela paixão, e pondo, para usar aqui de uma ideia de Emerson, pondo o seu discurso na frente do auditorio, na frente da humanidade!...

Infelizmente não haverá nisto mais do que um sonho, mais do que uma aspiração; até porque este paiz dos "estadistas e oradores parlamentares", embora com a "liberrima" reforma do Sr. Saraiva, não o elegerá, porque tem ainda muita mediocridade a aproveitar.

Para os espiritos amantes do que ha de mais elevado nas regiões do talento e da cultura, este livro é um riquissimo presente.

Como as suas poesias, os seus estudos de critica, de philosophy e de direito, os discursos de Tobias Barreto são outros tantos triumphos.

O illustre lente da nossa faculdade de direito não pertencerá sómente á geração que o viu surgir e á que ainda agora o admira. "Non omnis moriar", elle pode dizer com o poeta latino. Pertence-lhe o futuro, a gloria é sua.

Janeiro de 1887.

*A. de A.*

# **DISCURSOS**



I

Verificação de Poderes

(ASSEMBLÉA DE PERNAMBUCO — SESSÃO EM 10 DE  
DEZEMBRO DE 1878)

O Sr. TOBIAS BARRETO: — Sr. presidente, bem quizerá desistir da palavra, ainda que este meu acto importasse para mim uma quebra de reputação intellectual perante o juizo do publico, uma vez que, porém, dessa desistencia resultasse não estarmos mais aqui gastando inutilmente o nosso tempo, com visivel prejuízo da provin-cia, com visivel prejuízo do povo, que similhante ao *Condido* de Voltaire poderia dizer-nos: “eu nada entendo das vossas recriminações, eu nada entendo das vossas discussões estereis; o que sei é que tenho fome, e preciso que venhais dar remedio aos males, de que padeço.” (*Muito bem*).

Mas, Sr. presidente, devendo falar, eu acho um meio de conciliar este dever com a necessidade do momento: é falar pouco.

Antes de tudo, entretanto, quero fazer á casa uma confissão bem singular: sinto-me possuido de medo diante do pequeno numero de illustres cabeças da oposição conservadora. (*Riso e sussurro nas galerias*).

Sim, não é sem muito receio que me aventuro a falar; tenho medo com efeito que venha por aí uma dessas amabilidades aguçadas e percuentes, de que os illustres aspirantes trazem tão cheias as suas aljavas; um desses lances de espírito molestos, com que só elles têm procurado defender a sua causa indefensivel. E este meu receio é tanto mais fundado, quanto é certo que os dignos oppositionistas não representam aqui um papel que lhes compita, aqui não vieram e aqui não se acham, senão propositalmente para provocar, para ferir, para lançar neste recinto, que eu ainda tenho a ingenuidade de suppor ser uma causa seria e respeitável, a confusão e a desordem, que possam depois servir de assumpto permanente nas columnas do seu jornal.

O SR. MOREIRA ALVES : — Vimos defender o nosso direito.

O SR. OLIMPIO MARQUES : — Esta doutrina não é nada liberal.

O SR. TOBIAS : — Liberal ! Ai ! minha Phryné, não me fales de amor; conservador, não me fales em liberdade ! (*Applausos da maioria, rumor nas galerias*).

O SR. GONÇALVES FERREIRA : — A liberdade não é privilegio de ninguem.

O SR. TOBIAS : — Não obstante, Sr. presidente, eu arrisco-me a affrontar as iras...

O SR. GASPAR DRUMMOND : — As iras não.

O SR. TOBIAS : — Quero dizer, as iras ficticias e as pilherias reaes dos nobres pretendentes, declarando-lhes, por minha vez, como já lhes fez sentir o illustre preopinante, que não lhes reconheço direito algum de virem taxar de illegal a eleição de qualquer de nós.

O SR. OLIMPIO MARQUES : — Vamos ouvil-o, vamos ver as razões.

O SR. TOBIAS : — E apresso-me em dizer-lhe : quando mesmo a eleição de qualquer dos trinta e nove deputados reconhecidos pelo parecer da comissão fosse realmente irregular, não era aos nobres aspirantes que caberiam em partilha os resultados imediatos dessa irregularidade. (*Apoiados da maioria.*) Porquanto, a exclusão de um de nós não importa *ipso facto* a inclusão de um delles. Similarmente idéia valeria fazer do velho e estragado princípio de contradição o supremo regulador em matéria política, deste modo : o que não é A, é B ; o que não é liberal, é conservador ; quando os liberaes não têm razão, os conservadores a têm...

Ora, tudo isto é falso.

O SR. OLÍMPIO MARQUES : — Concordo.

O SR. TOBIAS : — A razão e a verdade podem não estar de nosso lado, sem contudo estar do lado de Ss. Exs.

O SR. OLÍMPIO MARQUES : — Também concordo.

O SR. TOBIAS : — A eleição de um de nós pode ser ilegítima, sem que aliás este facto venha legitimar a eleição dos contrários.

Isto assentado, pergunto eu : que valor, que significação tem o longo *sermo pedestris*, a homilia política do nobre orador, que encetou o debate ?

O SR. OLÍMPIO MARQUES : — Aquilo que S. Ex. está pondo em dúvida.

O SR. TOBIAS : — S. Ex. falou e falou muito ; mas de todo o seu discurso só ficou de pé a sua honrada personalidade. (*Rumor, aplausos; reclamações*). S. Ex. sentiu quebrar-se-lhe nas mãos o bastão ou o *cacete*, com que nos procurou ferir na cabeça...

O SR. GONÇALVES FERREIRA : — Isto é a imaginação do nobre deputado que é muito fertil.

O SR. TOBIAS : — Pode ser; a imaginação tambem tem o direito de falar...

Todos nós esquecemo-nos do que disse S. Ex. para só admirar a sua habilidade, a sua paciencia, a sua copia de linguagem, a incançabilidade dos seus orgãos vocaes... Como se S. Ex. tivesse apostado comsigo mesmo, a ver se era capaz de falar douis dias ou mais, metteu mãos á obra e, como é facil de comprehendér, ganhou a aposta.

E ganhou-a por tal modo, por um modo tão brilhante, que pude, uma vez por todas, diante de tão forte *logomania*, comprehendér a justeza e exactidão de um dito do grande poeta italiano Giacomo Leopardi : —

..... *Il cuor di tutte  
Cose alfin sente sazietà, del sonno,  
Della danza, del canto e dell'amore,  
Piacer più cari che il parlar di lingua ;  
Ma sazietà di lingua il cuor non sente.*

“De tudo o coração sacia-se: do sonno, da dansa, do canto e do amor, prazeres mais caros que o trelar da lingua; mas a saciedade de lingua o coração não sente.”

O valente narrador, que nos mimoseou com um pretendido historico da quadra eleitoral nesta província, fez-me ainda lembrar, não sei porque, umas chistosas palavras de Luiz XVI, de quem se conta que, depois de ouvir pregar na capella real o abade Maury, voltou-se para um da comitiva regia e disse-lhe : “Si l'abbé nous avait parlé un peu de religion, il nous aurait parlé de tout.” O mesmo podíamos nós dizer do esplendido oradot : se nos tivesse falado um pouco da eleição, ter-nos-hia falado de tudo. Realmente o seu discurso, que pouco faltou que se occupasse até da infallibilidade do papa e da habilitade da lua, não encerra, todavia, uma palavra, uma

só, sincera e verdadeira, a respeito da marcha do processo eleitoral ...

O SR. OLIMPIO MARQUES: — Dá um aparte.

O SR. TOBIAS: — Disse apenas palavras inspiradas pelo interesse partidario. Mas para que entrar, Sr. presidente, nesta apreciação? Eu comecei por dizer que não reconhecia nos illustres senhores da oposição conservadora direito algum de virem aqui taxar de illegitima a eleição de um ou outro dentre nós.

E' de meu dever provar este dito, e conseguindo, o resultado será que a nenhum de nós corre tambem a obrigação de responder a ataques dirigidos por quem não tem o direito de atacar.

O SR. GONÇALVES FERREIRA: — E' melhor botar-nos para fóra.

O SR. ROSA E SILVA: — Nós bem como o nobre deputado temos o direito de defender os nossos diplomas.

O SR. TOBIAS: — E' sabido, Sr. presidente, que os honrados aspirantes e combatentes de nós outros apresentaram-se neste recinto munidos de diplomas conferidos por uma camara suspensa...

VOZES DA OPPOSIÇÃO: — Illegalmente.

O SR. TOBIAS: — Que, não obstante a suspensão, continuou a exercer funcções proprias do cargo, fazendo a seu modo uma apuração de eleições e conferindo diplomas de deputados provinciaes a quatorze seus correligionarios. E' sabido ainda que este facto, publicado nos jornaes e divulgado por outros meios de noticia, deu lugar a que a autoridade competente providenciasse para fazer effectiva a responsabilidade dos vereadores infringentes do art. 140 do Cod. Criminal. Eis o que é incontestavel.

Porém convém ser justo; enquanto o facto arguido de criminoso compunha-se unicamente das seguintes

phases: suspensão como antecedente lógico, reunião no edifício da *Propagadora*, apuração, expedição de diplomas, e publicação pela imprensa, não havia realmente contra os vereadores suspensos, senão uma simples presunção de criminalidade, pois que o acto incriminado é da natureza daquelles que, se compõe de uma série de *momentos* successivos, *ad eundem finem spectantia*, só o último momento é que dá ao acto feição criminosa, por ser justamente este momento último que vem perturbar, como perturba todo e qualquer crime, a ordem de direito.

Ora, Sr. presidente, nem a reunião dos vereadores suspensos no edifício da *Propagadora*, nem a apuração dos collegios e expedição de diplomas, nem finalmente a publicação nos jornais, eram factos capazes de estabelecer o conflito de direito, de lançar a perturbação da ordem jurídica. Até à publicação pela imprensa podia-se supor que a câmara suspensa estava gracejando; esses diversos actos por ella praticados podiam ser considerados tão simples, tão inocentes, como uma representação teatral, ou uma parodia carnavalesca. Era precisa alguma cousa de real e positivo, que viesse accentuar o delicto e fechar o ciclo de sua consummação. Essa alguma cousa de real e positivo, que veio completar o crime, como o ponto em cima do i, foi a presença dos nobres aspirantes neste recinto, com os diplomas expedidos pela vice-câmara suspensa. A mera presunção de criminalidade que até então havia, Ss. Exs. vieram converter em facto indubitável, firmando a convicção da existência de uma violação da lei.

Eu não quero fazer comédia; quero discutir seriamente, porque creio que se trata de uma cousa séria.

UMA VOZ DA MINORIA: — E por ser séria é que nós nos achamos aqui.

O SR. TOBIAS: — Não parece; pois que, se considerassem uma cousa séria, não estariam criando obstá-

culos para que não se realize a installação da Assembléa.  
(*Apoiados*).

Sr. presidente, como ia dizendo, foi o facto de apresentarem-se entre nós os dignos opositores munidos desses diplomas, que veio coroar o delicto, o qual sem isto não podia existir.

E porque a apresentação de Ss. Exs. nesta casa entrou assim como causal no conjunto de causas do delicto, auxiliando a prática dele, facilitando a sua execução, pondo-lhe o acento final, os nobres aspirantes diplomatisados pela camara criminosa são complices do seu delicto, como ella delinquentes, como ella sujeitos ás penas do art. 140 do Código Criminal.

UMA VOZ DA MINORIA: — Já sei que vamos ser denunciados.

O SR. TOBIAS: — Eu não sou denunciante.

Discuto o facto no terreno do direito e tiro as conclusões que me impõe a lógica. *Frappes, mais écoutes*: esta é a verdade.

E notai bem, meus senhores: trazendo para aqui este facto, fazendo menção do acontecimento, muito sabido, da suspensão da camara, da sua recalcitração manifestada pelo acto de conferir diplomas de deputados, sem ter para isso competência, eu não quero quebrar uma lança em favor de S. Ex. o Sr. presidente da província, com quem não tenho compromissos de ordem alguma, nem mesmo o compromisso tacito de partilharmos das mesmas crenças e sentimentos políticos; não quero quebrar uma lança em favor de quem quer que seja; falo somente em nome do direito e da verdade, ou ao menos daquillo que reputo tal.

Se pois, Sr. presidente, os honrados pretendentes, como demonstrei, se acham indiciados em complicidade do crime commettido pela camara suspensa, crime punido

com as penas do art. 140 do Código, elles não têm razão alguma de estar nesta casa discutindo a legitimidade de nossa eleição.

Isto admittido, pois que eu não quero exigir muito da attenção do auditorio, visto como entendo que aqui não comparecemos para fazer exhibição de talentos oratórios, porém unicamente para tratar das necessidades da província (*Apoiados da maioria*), peço a V. Ex., Sr. presidente, peço á casa, que chame á ordem esse processo, que tem corrido de um modo inteiramente irregular. Pelo proprio regimento, pelo regimento que saiu das officinas conservadoras, dá-se uma solução contraria ás pretenções dos illustres membros da oposição. Elle estabelece nos arts. 6, 7 e 8 duas hypotheses: a hypothese de que a commissão verificadora, concluido o seu estudo, dando conta do seu trabalho, duvide da validade desta ou daquella eleição, caso este, em que, precedendo discussão, se põe a votos o ponto duvidoso; e a hypothese do art. 8, o qual diz :

"Quando o parecer da commissão concluir pela anulação da eleição de qualquer deputado, ficará adiado para ser votado depois da instalação da Assembléa..."

O SR. OLYMPIO MARQUES: — Apoiado. Foi o que eu disse no fim do meu discurso.

O SR. TOBIAS: — Porém parece que no caso a hypothese é outra: a commissão nem sequer mencionou os nomes de Ss. Exs. os senhores deputados ou deputados *in fieri* ...

UMA VOZ DA MINORIA: — Deputado *in fieri* também é S. Ex.

O SR. TOBIAS: — A commissão não concluiu nem pela validade, nem anulação das eleições.

O SR. ROSA E SILVA: — O que muito admira.

O SR. TOBIAS: — E hão de confessar que essa nova hypothese surgiu tambem de um novo facto.

Este novo facto foi o de se apresentarem querendo ser deputados cidadãos investidos de poderes reconhecidos e outorgados por uma camara criminosa, por uma camara que não tinha autoridade para assim proceder (*Apoiados e não apoiados*).

O SR. OLIMPIO MARQUES: — Isto é que está em discussão.

O SR. TOBIAS: — Perdão! E' uma falta de logica da parte de S. Ex.

Isto não está em discussão; isto é uma razão por mim agora apresentada; o que se discute é o parecer da commissão.

A camara não podia conferir esses diplomas: é o que está provado. Mas dirão, como dizem os opposicionistas, a camara podia-o.

Digo-lhes eu: a camara estava suspensa. Oppõem-hão ainda; a suspensão é illegal. Ao que eu lhes respondo: Isto é outra questão; e não são Ss. Exs. autorizados a julgar e decidir da ilegalidade da suspensão. (*Apoiados e não apoiados*).

Supponhamos de barato, Sr. presidente, que o acto da administração fosse com efeito illegal. Pergunta-se: em face dos princípios da nossa legislação penal, a resistência às ordens illegas, para tornar-se justificável e como tal ser considerada, não deve passar pelos trâmites ordinários? Aquelles que resistem, não estão sujeitos a processo, a pronuncia, etc., e não é sómente diante dos tribunais respectivos que se podem defender e justificar?

Similhantemente, não sendo os honrados contendores competentes para julgar da ilegalidade do acto da presidencia, como tambem incompetente é a camara suspensa para aquilatar dessa ilegalidade e qualificar de

justa a sua recalcitração, mister este que cabe sómente aos tribunaes, a consequencia é a que já tirei; é que Ss. Exs., co-réos de uma tal responsabilidade, não podem, não devem estar entre nós, sob pretexto de ser illegal a suspensão da camara, atropellando a marcha dos trabalhos.

O SR. GONÇALVES FERREIRA: — Nós compartilhamos a responsabilidade dos vereadores que foram suspensos.

O SR. TOBIAS: — E que nos importa a nós que aceitem ou não essa responsabilidade?

O SR. OLÍMPIO MARQUES: — Dá licença para um aparte? (*signal de assentimento do orador*). Combine o que S. Ex. acaba de dizer com este artigo do Código: (*lendo*) “O que executar a ordem illegal, será considerado como se tal ordem não existisse e punido pelo excesso de poder que commetter”.

O SR. TOBIAS: — E' exactamente o que é preciso verificar, se no caso se trata de uma ordem illegal.

Esse artigo supõe já a illegalidade reconhecida.

O argumento de S. Ex. é inteiramente sophistico.

O SR. OLÍMPIO MARQUES: — O nobre deputado está abusando de seu talento.

O SR. TOBIAS: — Creio, Sr. presidente, que a casa está bem informada dos motivos, pelos quaes entendo que os senhores da oposição não têm direito de atacar o parecer da commissão, assim como nós, por essas mesmas razões, não temos obrigação de defender a nossa eleição, qualificada por elles de illegítima. Se depois de seguida a marcha regular deste processo verificar-se, ao menos para mim, que todos os treze deputados em conflito com os nobres opositores, todos ou qualquer delles, tem contra si a irregularidade de sua eleição, acredite-me S. Ex., Sr. presidente, acredite-me a casa, eu terei coragem bastante para opinar pela nullidade da que

me diz respeito, caso seja eu um desses irregularmente eleitos. (*Muito bem, calorosos aplausos das galerias*).

Por quanto, meus senhores, na qualidade de um espirito barbáro, que ainda não se accommodou com certas regras de convivencia social ...

UMA VOZ DA MINORIA: — O que é muito louvável.

O SR. TOBIAS: — ... que não tem bem desenvolvida a *faculdade de viver*, que consiste sobre tudo na *faculdade de agradar*, eu não comprehendo uma só palavra, se quer, destes combates inglorios. Na grande luta pelo direito, que é uma das formas da luta pela verdade, a qual ainda é, por sua vez, uma das formas da immensa luta pela existencia, eu não vejo que esteja comprehendida a *luta por um diploma* ...

Nestas condições, peço a S. Ex., Sr. presidente, que se digne de dar aos trabalhos a sua marcha normal, e pôr em pratica o art. 8.<sup>o</sup> do regimento.

Ao terminar, seja-me licito ainda dizer aos honrados Srs. aspirantes que não lhes assenta bem comparecerem neste recinto, ou onde quer que seja, para proferir em nome dos principios de seu partido a condenação do partido contrario. Confessemos sinceros: todos nós temos maculas. (*Sensação, aplausos das galerias*).

O SR. OLIMPIO MARQUES: — Concordo.

O SR. TOBIAS: — A realidade mesma é uma grande macula, o seu contacto conspurca sempre, e o que ha exactamente de mais maculador, é o contacto da triste realidade politica, tristissima em nosso paiz. E' por isso, Sr. presidente, que admitto todos os meios de ataque do partido oposicionista, menos as recriminações, menos que venham os senhores conservadores falar aqui em liberdade, invocar o nome da deusa, cuja imagem quando estão no poder são tão dispostos a quebrar ...

O SR. OLYMPIO MARQUES: — E aquelles que na oposição invocam a deusa, no governo tambem a desrespeitam !

O SR. TOBIAS: — Deveriam saber que a theoria é franca e generosa e a pratica estreita e mesquinha.

UMA VOZ DA MINORIA: — Isto é para todos: tanto para nós, como para vós.

O SR. TOBIAS: — De accordo; porém, se sabem disto, para que ousam agora, em nome da theoria, em nome dos principios absolutos que não são mais que principios falsos, invectivar o partido que governa? Todos nós temos macula, repito, os nossos costumes politicos estão feitos, pessimamente feitos. Mas pergunto: por esse estado de cousas, por essas condições miserias, a que chegamos, quem é o principal responsavel? Seguramente o partido, que mais tempo tem governado. Se assim é, o partido conservador, quando está nos seus *seis meses*... não deve recriminar o seu irmão de lutas, não tem o direito de accusal-o em nome da liberdade, quando foi elle o primeiro a sacrificá-la, quando foi elle que creou o habito de governar a custa da liberdade, com o sacrificio della. (*Apoiados*).

E' muito bonito, Sr. presidente, invocar a todo proposito o nome da liberdade. Dizia o poeta francez J. Chénier:

*Voulez-vous du public captiver le suffrage?  
Du mot de liberté soupoudrez votre ouvrage.*

E' isto mesmo: basta trazer as algibeiras cheias de liberdade, para produzir o effeito desejado... Mas não: aqui devemos trazer as algibeiras cheias de verdades, confissões reciprocas, como as que estou fazendo e quero que façam, das nossas fraquezas, das nossas miserias

políticas. Confessem Ss. Exs. por sua vez, que não são, não direi os senhores, mas seu partido, que entretanto representam, o maior culpado de todas estas misérias. Soffram de bom grado... E' esta a ordem das cousas: chegou tambem o nosso dia.

O SR. LEONARDO DE ALMEIDA: — Faço votos, para que o nobre orador continue de amanhã em diante a sustentar neste recinto a mesma linguagem.

UMA VOZ DA MAIORIA: — E' de esperar do caracter do nobre deputado.

O SR. TOBIAS: — Não gosto de fazer promessas publicas; parece-me que ha nellas alguma cousa de theatrical; mas posso declarar ao meu caro collega que cumprirei nesta casa o *nossa* dever...

O SR. LEONARDO DE ALMEIDA: — O nosso dever! (*Apoiados da maioria*).

O SR. TOBIAS: ... como já o estou cumprindo; observando, porém, a Ss. Exs. que se mostram tão cuidadosos do cumprimento do *meu* dever, que comecem, por me dar o exemplo em cumprir o *seu*, retirando-se deste recinto, pois que não são deputados.

O SR. LEONARDO DE ALMEIDA: — Se aqui ficasse, seguiria o mesmo caminho.

O SR. TOBIAS: — Meus illustres collegas, affeçoados, sympathicos e amigos, não tendes razão de insistir, deveis retirar-vos. Não estais no vosso tempo, nem no vosso lugar.

O SR. OLIMPIO MARQUES: — No nosso lugar estamos; no nosso tempo é que não.

O SR. TOBIAS: — Comico, dizia Aristoteles, isto é, produz impressão comica tudo aquillo que não está em seu lugar, nem em seu tempo, se não involve perigo, pois que, se o involve, será então tragic... Ss. Exs., produzem uma tal impressão; toda nossa contenda con-

siste em que Ss. Exs. querem fazer da sua situação comica uma situação tragica; nós, pelo contrario, queremos que isto não tenha perigo, que permaneça no comico. Principiamos sorrindo, acabaremos sorrindo.

E' ainda necessário que Ss. Exs. comprehendam que não estamos a sós: em torno de nós ha alguém que nos escuta, ha alguém que nos vigia e que tem direito de pedir-nos contas do nosso procedimento. (*Calorosos aplausos nas galerias*).

UMA VOZ DA MINORIA: — Julga-nos a todos.

O SR. TOBIAS: — Foi isto mesmo que eu quiz dizer: a todos nós. Mas havendo aqui duas ordens de procedimento, o povo escolhe e decide, o povo julga da nossa tolerancia, da nossa paciencia (*Apoiados da maioria*); o povo que tem uma certa sabedoria, resultante da experienca dos tempos, uma especie de sedimento dos seculos, que tem o nome de *senso communum*, dirá nas suas horas de reflexão: o partido conservador, quando no poder, não dá tregos ao seu adversario; se isto fosse no tempo do partido conservador, similhante luta já teria acabado, similhante luta não existiria. (*Apoiados das galerias*). Agora que está de cima o partido liberal, tantos obstaculos lançados á sua marcha: que quer dizer isto?...

Achais vós que o povo deduz dahi a fraqueza do partido liberal? Não. O povo sabe que este partido tem em si não sómente numero, mas tambem força.

O povo tira outra conclusão, conclusão perigosa, perigosíssima; pois elle diz consigo: a razão de tudo é que o partido conservador, achando-se sempre de posse da governação, habituou-se a ella e sem ella não pôde viver. (*Apoiados da maioria*). E' que o partido conservador tem por si as sympathias da *suprema causa*.

E com efeito: os conservadores podem repetir as palavras do poeta: "as grandes naturezas contam com o que são, as pequenas com o que fazem." Sim, nós outros liberaes, politicamente falando, confessamo-nos pequenos em contar sómente com o que fazemos, não obstante tudo o que fazemos ser esquecido ou desprezado; vós outros, porém, contais sómente com o que sois; basta ser conservador, para julgar-se com exclusivo direito de governar, de governar sempre. Em uma palavra, Sr. presidente, e para servir-me de uma imagem rasteira, porém expressiva, direi que a organisação política brasileira pôde-se figurar sob o *schemma* de um enorme banquete, de muitos milhares de talheres: vós, conservadores, sois os homens da *primeira mesa*; nós liberaes os homens da *segunda*, que já vamos, em grande parte, roer os ossos que nos deixais. Atraz de nós é que vem a pobre *musica*, que ainda não comeu... — são os *republicanos...* (Riso).

O SR. OLIMPIO MARQUES: — Os senhores estão agora na primeira mesa.

O SR. TOBIAS: — Senhores, vós governastes, não quero entrar na apreciação, se bem ou mal. Seria muito facil, recordando os factos, mostrar que o governo de vosso partido acabou muito mal. Não podeis contestal-o. Elle acabou sob o impulso das circunstancias, acabou exausto de força. Para que, pois, esta resistencia contra uma situação politica tão natural? Deixai-nos tambem governar, deixai-nos tambem exercer o nosso direito. Não queirais agora fazer-nos carga dos nossos maus habitos politicos, que aliás são obra vossa. Não queiraeis agora fazer-nos carga de cousas de que todos nós já temos conhecimento, principalmente o povo, que já tem bastante experientia dellas, o povo que já está sceptico, e que não mais acredita nessas phrases de efeito. (*Apoiados da maioria*). Por conseguinte, para que continuar nesta luta

e darmos ainda uma vez um espectáculo triste? Estamos no nosso lugar e no nosso tempo, deixai-nos. No momento preciso, em um momento de bom ou máo humor, o vosso grande homem chamar-vos-há ao poder.

Porém, agora tolerai que aqui fiquemos.

Temos sobre vós um maior grau de presumpção em nosso favor. Não sois deputados, não podeis reclamar contra a validade das nossas eleições, porque, peço desculpa para dize-lo ainda uma vez, sois, co-reos do crime praticado pela camara suspensa. (*Applausos; bravos calorosos das galerias. O orador é comprimentado por quasi todas as pessoas presentes.*)

---



## II

### Reforma do Regimento

(ASSEMBLÉA DE PERNAMBUCO. — SESSÃO EM 1 DE FEVEREIRO DE 1879)

O SR. TOBIAS: — Sr. presidente, pedi a palavra para fazer simplesmente uma indicação, e isto de acordo com o disposto no art. 148 do regimento. Ahi, com efecto, se determina que nenhum artigo do mesmo regimento será supprimido, substituído, additado ou alterado, sem preceder indicação, sobre a qual haja parecer da comissão de polícia, devendo passar pelos tramites dos projectos de lei. Eu pretendo indicar a suppressão de um artigo; tenho, porém, necessidade de fazer perante a casa a *genética* da minha indicação.

Já houve um momento, Sr. presidente, em que julguei necessário, ao menos quanto a mim, e creio que, como todos os membros desta casa, tenho todo o direito de ser respeitado e acreditado nas minhas opiniões, julguei necessário, repito, que, de conformidade com o art. 41 do regimento, se nomeasse uma comissão especial, com o fim de ir, em nome desta assembléa, testemunhar e fazer sentir á S. Ex. o Sr. presidente da província o desgosto resultante de uma certa alteração, de uma certa desharmonia plantada na família liberal em

Pernambuco, por efeito da *dubiedade política* de S. Ex. (*Muito bem!*)

Mas eu me esforço por ser razoável. Essa idéa de uma comissão especial para um tal fim, desapareceu perante o art. 145, que infelizmente diz:

"A assembléa, nem por escripto, nem por meio de deputação, poderá dirigir voto de censura, de louvor ou de felicitação, ou congratulação a quem quer que seja..."

Recuei, pois, Sr. presidente, diante desta imposição; ficando, porém, convencido de que ella é altamente inconveniente e tolhedora do direito que assiste a esta assembléa de manifestar seus sentimentos a respeito da administração.

O SR. SAMUEL PONTUAL: — E' até offensiva á assembléa.

O SR. TOBIAS: — Nesse artigo vê-se claramente a forja, onde elle foi fabricado; reconhece-se a mão que o preparou, a mão da obediencia passiva, do mutismo servil, da prevenção calculada; e este é o ponto capital: esse artigo não teve em vista mais do que *prevenir* que qualquer oposicionista de assembléas conservadoras pudesse lançar mão de um meio mais solemne de formular censuras contra os actos de algum presidente amigo. Eis tudo.

Mas nós devemos acabar com similar preceito. A assembléa deve ter ampla liberdade de exprimir seus sentimentos quaisquer que elles sejam, e pelo modo que lhe aprouver, a respeito da marcha que leva a administração da província. (*Apoiados*).

Meus senhores, ainda que no pensar de um grande espírito, como foi sem dúvida o católico José de Maistre, a consideração do que é pessoal, o chamado respeito da personalidade, não seja mais do que uma *illusão francesa*, visto como, dizia o bom do carola romântico,

*nada se tem feito contra as opiniões enquanto se não atacam as pessoas,* todavia eu entendo que esta idéia singular está sujeita a muitas restricções e o *caridoso* conselho, que ella encerra, não é de todo aceitável. Porquarto, por mais calamitosos que sejam os dias que atravessamos, por mais que tenha baixado a temperatura da atmosphera moral que nos envolve, ainda não chegamos ao ponto de poder qualquer julgar-se dispensado dos deveres de cavalheiro; ainda não chegamos a um daqueles momentos, de que falava Mallet du Pan, momentos fatais e extremos de diminuir os motivos de ser virtuoso, quero dizer, de ser sincero e razoável, polido e generoso.

E' facil de comprehender o pensamento que envolvem estas palavras, e qual seja o quarto termo da minha proporção. A cousa é simples: tratando de S. Ex. o Sr. presidente da província, que conta nesta casa amigos e defensores, eu estou para os amigos de S. Ex., como os amigos de S. Ex. estão para mim. Se sinceras são as razões que os determinam a defendel-o, sinceras também são as razões que me determinam a acusá-lo. Indagar, portanto, dos motivos pessoais, subjectivos da minha accusação, seria tão incabível, como indagar eu também dos motivos pessoais, subjectivos da sua defesa.

E aqui, Sr. presidente, ocorre-me a propósito uma reminiscencia de minhas leituras. Lembro-me ter lido num jornal — *The Nation*, — de Nova-York, que é ali um dos órgãos dirigentes da opinião publica, estas palavras significativas e dignas de ser ponderadas:

"O traço característico do político anglo-saxone é a sua disposição natural a considerar qualquer diferença de opiniões como conciliável com a pureza dos motivos, e tratar os adversários como homens rationaes e honestos, cujas vistos podem ser influenciadas ou mudadas

por meio de razões. D'est'arte, a fé na honradez geral e em uma geral racionalidade pôde ser tida como o fundamento do nosso sistema de governo. Qualquer influência, que se esforce por enfraquecer essa fé e ensinar ao povo que os adversários são insensatos e indecentes, é procedimento mexicano ou frances, em caso nenhum procedimento americano, além de ser absolutamente hostil à vida constitucional..."

Ora, não vejo razões, porque não possamos também proceder assim.

E é justamente este mutuo respeito, esta mutua crença na boa fé e honradez de todos, que eu reclamo em meu favor, quando tenho a franqueza de declarar que muito assentaria no carácter desta assembléa, se lhe fosse possível, por uma comissão especial, levar ao conhecimento do Sr. presidente da província o descontentamento produzido pela sua política dubia e vacillante.

Haveis de lembrar-vos, meus senhores, de que neste recinto já ergueram-se vozes para acusar fortemente os actos de S. Ex.

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — E também para defendel-os.

O SR. TOBIAS: — Isto está dito...

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Mas eu quero ratificar.

O SR. TOBIAS: — Como podia ter falado dos defensores de S. Ex., se não tivesse aqui aparecido quem o defendesse?

Porém, nessa occasião, posto que já me sobrassem razões para tomar parte na luta, eu pude conter-me, pude guardar silêncio, a despeito de um certo impeto que me levava para esse lado. Não é que eu quisesse ainda esperar do tempo, da successão dos factos, ou de

um estudo mais acurado do proceder de S. Ex., maior numero de provas da sua incerteza de vistas, maior accumulação de desgostos provocados pela sua administração. Não era isso, meus senhores; nada mais havia a colher, a vindima estava feita, e quasi que eu podia dizer com o poeta: *claudite jam rivos, pueri...*

Porém havia ainda uma vantagem na minha reserva: era não contribuir logo e logo com a minha quota de honrosa rebeldia para tornar cada vez mais saliente a immensa discordia que grassa no seio do partido governante; era tambem, pelo que particularmente me toca, não fornecer d'est'arte a uma certa ordem de prophetas, áquellest espiritos calmos, de pisadas macias e movimentos calculados, um optimo pretexto para exultarem e dizerem: bem que nós vaticinámos, eis ahí a confirmação do nosso vaticínio: o homem é realmente um doido!... (*Riso*).

Era isto, ao certo, o que eu queria evitar. Mas afinal cheguei a convencer-me de que tudo é inutil: nada aproveita empregar meios, de qualquer natureza, para manter a união, que uma vez foi quebrada; não aproveitam reservas e cautelas de ordem alguma, como remedio contra o mal, que dilacera sem piedade o coração do partido; e, quanto a mim, é o presidente da província a causa imediata de similhante desordem. (*Apoiadoss, não apoiados*).

Ainda ha pouco, Sr. presidente, por occasião e a proposito da ultima crise ministerial da Italia, que terminou pela queda de Cairoli, dizia a *Gazeta de Colonia*: "Dá-se com os partidos politicos o mesmo que se dá com os corpos vivos: logo que delles retira-se o espirito, os atomos se desaggregam e elles se dissolvem." Nós estamos assistindo a este processo, não sei se chimico ou metachimico, de dissolução do par-

tido liberal em Pernambuco; porque delle retirou-se a força que o animava, retirou-se o espirito da harmonia, graças ao máo influxo do Sr. Adolpho de Barros. Já se vê, portanto, que valor devia ter a realisação da minha idéia que tive aliás de abandonar, cedendo, máo grado meu, á disposição regimental.

Porém, não fica ahi. Um novo embaraço me é agora offerecido pela mesma disposição, bem que em sentido contrario, em presença da idéia, que tambem me apparece, de apresentar uma moção de louvor ou felicitação ao illustre moço pernambucano, ao digno deputado geral por esta província, o Dr. José Mariano Carneiro da Cunha. (*Apoiados do recinto e das galerias*). Uma moção de louvor... Sim! Ponhamos de parte, meus senhores, as considerações politicas ou antes as considerações partidarias, pois que, em ultima analyse, nós não temos política, porém sómente partidos, não temos governos politicos, mas governos partidarios; effeitos de velhos habitos enraizados, que nós, é verdade, não estamos no caso de reformar. Mas, façamos um esforço, ponhamos tudo de parte e falemos com franqueza: desde que Pernambuco teve a felicidade de ver o distincto moço, no verdor dos annos, mostrar força e coragem bastante para arcar com um ministro poderoso; desde que teve a felicidade de vél-o affrontar o perigo, como quem levava daqui, por assim dizer, a tesoura de Dalila para cortar os cabellos de um novo Sansão, a província deve orgulhar-se desse acto não commum de seu illustre filho, e, pondo de lado qualquer consideração de outra ordem, apoiar o seu procedimento e animal-o, como merece.

Entretanto, entendamo-nos bem: eu não peço elogios, não proponho uma moção de louvor para aquillo que disse, ou por ventura tenha dito o Dr. José Mariano; o que julgo digno de preito, é sómente o acto

em si; não me refiro ao que elle *disse*, porém, ao que elle *faz*; e no mundo político, tanto quanto no mundo moral, os factos são sempre superiores aos ditos. Ora, se o facto é meritorio, se o facto é heroico, a idéia de uma felicitação, neste sentido, seria de todo aceitável, como grandiosa e nobilitante, se não tivessemos infelizmente pela frente o art. 145. Em tales conjuncturas, parece-me acertado que se suprima similhante artigo, pelo que, assim justificado, mando á mesa a minha indicação. (*O orador envia á mesa a indicação de que fala*).

---



## III

## Opposição ao Sr. Adolpho de Barros

(ASSEMBLÉA DE PERNAMBUCO. — SESSÃO EM 7 DE FEVEREIRO DE 1879)

O SR. TOBIAS: — (*Ao subir á tribuna o orador é calorosamente saudado pelas galerias*).

O SR. PRESIDENTE: — Attenção! As galerias não pôdem dar signal de manifestação alguma.

O SR. TOBIAS: — Sr. presidente, tomando a palavra para sustentar, para prestar o meu concurso, ainda que fraco, (*não apoiados*) ás justas queixas do nobre deputado, autor do requerimento, eu sinto-me ainda uma vez obrigado a chamar em meu auxilio a *musa da civilidade*; sinto-me obrigado a invocar um principio superior, que domina sobre todos nós: o do reciproco respeito. E não é porque me arreceie de ver em publico desvendados os meus defeitos, ou magoadas as minhas feridas; mas tão sómente porque eu, que já vou entrando na idade canonica da gelada prudencia e do prosaico *bom senso*, que faz trindade santa com o *bom tom* e o *bom gosto*, começo a provar um asco irresistivel contra as represalias, as quaes, no caso, talvez me fôrçassem a ir também magoar as feridas alheias; proce-

dimento este que, além do mais, é improprio de espíritos cultos e incapaz de produzir outra cousa senão um documento de esterilidade, um tristissimo testemunho de pobreza.

Assim, Sr. presidente, tratando de sustentar, como disse, as justas queixas do nobre deputado contra a administração da provincia, eu julgo poder usar da franqueza que o facto exige, de toda aquella franqueza de que sou capaz e que creio ser para mim um dever imprescindivel.

Entretanto, não se entenda que esta minha attitude assenta na presuposição, geralmente aceita, de que nos corpos deliberativos maximé na esphera politica, a oposição é sempre uma necessidade; principio aprioristico e arbitrario que só seria exacto se previamente fosse demonstrado que, onde quer que ella se levante, a oposição está sempre do lado de Ormurzd, no reino da luz, deixando os adversarios ao lado de Ahriman, no reino das trevas; que a oposição é sempre composta de interpretes privilegiados da justiça e da verdade.

Ora, isto é absurdo, para não dizer, ridiculo e pueril. Já se vê, portanto, que sendo o primeiro a desconhecer essa tão falada necessidade do papel de uma especie de *avocatus diaboli*, a quem incumbia, em todo o caso, tingir de preto o que os outros pintam de roseo, atacar tudo, oppor-se a tudo *ex-officio*, não é um capricho a satisfazer, não é uma formula a seguir, ou um desejo particular de reagir contra a corrente, o que determina o meu procedimento. Tenho motivos poderosos, motivos muito sérios para tomar a posição em que me acho, e no ponto, de que se trata, apoiar, como apoio, os reclamos e accusações do meu illustre collega. (*Apoiados*).

Sr. presidente, disse Charles de Rémusat:

"A politica faz passar os espiritos pelas mesmas provações, porque fal-los passar a philosophia: primeiramente agarramo-nos a certos principios, depois duvidamos delles, ainda depois não os vemos mais e afinal nos tornamos indiferentes ou absolutistas."

Eu não sei, ao certo, em qual destas phases estou; mas sei que não me acho na primeira, já não creio na verdade e sinceridade, com que entre nós se diz professar os principios liberaes. (*Applausos das galerias*).

O SR. CISNÉROS: — Eu já descri, ha muito tempo.

O SR. TOBIAS: — Agita-se nesta casa, e a propósito, uma questão particular, que entretanto, tem um carácter geral, um carácter que affecta, que dá a verdadeira feição á nossa actualidade.

Não posso admittir, Sr. presidente, permitta-me o nobre preopinante que assim o diga, não posso admittir a distincção metaphysica estabelecida por S. Ex. entre questão politica e questão administrativa; não sei o que seja no nosso paiz uma administração, que não traga a cõr politica do respectivo partido. (*Apoiados*). E falemos com franqueza: nós não podemos ser moralistas politicos, não estamos no caso de catonizar e, sobre tudo, catonizar de tal modo, que são sempre victimas desses momentos de catonismo amigos nossos e correligionarios sinceros. (*Rumor*).

O SR. PRESIDENTE: — As galerias não se podem manifestar. (*Redobram os aplausos. O orador senta-se. Reclamações das galerias*).

VOZES: — Queremos ouvir o orador.

O SR. TOBIAS: — Peço ás galerias que me não deem manifestações; desta maneira estão me comprometendo!... Mas ia eu dizendo, Sr. presidente, que nós outros liberaes, não menos do que os conservadores, nossos adversarios, não estamos, no caso de ser moralistas

políticos. A política e a moral não são duas palavras significativas da mesma cousa. Cada uma delas tem a sua esphera de acção, o seu objecto especial. Não devemos transportar para o domínio de uma aquillo que exclusivamente pertence ao domínio da outra.

De mais, que moral se invoca? De que moral se trata? De uma moral muitas vezes duvidosa e contestável, de uma moral, cujas regras já estão um pouco velhas e estragadas. Não quero com isto dizer que, por princípio de partido, por dedicação á religião política que se professa, tolere-se e anime-se todo e qualquer desatino, todo e qualquer desmando dos nossos irmãos em crenças. O que eu penso, e o que quero dizer, é que não se deve applicar uma medida moral a factos, que estão fóra dessa esphera, que nada têm que ver com a moralidade; e sendo um desses o caso, de que se trata, o presidente da província não devia, de mãos dadas com o chefe de polícia, comprehendêr e levar o seu *catorismo* ao ponto de, por meio de uma demissão acintosa, ferir a dous distintos amigos políticos. (*Apoiados*).

Sr. presidente, sabe S. Ex. que em geral a política *fala inglez*. Vejamos, neste sentido, quais são os costumes do paiz classico do regimen constitucional. Os inglezes têm um complexo de principios e regras de uma especie de moral política, a que elles dão o nome de *Ethics of party*. Não são principios tomados de emprestimo á moral *commun*, porém, regras baseadas nas necessidades do respectivo partido, e aquelle que as viola, é olhado com repugnancia pelos seus correligionarios. Sirva de exemplo a posição tomada, em relação ao seu partido, por dous eminentes estadistas ingleses, Wellington e Robert Peel. Sabemos como elles procederam; e no entanto são assim julgados por Erskine May: "Como homens perante a humanidade, elles cumpriram o seu

dever, são dignos de louvor, mas como membros, como chefes de partido, procederam sem honradez, desleal e indignamente".

Ora, Sr. presidente, eu adopto estes principios, e como tal não hesito em dizer-o: desde que S. Ex. o Sr. presidente da provincia e o Dr. chefe de polícia, sem attenderem ás necessidades actuaes do partido, e ainda que fossem a isso levados por escrupulos de moralidade, assentaram em demittir, como demittiram, a esses douz dedicados amigos nossos, demissão esta, cujos effeitos, se se faziam precisos, poderiam aliás ser obtidos por meios mais regulares e menos offensivos, nós outros politicos, a falar sinceramente, não podemos apoiar um similhante acto, não podemos concordar com similhante rasgo de moralidade, toda particular e sem propósito. Não duvido, é verdade, que *vis-à-vis* de suas consciencias, diante de seu oratorio, os senhores presidente da província e chefe de polícia, estejam quites com Deus e com a moral; mas não estão quites com o partido a cujo serviço se acham, e que pôde bem dispensar o concurso dos moralistas; porém, a dar-se moralidade politica, necessita principalmente que ella se mostre em todos os actos daquelle que administra.

Eu notei, Sr. presidente, que o nobre deputado, que falou contra o requerimento, occupou-se de preferencia com a defesa do chefe de polícia, e só *per accidens* tratou do presidente da província.

O SR. GERVAZIO CAMPELLO: — São solidarios. (*Ha muitos apartes*).

O SR. TOBIAS: — Entretanto, se houve erro como creio, esse erro é compartilhado em igual quinhão por ambos elles. Não sei que o presidente da província esteja adstricto ás solicitações do chefe de polícia. O que houve de mau no procedimento deste affecta igualmente

a S. Ex. que de tão bom grado concordou com o acto do mesmo chefe de polícia.

O SR. ERMIRIO COUTINHO: — O presidente da província toma a sua parte de responsabilidade.

O SR. TOBIAS: — Podera não! Se todo homem toma a responsabilidade de seus actos, como não assim o presidente da província? Não o supponho idiota ou mentecapto; só em tal caso poderá deixar de aceitar a responsabilidade do que pratica.

Meus senhores, compunge-me dizer-l-o, mas sou forçado a isso; S. Ex. o Sr. presidente, com essas duas demissões, veio afinal, uma vez por todas, comprovar o juízo, que já circulava na opinião pública, isto é, que nós não temos, na administração desta província, um liberal, porém um conservador. (*Não apoiados. Applausos calorosos das galerias*). De novo peço ás galerias que não me deem aplausos. Assim me compromettem. Devem saber muito bem os meus caros amigos que com isso se pôde especular, e chegar até a dizer que eu me reservo para vir aqui sómente receber estas manifestações!

O SR. BARÃO DE TABATINGA: — Isto é que é muito nobre; e assim deviam proceder todos.

O SR. TOBIAS: — Sim, Sr. presidente, essas demissões vieram provar o que ha muito se dizia, vieram tornar patente que não temos um administrador liberal. E o peior é que, ao passo que os liberaes estão convencidos de achar-se na presidencia da província um conservador, os conservadores ainda crêm que têm pela frente um liberal! Ahi é que está o maior mal. (*Riso*).

Lembro-me, Sr. presidente, de ter conhecido em minha terra um caçador fanático, um desses homens que timbram, que fazem consistir a sua gloria em ser grandes escopeteiros. O bom do meu velho conhecido armava-se, preparava-se para a caçada e nesse intuito

corria campos e florestas, onde via muita corça bonita, muito veado nedio e robusto, mas faltava-lhe a coragem de atirar contra os animaes bravios, e assim voltava sem ter ousado dar, sequer, um só tiro; porém, na ancia de mostrar a todo custo o seu *escopeterismo*, ao chegar em casa, fazia fogo nas aves domesticas do proprio terreiro... E' a figura do Sr. Dr. Adolpho de Barros; passeia nas florestas conservadoras, vê e contempla muita caça de importancia, muito veado agil e formoso, mas não tem animo de atirar, e vem então descarregar sua arma, vem mostrar que tem mão certeira, contra os proprios liberaes !...

O SR. CUNHA E MELLO: — Apoiado.

O SR. TOBIAS: — O que ha ainda de mais singular, é que o nobre administrador da provincia, cujas intenções respeito, mas cujo tino administrativo não posso deixar de contestar, o que ha de mais singular é que elle, segundo parece, tem querido sómente governar ao aceno da oposição conservadora, ao som do *apito* do *Tempo*. E lastimavel tem sido a figura de S. Ex. desse modo adstricto á vontade dos adversarios: assimilha-se á um desses moços de navio, que obedecem cegamente ás ordens do capitão, e isto debaixo de um chuveiro de descomposturas. E' assim que o *Tempo* diz: "Presidente inepto, demitte esta, demitte aquella autoridade!" E *vite* S. Ex. cumpre a ordem. "Presidente inepto, faze mais isto, faze mais aquillo." E promptamente a cousa se faz. S. Ex. vai assim em tudo curvando-se ao mando do *Tempo*, attendendo em tudo ás suas reclamações, acompanhadas de insultos e improperios

Creio que ninguem achará similhante procedimento digno de louvor; pelo contrario elle é muito e muito censuravel. O partido liberal em Pernambuco, secundado por uma administração desta natureza, acha-se de todo

compromettido e completamente estragado. E vós deveis saber, meus senhores, qual é o juizo, qual é a opinião que já vai se formando no espirito das classes, das quaes depende o futuro do paiz, das classes que constituem o nosso *povo*, pois no Brasil não conheço plebe. A opinião é esta, que todos já vão repetindo: neste paiz não se pôde ser liberal; neste paiz só se pôde ser conservador!... (*Calorosos aplausos das galerias*).

E qual é a causa disto? E' justamente este proceder dubio, esta timidez, esta tibia de accão, esta falta de energia de administradores como S. Ex.

(*Ha um aparte*).

O SR. TOBIAS: — Um presidente de província, que veio iniciar uma situação, devia mostrar-se mais energico; não devia aceitar, a todo proposito, as suggestões de um jornal de oposição.

Sr. presidente, a questão suscitada não pôde ser debatida, senão neste terreno. Ella não pôde ser discutida, nem com phrases de moralidade, nem com principios de direito. Não se trata disto. Os nobres deputados, defensores do presidente e chefe de polícia, se lhes fosse perguntado, em que artigo da nossa legislação penal incorreram por ventura o delegado e o administrador da cadeia, pelo facto que motivou a sua demissão, achariam certamente bastante dificuldade em dar uma resposta. E se alguém sabe que m'o diga... O facto praticado por esses dous funcionários não é daquelles, cuja criminalidade está de ante mão determinada por lei. Ha duas ordens de factos que a lei pune nos empregados publicos: as acções ou omissões, que importam crimes; e as acções ou omissões meramente disciplinares. As primeiras têm penas estabelecidas pelo código criminal e leis complementares; as segundas têm penas traçadas nos respectivos regulamentos. Pergunto eu agora, onde está no nosso código

determinada a pena que deveriam soffrer o delegado e o administrador da *Detenção*? E se no código não se acha, qual é a disposição regulamentar, que estabelece penalidade para o acto que elles commetteram?

O SR. MALAQUIAS: — A pena é a mesma que se applica aos que abusam do poder. (*Grande rumor das galerias. Protestos. Alguns Srs. deputados levantam-se gritando: á ordem! á ordem! O Sr. presidente agita fôrtemente a campainha. Só depois de alguns minutos consigue-se restabelecer o silêncio.*)

O SR. TOBIAS: — Respondo ao aparte...

O SR. MALAQUIAS: — Já vê o nobre deputado que eu não posso dar apartes; peço-lhe, portanto, que não se dirija mais a mim.

O SR. TOBIAS: — O nobre deputado não pôde dizer que eu tenha por isso responsabilidade alguma.

O SR. MALAQUIAS: — O que eu digo, é que não posso, sequer, responder a uma interpellação feita pelo orador...

O SR. TOBIAS: — O abuso do poder, pelo nosso direito, é um conceito geral, do qual se desenvolvem as diversas hypotheses e previsões da lei. Abusa-se do poder deste, daquelle e daquelle outro modo; e conforme a variedade destes diversos modos, variam também as penas. Ora, ahi mesmo é que está a questão: no meio dessas diversas fórmulas da morphologia criminal do abuso de poder, pergunto eu, em qual dellas estão incursos o delegado da capital e o administrador da *Detenção*? A questão é esta, e não pôde ser respondida satisfactoriamente.

Pelo que toca ás penas meramente disciplinares, ainda ouso perguntar: qual é o regulamento que proíbe o acto praticado pelos dous empregados demittidos? E no

caso de haver realmente essa proibição, qual a penalidade que lhes é applicável, pela violação commettida?

O SR. ERNESTO FREIRE: — O nosso código criminal marca penas para os casos de falta de execução no cumprimento dos deveres.

O SR. TOBIAS: — E' exactamente o que se questiona. Isso é um sophisma do nobre deputado. Trata-se precisamente de saber, se houve da parte dos dous funcionários descumprimento de um dever. De mais, a falta de execução presupõe alguma cousa de negativo, e o acto arguido é um acto positivo, que se quer entretanto, saber que lei violou. Já se vê que o aparte do nobre deputado não foi muito feliz.

E' pois claro, Sr. presidente, que a administração não procedeu regularmente, pois que não se tratava, nem de um crime propriamente dito, nem mesmo de uma violação de preceitos disciplinares. Porém, demos de barato que fosse um crime: não era esse o meio, como aqui já se fez sentir, de punir os funcionários descumpridores do seu dever; o meio de justiça era fazel-los responsabilisar pelo seu acto criminoso. (*Muito bem. Apoiado.*)

E se o facto estava em condições de ser punido, segundo as normas legaes, a um presidente zeloso da boa nota do seu partido, a um político zeloso da harmonia dos seus correligionários, corria o dever de não escandalisal-os por meio de demissões caprichosas dadas a dous membros notáveis da nossa commun crença política.

Minha questão é sómente esta. Creio que tenho me feito entender; eu não faço cabedal da moralidade ou não moralidade do acto; pois que comecei por dizer: em política não admitto a bitóla moral, não sei o que é política moralisante; em política, na nossa política, não comprehendo catonismos, pois nós não temos Catões.

Qualquer partido, qualquer grupo, qualquer facção política, entre nós, e onde quer que se ache, não passa de uma *galeria de estatutas mutiladas*. Todos nós temos as nossas mutilações. Para que pois lançar mão desse meio, o meio de moralisar, que aliás se abandona em outras ocasiões, onde por ventura seria mais útil o seu emprego? Que quer dizer, em tais casos, o manejo da estricta moralidade? Se devessem sempre e sempre prevaler os princípios de estricta moral e absoluta justiça, ninguém dirá seriamente que nós outros aqui estariamos.

Prometti, Sr. presidente, franqueza e sinceridade. Os nobres deputados hão de permittir que lhes diga: nada faremos, nada conseguiremos, se quizermos, como políticos, seguir á risca os chamados princípios de moralidade, sobre tudo, se se attende que a administração da província só se lembra delles, para ferir e abater o partido liberal. Isso dará sómente em resultado aumentar o desanimo e o desgosto, que já sentem muitos de nossos correligionários.

Assim, Sr. presidente, já vê S. Ex., que razão de sobra tem o nobre deputado, autor do requerimento, para pedir informações sobre tal negocio; razão de sobra tem elle para queixar-se e lastimar que tenhamos chegado a este ponto, em que aos pobres liberaes já não resta, sequer, aquella convicção que dá uma certa segurança de direito. Por segurança de direito publico entendo aquelle estado em que o homem pertencente a um credo político pôde affirmar consigo mesmo; ao menos enquanto estiver de cima o meu partido, não ser-me-ha tirado, por capricho político, o cargo que exerce; confio que nesse serei conservado.

Mas nem mesmo esta confiança pôdem mais ter os liberaes. Estão acabadas para elles todas as garantias que deveriam encontrar naturalmente em um administrador

sectorio do mesmo partido; deste partido em lucta com um outro, que aliás não se distingue pela perseguição aos seus correligionarios.

Notai bem, meus senhores. A vida politica no Brasil é um verdadeiro jogo de dous parceiros. Nesse jogo, nessa lucta pelo ganho, empenha-se o futuro, empenha-se tudo. Um dos parceiros, o partido liberal, quer ser sincero, quer timbrar de honrado, quer fazer de homem de bem; o outro, porém, que é habilissimo na arte da *empalmação (riso)* sabe tirar vantagem da honradez do seu contendor, ganhando-lhe a fortuna inteira; e o pobre do maluco levanta-se perdido, tendo apenas a consciencia de se haver derrotado com toda a sinceridade. (*Riso*).

Ora, Sr. presidente, se sabemos de tudo isto, para que mostrar tanto rigor sobre o negocio que se discute? Se esses funcionarios delinquiram, que se os mandasse processar. Nesse processo elles teriam occasião de esclarecer a causa, de provar a sua innocencia ou a sua criminalidade. Mas assim de chofre, summariamente, dar-se-lhes uma demissão, cuja justiça pôde ser contestada, e realmente eu contesto, por me parecer que foi antes um acto caprichoso e desponderado... oh! isso não era digno de passar em silencio. E eis porque voto em favor do requerimento.

Sr. presidente, é preciso que attendamos: o nosso partido não está seguro. Eu tenho serios receios pelo futuro do partido liberal, e os meus receios vão sendo cada vez mais alimentados por estas e outras anomalias.

UM SR. DEPUTADO: — Anomalia é o que está dizendo o nobre deputado.

OUTRO SR. DEPUTADO: — Tem dito muitas verdades que lhe desgradam.

O SR. TOBIAS: — Sim, Sr. presidente, tenho receios pela sorte do partido liberal em Pernambuco, onde ti-

vemos a infelicidade de se mandar como presidente, como creador, por assim dizer, de uma situação e iniciador da nova phase politica na provincia, um espirito timido e acanhado, inteiramente baldo daquelle força e energia do caracter, que deve distinguir a todos os politicos, principalmente a um administrador.

Disse uma vez Agostinho Thierry, e já na ultima quadra da sua existencia: "Eu lutei, estudei, caminhei e cheguei enfim, por amor da sciencia, a este ponto, em que me vejo — cego, completamente cego. Pois bem: se me fosse dado começar de novo a minha jornada, eu seguiria exactamente o mesmo andar, percorreria exactamente o mesmo caminho."

Ora, pois, Sr. presidente, quero aqui servir-me das palavras do mestre; eu cheguei a este ponto; mas se me fosse concedido refazer a minha viagem, seguiria de novo o mesmo trilho, dormiria á sombra das mesmas arvores, colheria na estrada as mesmas flores, em uma palavra, andaria exactamente pelo mesmo caminho; só havia uma diferença: é que não acreditava mais no liberalismo oficial de Pernambuco.

(*Prolongados aplausos das galerias. O orador é comprimentado*).

---



## IV

### Educação da mulher

(ASSEMBLÉA DE PERNAMBUCO. — SESSÃO EM 22 DE MARÇO DE 1879)

O Sr. TOBIAS: — Sr. presidente, trata-se, ao que parece, de uma questão importante; e eu não tive a felicidade de assistir ás duas primeiras discussões do projecto, que foram, segundo consta, de um valor scientifico não commum. Não tenho tambem, portanto, a vantagem de me achar com o espirito esclarecido pela observação do muito, que de bom e luminoso aqui se tenha porventura enunciado, para entrar, como agora entro, com a minha parte de interesse e dedicação convicta, na materia que se debate.

E não é só isto. Além de não ter a vantagem, de que falo, accresce ainda que me sinto embaraçado pela consideração do perigo, a que me exponho, de vir talvez repetir, sem saber-o, alguma cantiga já conhecida, e dest'arte reduzir as minhas palavras a não serem mais do que uma segunda ou terceira *dynaminisaçō* do que outros já tenham dito, phēnomeno que não é raro nas nossas *corporações falantes*.

Este perigo, que corro, como correm todos em iguaes condições, inquieta-me sobremodo; e é por isso, Sr. pre-

sidente, que o meu primeiro e maior trabalho será o de esforçar-me para evitar um tal escolho, para não repisar o terreno pisado, para não comer o sobrejo alheio, quero dizer, não servir simplesmente de *caixa de resonancia* daquelle que nesta casa foi ouvido, quer a favor, quer contra o projecto em discussão. Cada cousa tem as suas nove faces, diz o proverbio.

Por mais que os illustres deputados, que tomaram parte na questão, tenham perscrutado todas as dobras, de que ella se compõe, é sempre de presumir que algum ponto importante passasse despercebido, ou pelo menos não fosse devidamente apreciado.

Eu ouso pois confiar na boa causa que trato de defender, e no bom genio que me inspira, o genio do reconhecimento e do culto rendido ás excellencias do bello sexo, ouso confiar, repito, que poderei tambem contribuir com algumas verdades, seriamente meditadas e franca mente expressas, para arredar desta assembléa a immensa responsabilidade de um peccado imperdoavel contra o *santo espírito* do progresso, de um crime de lesa-civilisação, de lesa-sciencia, qual seria sem duvida o de ficar aqui decidido, barbaramente decidido e assentado, que a mulher não tem capacidade para os misteres scientificos, para os misteres que demandam uma alta cultura intellectual.

VOZES: — Muito bem!

O SR. TOBIAS: — Existe, Sr. presidente, um certo genero de assumptos, sobre os quaes é mais facil escrever um livro, do que fazer um discurso. A este genero pertence o thema, que nos occupa; não, considerado em sua forma primitiva, como elle se acha contido na modesta petição de uma menina intelligente, que veio impetrar da provincia uma subvenção para ir estudar medicina, mas sim tal qual o tornaram, com as proporções, qte lhe deram, levando-o para o chamado *campo scientifico*, onde

aliás é certo que a theoria sustentada pelo nobre deputado, o Sr. Dr. Malaquias, já de ha muito retirou-se do combate, envergonhada de si mesma, theoria decrepita, sem razão de ser, pretendida *physiologica*, da mulher condemnada por natureza á incapacidade e ao atrazo mental, theoria que já hoje, no mundo da sciencia, representa o mesmo papel, que representa, no mundo poetico, a insulsa maldição classica dos *vates* indignados contra as *Marilias* sempre ingratas, as *Marcias* sempre crueis, as *Jonias* sempre traidoras.

Quando digo, Sr. presidente, que este assumpto presta-se mais a um livro do que a um discurso, não viso por certo um livro de doutrina, porém um livro de historia, no qual se narrassem todas as phases, por que tem passado a questão aqui suscitada, e o estado em que ella se acha. Tal é o muito que se tem escripto a respeito e tanto que essa questão possue, por si só, uma immensa litteratura. Se pois alguma cousa me pôde causar admiração, é ver um espirito culto, qual é o nobre deputado, combatente do projecto, um digno representante da medicina entre nós, por capricho ou māo humor...

O SR. MALAQUIAS: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — ... abraçar-se com o cadaver de uma theoria inanida, que já não pertence aos nossos tempos, que deve ser enterrada na mesma fóssa, em que dorme o pobre dogma do peccado original, de quem ella é filha bastarda, o dogma da quēda de Adão por culpa de Eva, e o terrivel *veredictum*:... *sub viri potestate eris et ipse dominabitur tui!*... Sim, é isto que me admira, e esta admiração sobe de ponto, quando considero que foi em nome da sciencia, que o illustre deputado pretendeu falar; que foi em nome da sciencia, e pela força unica do adverbio — *physiologicamente*, que pretendeu demonstrar a inferioridade da mulher, sua dependencia perpetua em

relação ao homem, sua inaptitude para os estudos serios; tudo isto escripto, como elle pensa, no proprio cerebro feminino: o que, entretanto, não passa de uma especie de *buena dicha*, pela qual se tem a pretenção de lér na massa cerebral da mulher o seu predestino, os limites do seu desenvolvimento, o acanhado de sua intelligencia...

O SR. MALAQUIAS: — Pretenção muito legitima.

O SR. TOBIAS: — ... da mesma forma que as bohemias feiticeiras leem na palma da mão a sorte boa ou má de quem quer que a ellas para isso se offereça. Dar-se-ha que a physiologia seja tambem uma cigana? Dar-se-ha que ella se arrogue o dom de predizer e ser infallivel em suas predições?... A physiologia, da qual aliás diz um homem competente, que deve ser muito autorizado para o nobre deputado, o Sr. Augusto Laugel, *bien connu dans les sciences physiques*, como d'elle exprime-se Littré... a physiologia, sim, da qual diz esse sabio que, como todas as sciencias na infancia, está sobre carregada de observações, ou falsas, ou incompletas?!

O SR. MALAQUIAS: — Dá um aparte.

O SR. TOBIAS: — Este estranho modo de pensar da parte do nobre deputado faz-me comprehender a exactião, com que ha pouco tempo o grande zoologo alle-mão Carl Semper, um dos mais fortes adversarios de Ernesto Haeckel, escreveu que no dominio das sciencias verifica-se a mesma lei natural, que se dá na vida dos povos, a saber: o vencido tem sempre alguma influencia sobre o vencedor; e assim vemos que a zoologia está prestes a admittir o methodo praticado naquelle ordem de idéas, contra a qual ella tem de preferencia combatido, e crê ter ganho a victoria, isto é, está prestes a admittir a fé absoluta em dogmas, que por se dizerem scientificos, não são menos incomprehensiveis que os dogmas religiosos.

Neste caso está o dogma impertinente, o artigo da fé tradicional, que se quer impor como baseado em provas physiologicas, relativo a não sei que incompetencia natural da mulher para o cultivo completo de suas faculdades mentaes.

Costuma-se dizer, Sr. presidente, que, na esphera politica, nada existe de mais terrivel do que a *dictadura da espada*. Pois bem: conheço alguma cousa de similhante, alguma cousa de igualmente horrivel na esphera scientifica: — é a *dictadura do escalpello*.

Mas eu me illudo: estou querendo fazer a physiologia, ou qualquer outra sciencia medica, responsavel por um modo de ver pessoal, por uma insistencia no erro da parte de quem quer que ainda creia poder provar, com factos scientificos, que a mulher é, por natureza, mediocre.

O SR. MALAQUIAS: — E' a lei quem o diz.

O SR. TOBIAS: — Que tem mais que vér a physiologia, a sciencia do homem em geral, com similhante anachronismo?

Sr. presidente, permitta-me S. Ex. que eu conte uma pequena historia. Ha cerca de 25 annos existio na capital da Bahia um velho philologo, latinista e hellenista, *doctus sermones utriusque linguae*, a quem uma vez ocorreu a lembrança de tentar provar, *por meio da algebra*, que a alma humana é immortal. Firme neste proposito, metteu mãos á obra, e estabelecendo a sua equação com o competente —  $X$  —, depois de muito suar e lidar, achou enfim o que queria, ficando ufano e contentissimo da sua descoberta; e morreu convicto de ter com effeito demonstrado a immortalidade da alma — *algebricamente!*...

E' preciso todo o sério, que inspira o spectaculo dos tumulos, para conter o riso diante de tal tentativa, diante dessa especie de délit manqué philosophico de um

pobre espirito, que assim se finou na graça de Deus e da madre igreja, com cheiro de idiotismo.

Ora, a esta classe de demonstração, *mutatis mutandis, exceptis exceptiendis*, pertence aquella que se julga feita — *physiologicamente*, — com o fito de deixar claro que a mulher é incapaz de compartir com o homem de todos os esforços e todos os proventos da civilisação e do progresso.

Seja-me licito, Sr. presidente, repetir aqui as palavras de um grande espirito contemporaneo, um notavel professor da universidade de Copenhague:

‘Na sociedade moderna, diz elle, o individuo que nella entra e com ella vive, encontra, por assim dizer, um antigo vestuario de prejuizos, que elle deve ageitar ao seu corpo. Como assim? pergunta o misero condemnado a enfiar, mau grado seu, o uniforme social, é indeclinavelmente preciso que eu me embrulhe neste manto esburacado? Não posso dispensar a velha roupa que todos vestem? E’ inevitavel que me pinte o rosto, ou que ponha tambem a minha mascara? Devo eu necessariamente crer que Polichinello não tem giba, que Pierrot é um homem honesto, e Arlequim um homem sério? Não se concede, neste sentido, uma graça em favor de alguem?... Nenhuma graça se concede se tu não queres ser açoitado por Polichinello, escouceado por Pierrot e palmatoriado por Arlequim.’

Magnificas palavras que subscrevo de coração porque elles exprimem perfeitamente a triste verdade das cousas.

Ora pois: eu affronto impavido o látigo de Polichinello e a férula de Arlequim, para dize-lo alto e bom som: um desses antigos vestuarios de prejuizos e erroneas opiniões consagradas, uma dessas peças de roupa velha, mais anachronica e ridicula do que os colletes de

paysagem e as calças de alçapão dos nossos antepassados, é a idéa preconcebida, a opinião extravagante de que a mulher não tem talento para a cultura scientifica.

O nobre deputado, a quem aprouve dar á presente questão uma cor, que não se fazia aqui precisa, e chama-l-a para um terreno, onde ella correu, se ainda não corre o risco de ter uma solução desfavoravel á joven peticionaria; o nobre deputado, que poe o seu talento a serviço de uma causa má, porque importa a sustentação de uma theoria atrazada, permittirá que lhe diga: ou S. Ex. acha-se ao facto de que existe de assentado a respeito da aptitude feminina para os estudos medicos, e sufficientemente informado sobre as phases que tem atravessado essa questão; ou não se acha. No caso affirmativo, S. Ex. não tem desculpa de haver guardado segredo, de haver escondido o que ha de mais novo sobre a materia, para tomar um ponto de vista inadequado e prejudicar assim a pretenção da impetrante. Se porém, ignora, o que duvido, ainda menos desculpável é S. Ex., pois que devendo inteirar-se do verdadeiro estado da questão, e não o fazendo, não pôde insistir, como tem insistido, na defesa de sua opinião, que é mal segura, desde que em torno della não se agrupam factos comprobatorios e argumentos fornecidos por uma theoria mais vigente. (*Apoiadas*).

Sr. presidente, a questão que aqui hoje nos occupa, a questão de saber se a mulher pôde estudar e exercer a medicina, já não é uma tal, já não tem carácter problematico para o alto mundo scientifico. Pôde-se até fazer-lhe a historia e enumerar os seus *momentos* diversos. Foi em dezembro do anno de 1867, que na Europa se deu o primeiro impulso para um dos maiores movimentos dos tempos modernos, sendo conferido a uma mulher, em acto solemne o grão de *doutora em medicina*

por uma universidade celebre, a universidade de Zürich. Essa mulher é uma russa e seu nome Nadeschda Suslowa. Foi esta, sim, a primeira vez que se resolveu alli praticamente e de modo satisfactorio o problema inquietante dos estudos universitarios da mulher, em commun com estudantes do sexo masculino. Até então não se tinha suscitado duvida séria sobre a competencia, ou incompetencia della, para as funcões especiaes de medico.

Este facto que na occasião tomou as proporções de um acontecimento, não deixou de ter sua influencia. O exemplo de Nadeschda Suslowa attrahio a Zürich outras aspirantes; e tres annos depois, a 12 de março de 1870, recebia igualmente o grão doutoral a segunda medica daquella universidade, uma moça ingleza Elisabeth Morgan, sobre cujo caracter e talento se exprimiram do modo mais honroso, na occasião do gráo, diversos professores da escola. Tal foi a impressão do acto e do brilhante papel da moça medica que não resistiram ao desejo de manifestar a sua admiração. Ao decano da faculdade o professor Biermer, coube arguila a respeito da dissertação, que tratava do seguinte ponto: — *Sobre a atrophia progressiva dos musculos*. Creio que é um ponto scientifico e de alguma importancia. Creio, digo eu, porque nestas materias sou um simples devoto, um simples crente; posto que, é verdade, quando menino, na minha terra, ouvisse muitas vezes alguns devotos discutirem theologia com o vigario. (*Riso*). A moça doutoranda respondeu a todas as objecções de um modo tão vantajoso, que o professor não poude conter o seu entusiasmo, dirigindo-lhe entre outras as seguintes palavras: "Vós tendes, mademoiselle, uma boa parte na solução do grande problema social que aqui nos occupa. Pelo vosso serio scientifico vos tornastes um modelo para as mulheres que aqui estudam; e eu não duvido um só instante que, em

vosso proprio interesse e para bem de muitas outras, haves de aplicar dignamente os conhecimentos entre nós adquiridos."

Do meio dos moços estudantes, pois que naquella universidade teem elles o direito, que oxalá existisse tambem nas nossas faculdades, de arguirem os doutorandos, ergueram-se então duas vozes a atacar duas das *theses*, não sei se por um acto de grosseria, ou de simples galanteio, e a ambos os oppoentes, diz o autor, a quem devo estas informações, a candidata respondeu *tranquilla e satisfactoriamente*. Terminado o acto da promoção de Miss Morgan á doutora de medicina, cirurgia e obstetricia, um outro professor universitario, na allocução que proferio, disse-lhe ainda: "... Acabais de dar-nos uma nova garantia do bom exito da experientia, que fazemos em Zürich, para a solução da questão social, que hoje mais que qualquer outra preoccupa o mundo: a questão da mulher."

Isto dava-se em março de 1870. Em outubro de 1871 e no acto do doutoramento de outra medica da mesma universidade, o anatomista professor Hermann Meyer dizia tambem á joven aspirante: "Mostrastes pelo vosso exemplo que é possivel á mulher dedicar-se com todo o sério á vocação medical sem por isso renegar o carácter feminino."

Como se vê, o facto estava assentado e ninguem ousava contestal-o. Eis que, porém, nesse mesmo anno de 71, levantou-se uma voz, uma unica voz autorisada para protestar contra elle, e tentar ainda convencer o público da incapacidade feminina para os misteres medicos. Essa voz foi a do Dr. Frederico Bischoff, professor de physiologia na universidade de Münich, o qual escreveu uma obra especialmente destinada ao assumpto,

que tem por titulo: *Do estudo e do exercicio da medicina pelas mulheres.*

Apparecendo este livro, no qual, depois de apresentar todos os argumentos e considerações theoricas em apoio de sua opinião, Bischoff teve a franqueza de declarar que nunca tinha ensinado a mulher alguma, nem jamais admittil-as-hia entre os seus discípulos, foi como que uma provocação aos professores de Zürich, e a refutação não se fez muito esperar. Os Drs. Victor Boemert e Hermann, não aquelle, de que já falei, mas um outro lente de physiologia, sahiram ao encontro de Bischoff, o primeiro no escripto: *O estudo das mulheres, segundo as experiencias da universidade*, e o segundo em outro escripto: *O estudo das mulheres e os interesses da escola superior de Zürich*. Dous pequenos livros, em que as idéas preconcebidas de Bischoff são de todo combatidas e mostra-se claramente o anachronico da sua obra, o fraco da sua argumentação, que ainda se basea em grande parte na ordem providencial do destino da mulher e sobretudo a singularidade de falar *a priori* de uma cousa, sobre que não tinha conhecimentos praticos.

Não ficou ahi. Alguns outros professores ainda acharam occasião de dar o seu parecer sobre o ponto questionado; e homens, como Frey, lente de anatomia e histologia comparada, e o já mencionado Biermer, decano da faculdade e lente de clinica se expressaram de maneira a não deixar a minima duvida: "De accordo com as minhas experiencias, diz Frey, que todas se fundam na instrucção pratica, sou forçado a reconhecer em um grande numero de cabeças femininas uma alta capacidade para o estudo das disciplinas anatomicas, e até para os pontos mais difficeis da anatomia superior... Exactamente na microscopia, parte importantissima da medicina moderna, a mulher tem um futuro." E Biermer expri-

me-se assim: "Na clinica muitas mulheres se têm distinguido e assignaldo por uma cuidadosa indagação e uma excellente diagnose."

Já isto seria bastante, quando mesmo fosse tudo. Mas não é tudo. Saiba mais o nobre deputado, meu ilustre e respeitável antagonista na questão debatida, que quasi por esse mesmo tempo, em que taes cousas se davam na Suissa, admittira-se na universidade de Edinburgo o ensino das mulheres. Sucedeu, porém que os estudantes inglezes, impellidos não sei por que motivo, entenderam dever fazer barreira á tendencia dominante, e reunindo-se para isso peticionaram á faculdade, e esta resolveu por 6 votos contra 4 a exclusão das discipulas. Contra uma tal exclusão protestou o lente de anatomia Dr. Handyside, e o seu protesto é tanto mais digno de consideração, quanto é certo que foi feito, sem intenção possível de lisongear o bello sexo, em uma carta particular, dirigida ao Dr. Boemert, em que elle declarou que os estudantes tinham feito aquelle movimento levados de pretextos frivulos (*on very frivolous pretences*). E terminou a carta (o nobre deputado tome nota das expressões do seu collega) dizendo: "E' *ridículo*, em nossa profissão querer-se ainda lutar contra a corrente, pois as mulheres são sem duvida admiravelmente conformadas para brilhar (*to excel*) em anatomia, cirurgia, obstetricia, pharmacia e muitos outros departamentos da profissão medica."

Eu creio, Sr. presidente, que em presença de tantos e taes factos, confirmados pelo testemunho de homens competentes, não é possível insistir no modo de ver contrario. Onde existe a cultura, existe de parceria com ella a docilidade. O meu honrado collega, combatente do projecto, ha de convir que neste ponto deixou-se mais conduzir por um máo humor...

O SR. MALAQUIAS: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — ... por um capricho, por um desses impetos de momento...

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Quem sabe se o defeito não está no signatario do projecto?...

O SR. TOBIAS: — ... pois que tendo bastante habilitação, como lhe reconhecemos...

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Apoiado.

O SR. TOBIAS: — ... sendo mesmo autoridade na materia por elle discutida, deve saber e concordar que não se trata de uma questão theorica, de uma questão que se possa resolver com dados *aprioristicos*, porém de uma que só no terreno experimental pôde ser elucidada. Ora, no terreno experimental, esta questão está resolvida do modo mais favoravel á mulher.

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Apoiado.

O SR. MALAQUIAS: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — Os factos ahi estão e com elles o testemunho de homens notabilissimos. Não é mais possível insistir de encontro ao que já é verdade reconhecida; salvo, se se pretende qualificar todos esses homens de incompetentes, ou animados de paixões inconfessaveis, o que não é admissivel. São homens sérios, que estudaram a materia com a seriedade da sciencia.

O SR. ERMIRIO COUTINHO: — Autoridades.

O SR. MALAQUIAS: — Existem tambem muitas em contrario.

O SR. TOBIAS: — Agora, Sr. presidente, passarei a apreciar outro ponto da argumentação do nobre deputado. Segundo constou-me, a maior parte das considerações feitas por S. Ex. contra a idéa contida no projecto, referio-se ao cerebro da mulher. Eu disse nas minhas palavras iniciaes que a theoria professada pelo nobre

deputado é uma theoria decrepita. Não foi isto um dito de occasião, mas um dito de convicção.

Essa theoria, repito, que ensina a determinar o grão de intelligencia unicamente pelo peso do cerebro, é cosa um pouco desacreditada e não faz muita honra a quem quer que ainda queira basear-se nella. E' quasi o mesmo ponto de vista da velha doutrina de Gall.

E não é preciso ser espiritualista, como eu não o sou, no sentido vulgar da palavra, para assim pensar. Se para ser materialista, no sentido scientifico, se faz necessario, indeclinavelmente necessario, que se communguem taes doutrinas, então não sou tambem materialista, porque não admitto essa mechanica cerebral, essa proporção entre a massa do cerebro e o grão de intelligencia. Acho-a incomprehensivel e acho-a assim porque não vejo razão alguma de força, que a possa sustentar.

O SR. MALAQUIAS: — As leis physiologicas.

O SR. TOBIAS: — Quaes são elles?

O SR. MALAQUIAS: — Quanto mais bem desenvolvido é o orgão, melhor é a função.

O SR. TOBIAS: — E isto já será de certo uma lei? O maior peso do cerebro é por si só uma prova de maior desenvolvimento? A physiologia, que até hoje, como diz pessoa competente, não se tem ocupado nem com as funcções do desenvolvimento, nem com o desenvolvimento das funcções, bem poucas *leis* apresenta, que não possam soffrer contestação; e nesse numero não se contam as que dizem respeito ao cerebro.

Basta-me o seguinte facto: Nós temos conhecimento do peso cerebral de alguns grandes homens. Perguntarei pois ao nobre deputado ou a outro qualquer que siga a mesma theoria, como pôde explicar este phenomeno: o cerebro de Byron, por exemplo, pesou 2238 grammas, e o de Dupuytren 1436, um peso tal que offerece para com

o primeiro uma diferença de 802 grammas, uma libra e tres quartas, pouco mais ou menos. Ora, a uma diferença tamanha no peso do cerebro deveria corresponder uma notavel diferença intellectual entre os dous espiritos. Mas porventura Byron, como poeta, foi maior do que Dupuytren, como cirurgião?...

O SR. MALAQUIAS: — Como cirurgião foi o primeiro do seu seculo.

O SR. TOBIAS: — Como Byron tambem o primeiro poeta. Admittido, pois, que a massa cerebral tivesse a significação, que se lhe quer dar, se ao peso de 2238 grammas corresponde um genio poetico da estatura de Byron, ao peso de 1436 não poderia corresponder um genio cirurgico do quilate de Dupuytren.

Mas isto não diz tudo; a questão tem ainda uma outra face. Na pergunta que vou fazer, está a morte da theoria que combato. Eis aqui o que vai matal-a: qual é o peso normal do cerebro humano? (*Pausa*).

O SR. MALAQUIAS: — Ha uma media.

O SR. TOBIAS: — Uma media não é peso normal.

Peço ao nobre deputado que me dê um peso certo e determinado.

Quantos cerebros já foram encontrados com peso igual uns aos outros? Não se conhece. Sempre offerecem diferenças e estas diferenças estão dizendo que não ha *normalidade*, não ha uma lei fixa a respeito.

Além disto, ainda temos a considerar o seguinte: a theoria do peso do cerebro, como medida intellectual, é anachronica e insustentável, não só pelas razões, que acabo de expender, como tambem por um outro motivo que peço ao nobre deputado se digne de apreciar. Nós sabemos da grande importancia, do grande desenvolvimento, que tem tido a doutrina da *selecção natural* de Darwin, sobretudo reformada e engrandecida em mais de

um ponto por Ernesto Haeckel. Pois bem: entre as leis da *conformação ou adaptação indirecta*, de que fala Haeckel, está em primeiro logar aquella que elle chama da *adaptação individual*, e segundo a qual os individuos de uma mesma especie nunca são totalmente iguaes.

Ora, pergunto eu: a *differenciação cerebral* não é mesmo um effeito desta lei? O peso do cerebro não se explica tambem por essa *adaptação individual* pela qual nunca se encontrarão dous individuos com igualdade de massa cerebral? E, sendo assim, como querer-se, comparando a mulher com o homem, deduzir de pequenas diferenças no orgão do pensamento uma enorme distancia entre um e outro na capacidade intellectual?!

E' inadmissivel.

Sr. presidente, a questão que se ventila tem duas faces: uma face particular, a que nos diz respeito, no caso determinado, e uma face geral, aquella que se refere ás grandes idéas do seculo, que se prende ao movimento do mundo civilisado. Aqui falou-se da *emancipação da mulher*, com o proposito consciente de prejudicar a petitionaria...

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Apoiado.

O SR. TOBIAS: — ... Mas essa mesma questão da *emancipação da mulher* não é uma cousa extravagante; é o nome dado a um dos mais serios assumptos da época, em toda sua complexidade. Ella offerece tres pontos de vista distintos: o ponto de vista *político, civil e social*. Quanto ao primeiro, a *emancipação política* da mulher, confessó que ainda não a julgo precisa, eu não a quero por ora.

Sou relativista: attendo muito ás condições de tempo e de lugar. Não havemos mister, ao menos no nosso estado actual, de fazer *deputadas* ou *presidentas* de província.

UM SR. DEPUTADO: — V. Ex. é oportunista.

O SR. TOBIAS: — Pelo que toca, porém, ao ponto de vista *civil*, não ha duvida que se faz necessario emancipar a mulher do jugo de velhos prejuizos, legalmente consagrados. Entre nós, nas relações da familia, ainda prevalece o principio biblico da sujeição feminina. A mulher ainda vive sob o poder absoluto do homem. Ela não tem, como deveria ter, um direito igual ao do marido, por exemplo, na educação dos filhos; curva-se, como escrava, á soberana vontade marital. Essas relações, digo eu, deveriam ser reguladas por um modo mais suave, mais adequado á civilização.

O SR. CLODOALDO: — Com igualdade absoluta de direitos é impossivel a familia.

O SR. TOBIAS: — Igualdade absoluta! São termos que se repellem, pois a igualdade é uma relação.

O SR. CLODOALDO: — O que eu quero dizer é que não comprehendo a sociedade conjugal sem uma autoridade.

O SR. TOBIAS: — Esta autoridade estaria na lei. O que eu desejava, pois era que a lei regulasse as relações da familia de tal maneira, que não podesse aparecer nem a anarchia nem o despotismo.

O SR. CLODOALDO: — E é o que temos.

O SR. TOBIAS: — Perdão! Nós temos o despotismo na familia.

O SR. CLODOALDO: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — Se, por um lado, podemos apresentar exemplos, sómente devidos a uma boa índole, de maridos que seguem os conselhos de suas mulheres, que condescendem com a vontade delas, por outro lado, encontramos muitas vezes verdadeiros despotas, similares aos reis do Oriente, para quem a vida claustral é a missão suprema da mulher e que, fazendo todo o uso de seu direito, querem porque querem, mandam porque podem... *et terra siluit in conspectu ejus.*

Mas vamos ao lado *social* da questão. Ali é que está comprehendida a emancipação scientifica e litteraria da mulher, emancipação que consiste em abrir ao seu espirito os mesmos caminhos que se abrem ao espirito do homem; e a este lado é que se prende o nosso assumpto. Se pois não se trata de fazer uma concessão de tal natureza, que venhamos d'aqui a annos ter uma deputada ou aspirante á presidencia da republica; se não se trata mesmo de conceder á mulher esta ou aquella liberdade no dominio do direito civil propriamente dito; se é unicamente um passo dado para a emancipação social, no sentido em que falei; se é este o primeiro exemplo que vamos dar, a primeira porta que vamos abrir, um incentivo que vamos crear para o bello sexo em geral; porque não fazer essa concessão, quando ella é tão pequena; quando é um favor tão simples, que quasi nada custa á província? (*Apoiados*).

Examinemos ainda uma vez a theoria, ou antes a opinião *caprichosa* do nobre deputado.

O SR. MALAQUIAS: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — Essa theoria tem sua historia. Como eu disse ao principio, ella é filha bastarda do dogma impertinente do peccado original. Passou do velho para o novo testamento e incorporou-se ás doutrinas de São Paulo, o qual na sua *primeira epistola a Thimoteo*, capitulo II, v. 11 e 12, assim se exprime: — “*Mulier in silentio discat cum omni subjectione...* — *Docere autem mulieri non permitto, neque dominari in virum; sed esse in silentio.*

E quer agora ver o nobre deputado que razão adduzio S. Paulo para fazer uma tal proibição e impôr á mulher tão barbara lei? Elle mesmo diz: — é que Adão foi creado primeiro!... *Adam enim primus formatus est, deinde Eva...*! — O orgão das funcções logicas estava

um pouco desarranjado no grande creador do catholicismo. Mas a sua *razão* prevaleceu, e até hoje a mulher tem estado e ainda se quer que esteja em silêncio.

Já se vê que a doutrina do nobre deputado é a mesma velha doutrina da igreja, filha da biblia sagrada...

O SR. MALAQUIAS: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — ... é a doutrina de S. Paulo, a doutrina do catholicismo, cuja influencia se fez sentir na jurisprudencia italiana da idade media, e não só nesta, como tambem na jurisprudencia allemã dos seculos 15, 16 e 17. E' assim que Paulo Zachias, medico-legista desse tempo, resumio tudo o que pensava sobre a mulher nas seguintes palavras: *Das Weib ist geboren, um zu gebaren.* Textual: *a mulher nasceu para ter filhos.*

E os juristas italianos, como quasi todos da época, tinham phrases feitas para designar a inferioridade feminina, — *consilium invalidum, imbecillitas, infirmitas animi, etc...* o que tudo, queria dizer que a mulher não tem cabeça, que é fraca de juizo!... Eis ahi!

Eu não sei, Sr. presidente, como o nobre deputado, antagonista do projecto, *espirito emancipado*, pôde chegar, sob este ponto de vista, a abraçar-se com a santa igreja, a abraçar-se com S. Paulo. (*Apoiados*). Ora ahi está, meus senhores: acabo de fazer uma conversão, converti o Sr. Dr. Malaquias.

O SR. MALAQUIAS: — Perdão: eu estou nos braços da sciencia.

O SR. TOBIAS: — Engana-se; está com o catholicismo, está com S. Paulo, está com os santos padres, que tinham duvidas sobre a alma racional da mulher, como hoje se duvida do seu cerebro, está com a jurisprudencia catholica da idade media, está com toda essa gente...

O SR. GERVASIO CAMPOLLO: — Então está salvo. (*Riso*).

O SR. TOBIAS: — Se não se tratasse de um *espírito emancipado*, como acabo de qualificar o nobre deputado, não lançaria mão desta ordem de considerações, pois que ella, em relação a outro, não teria razão de ser. É um argumento *ad hominem*, que só tem força, applicado ao nobre deputado que tem *idéas livres* e não faz nenhum mysterio do seu modo de ver anti-catholico. E é justamente por isso que a attitudo de S. Ex. seria para mim uma cousa inconcebivel, se eu não visse nella um mero arroubo de occasião.

O SR. MALAQUIAS: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — Com effeito, Sr. presidente, dizer que a mulher não tem competencia para os altos estudos scientificos é, além do mais, um erro historico, um attentado contra a verdade dos factos. Seja-me licito aqui, lançando de passagem uma vista retrospectiva, indicar uma série de mulheres extraordinarias, cujo brillante papel na historia não foi ainda superado, comparando-se mesmo com os grandes homens.

Assim vemos apresentarem-se na Grecia, além de Sapho, Myrtis e Corinna, tambem poetisas, a quem cabe a gloria de terem sido mestras do maior lyrico daquella nação, mestras de Pindaro. E não sómente a poesia, a philosophia teve igualmente suas dignas representantes. Dest'arte nomeia-se como primeira philosopha Clobulina, filha de Cleobulo, que floresceu na época dos *sete sabios*. Pythagoras contou, entre os seus discípulos, grande numero de mulheres. Diz-se mesmo que elle aprendeu a philosophia com sua irmã Themistocléa, e que a sua mais applicada discípula foi Theano, sua mulher. Nomeia-se ainda a Thargelia, de Mileto, mestra de Aspasia, a mulher de Pericles, a mestra de Socrates...

Nos tempos posteriores e saltando por sobre a idade media onde a mulher desaparece de todo pelo voto re-

ligioso, pelo isolamento da vida claustral, posto que, mesmo assim, mais de uma, nessa época se possa mostrar, bem digna de louvor e admiração, sabemos, por exemplo, de uma Nina Siciliana, de uma Olympia Morata. A tradição fala de Helena Calderini, filha de Giovanni Andréa Calderini, professor de direito canonico na universidade de Padua, a qual costumava substituir a seu pai, quasi sempre ocupado em missões diplomáticas; e quando isto fazia, subindo á cadeira, era escondida por detraz de uma cortina, para não distrahir, com a sua beleza, a attenção dos seus ouvintes! E' facto historico incontestado que ainda no seculo passado quatro mulheres preencheram cadeiras magistraes na universidade de Bolonha. Foram elles: Laura Bassi, professora de philosophy; Anna Morandi Manzolini, professora de anatomia; Gaetana Agnesi, professora de geometria, e Clotilde Tambroni, professora de grego. Não são factos convincentes da capacidade feminina?...

Nos ultimos tempos vemos em França, além da celebre Stael, e a não menos celebre Sand, uma Delphine Gay, uma Louise Collet, Marie Deraisme, Julie Daubié, Clemence Royer, Daniel Sterne; vemos na Alemanha Fanny Lewald, Elisa Schmidt, Hahn Hahn, Betty Paoli, Durisgsfeld, Jenny Hirsck e tantas outras; na Inglaterra uma Martineau, uma Somerville; na Italia uma Ferrucci, uma Alaide Beccari, mulher admiravel, que padecendo de uma paralysia e só podendo escrever com a mão esquerda, é todavia a redactora constante de um jornal publicado em Veneza e consagrado á defesa dos direitos do bello sexo, sob o titulo *La Donna*.

Onde está pois, Sr. presidente, o fundamento das pretenções em contrario? Como teimar-se em opinar que a mulher é por natureza destituída de força sufficiente para uma seria cultura intellectual?

Os argumentos que de ordinario se manejam contra a intelligencia feminina, são do genero daquelle que pregou o velho Aristoteles, quando disse que havia escravos natos, que havia homens nascidos para a escravidão. Pela existencia e condição social do escravo, cujos effeitos, em virtude da lei da herança foram se transmitindo de geração em geração, era natural que o seu cerebro passasse por alguma alteração, que ficasse de algum modo atrophiado, não se prestando ao exercicio desta ou daquelle faculdade mental. D'ahi o engano do philosopho, que observando o homem escravo já nesse estado do desenvolvimento historico, pôde concluir que elle effectivamente nascera para a escravidão.

E' o que se dá, pouco mais ou menos, quanto ao modo de julgar a mulher: porque ella não tem tido, no correr dos tempos, uma educação sufficiente e dessa mesma falta de educação tem resultado para o sexo um tal ou qual acanhamento, chegou-se tambem ao ponto de suppôr que ella não é susceptivel de cultivar-se e illustrar-se da mesma fórmula que o homem. Mas ahi é que está o erro, e nós devemos reconhecer-o. A mulher tem as mesmas disposições naturaes para os estudos superiores; o que ha mister é cultura, trabalho e esforço; o que ha mister é que se lhe franqueie o templo da sciencia. Dizia ha pouco uma escriptora allemã, a Sra. Hedwig Dohm, em um livro intitulado *A emancipação scientifica da mulher*: "Nós, não queremos bater á porta dos parlamentos, queremos bater á porta da sciencia, á porta das universidades; é esta sómente que nós pedimos que se nos abra."

Eis a verdade; não se quer mais do que isto e o que se quer é justo. Assim, não se continue a lançar mão de argumentos prejudicados, que já não ferem a questão, que são caducos, que não provam mais cousa alguma.

E' possivel que, procedendo-se a uma analyse das qualidades masculinas e femininas, descubra-se realmente no homem maior grao de desenvolvimento; mas, este phenomeno se explica pela razão que acabei de indicar e que é incontestavel: a educação incompleta, a cultura escassa da mulher. Até hoje educada só e só para a vida intima, para a vida da familia, ella chegou ao estado de parecer que é esta a sua unica missão, que nasceu exclusivamente para isto. E tal é a illusão, em que laboramos: tomando por effeito da natureza o que é simplesmente um effeito da sociedade, negamos ao bello sexo a posse de predicados que aliás elle tem de commun com o sexo masculino.

Entretanto, é para notar que, até certo ponto, a mulher como que foi talhada mais do que o homem para os estudos scientificos. A proposição parece paradoxal; mas não o é; e eu tratarrei de proval-a, sendo mesmo o nobre deputado, meu illustre antagonista, quem me ha de fornecer as armas.

Não é exacto, pergunto eu, que para o estudo sério de qualquer sciencia, tem-se necessidade de muito esforço, de muito trabalho? Não é tambem exacto que esse mesmo trabalho e esforço envolvem a necessidade de uma vida sedentaria, de uma vida de gabinete? Mas agora ainda pergunto: quem está mais no caso de suportar um tal modo de vida, o homem ou a mulher?

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — A mulher.

O SR. TOBIAS: — Porquanto, não é certo, como dizem os competentes, que a mulher tem menos necessidade de oxygeneo do que o homem?

O SR. MALAQUIAS: — V. Ex., está agora pedindo á physiologia argumentos que ainda ha pouco combateu.

O SR. TOBIAS: — Eu não combati a physiologia, — V. Ex. não tem razão. Disse apenas que a conside-

rava ainda uma sciencia incompleta para querer estabelecer certas leis e leis que regulem relações de ordem tão complexa, como se dá na questão que debatemos.

De mais, eu creio que no ponto mencionado já vai de envolta outra sciencia. Indagar se ha no homem ou na mulher preponderancia de *carbono* ou de *oxygeneo*, já não é simplesmente physiologia.

O SR. MALAQUIAS: — Mas a chimica é a base da physiologia.

O SR. TOBIAS: — Dizia, pois, Sr. presidente, que a mulher tem menor necessidade de oxygeneo do que o homem, e é por isso que o homem sente mais do que a mulher o impeto da vida exterior, o desejo do ar livre. Ora, se para uma continua applicação e estudos profundos, é mister uma vida sedentaria, de solidão e recolhimento, não ha duvida que a mulher, por este lado sobrepuja o homem em disposições naturaes para o cultivo das sciencias. Pouco importa o facto que eu não nego, de haver no mundo feminino um certo predominio da *sentimentalidade*... Efeito da educação, e não da natureza, esse phenomeno cessará, desde que cesse a sua causa. Como não se chegar a similhante resultado, como não dar-se na mulher essa preponderancia do *sentimento sobre a razão*, se até hoje a sua educação tem sido preponderantemente sentimental? Começa pela educação religiosa, que é toda de sentimento; vem em seguida a educação moral, que ainda é de preferencia dirigida á sensibilidade, e afinal completa-se a obra com o despertar do sentimento esthetico, — é o piano, é o canto, é a musica em geral. Isto por annos, atravez de muitas gerações, não podia deixar de produzir as consequencias que ahi vemos.

Tome-se outra direcção; e outros tambem serão os resultados. Qualquer reforma, neste sentido, não será de

certo util para a geração presente; mas isto não é razão para que deixemos de ir logo dando os primeiros passos.

E' possível, ainda insisto, descobrir actualmente no homem um grande numero de qualidades espirituais superiores ás da mulher. E' possível mesmo que o mais bonito homem seja sempre superior em belleza á mais bonita mulher, como já houve quem dissesse, posto que, de minha parte, não duvide em opinar diversamente; e sendo sabido, como é, que Byron, por exemplo, foi um homem formosíssimo, todavia eu preferia sem hesitação dar um beijo no pé da Guiccioli a beijar a fronte do grande poeta.

O SR. CLODOALDO: — Somos dous.

O SR. TOBIAS: — Tudo é possível, menos, porém, sustentar-se com razões plausíveis, que a mulher não deve estudar, por não dispôr de um cerebro accommodado ás mais difficeis funcções do pensamento.

Quanto é falso este modo de ver, acabo de mostrar exuberantemente, e não simplesmente com razões lógicas, porém com factos e com attestação de homens autorizados.

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Apoiado.

O SR. TOBIAS: — Na questão que nos occupa, e que já está praticamente resolvida, as mulheres fizeram justamente, como Diogenes, o philosopho grego, para quem o melhor modo de responder ao sophista, que negava o movimento, foi *caminhar*, foi *mover-se*. Assim procederam ellas. A aquelles que lhes negavam capacidade para os estudos superiores, maxime para o estudo da medicina, elles disseram: aqui estamos, eis-nos no meio de vós a praticar com vantagem a sciencia medica.

E foram então aparecendo mulheres, como as irmãs Blackwell, nos Estados Unidos, duas medicas famosas,

que chegaram a ter um redito annual de 15 a 20 mil dollars. A mais velha dellas Elisabeth Blackwell, foi afinal residir em Londres, e a outra, Emily Blackwell, ficou em New-York, como professora no *Medical College*. Sobre aquella, ha até de notavel, como diz um biographo, que ao principio não se sentia com vocação alguma para o mister, nem mesmo pensava nisso; mas sucedeu que assistindo á doença de uma sua amiga, ouvisse-a continuamente lamentar que a medicina não fosse exercida pelas mulheres, para obstar que as pobres doentes se vissem obrigadas a confiar-se a um homem. E dahi nasceu a sua deliberação de fazer-se medica; o que realizou a despeito de sacrificios.

Além das irmãs Blackwell, aponta-se ainda na America uma Clemence Eozier, uma Harriot Hunt, ambas celebres por uma vida de trabalho e dedicação á causa da sciencia que professam. Na Europa, entre outros, o nome de uma Miss Garrett importa a mais completa refutação das opiniões adversas ao estudo e exercicio da medicina pelas mulheres.

Voto, pois, Sr. Presidente, em favor do projecto.

Entretanto, seja-me permittido offerecer um additivo. Já disse uma vez que essa concessão a intelligente menina, filha do Sr. Romualdo Alves de Oliveira, era uma concessão pequenina, era um favor de pouca monta para a província.

Votando, portanto, como desde já empenho o meu voto em favor do projecto, eu ouso addicionar-lhe uma emenda, em prol de um outro espirito esperançoso e promettedor, de quem tive, por algum tempo, a honra de ser mestre e mestre que muitas vezes teve de possuir-se de uns certos receios diante do talento de sua discípula. Refiro-me a Sra. D. Maria Amelia Florentina, filha do Sr. João Florentino Cavalcanti.

Esta moça estudiosa, aproveitando a occasião que mais azada se lhe offerece, dirige assim, por meu intermedio, á representação da sua província um pedido que já ha algum tempo projectára dirigir-lhe, para ver se consegue levar a effeito o seu mais intimo desejo, que é o desejo de illustrar o seu espirito, o desejo de instruir-se.

E eu justamente encarreguei-me de apresentar aqui o seu pedido, porque tenho pleno conhecimento do seu talento, conheço perfeitamente, quanto pode a sua intelligencia, e tenho convicção de que saberá tirar toda a vantagem, para si e para a província, do favor que se lhe faça. Já tem, pelo menos, instrucção preparatoria sufficiente para habilital-a, em pouco tempo, aos estudos universitarios.

Não sei se os meus nobres collegas conhecem a moça, de que falo; não sei se têm tido occasião de apreciar de perto o seu grande talento.

Mas posso afiançar-lhes, e sem exageração, que é um espirito elevado, é uma dessas mulheres, que nasceram para o estudo, que nasceram *para o livro*, dotada de uma certa *curiosidade scientifica*, que não é commum nos proprios homens, naquelles mesmos, que se têm na conta de muito devotados á sciencia.

Mando á mesa a minha emenda; e, ao concluir, Sr. presidente, peço á casa, e ao nobre deputado a quem de preferencia me dirigi, que, se por ventura, no correr da minha argumentação, escapou-me alguma cousa menos conveniente ou offensiva, dignem-se de me desculpar, pois de certo não foi voluntaria, nem houve de minha parte o minimo proposito de offendere a quem quer que seja.

E' de esperar, e eu espero da assembléa, que comece desta vez a abrir a porta da sciencia ao bello sexo de

Pernambuco, que muito necessita de instrucçāo: e talvez seja esta mesma a mais urgente necessidade da provinça. (*Apoiados*).

Todo homem tem a sua mania; e é infeliz aquelle que não a tem: a minha mania, senhores, é pensar que grande parte, senão a maior parte dos nossos males vem exactamente da falta de cultura intellectual do sexo feminino. (*Apoiados*). (*Muito bem, muito bem. O orador é — comprimentado*).

---



## V

### Ainda a educação da mulher

(ASSEMBLÉA DE PERNAMBUCO. — SESSÃO EM 22 DE MARÇO DE 1879)

O SR. TOBIAS: — Se para firmar, Sr. presidente, uma vez por todas, o juizo vantajoso que de ha muito formo do talento do nobre deputado, ainda houvesse mister de qualquer prova, outra melhor não poderia ser-me offerecida, do que o discurso que acabamos de ouvir. Nelle vejo com effeito um importante documento de sua alta capacidade.

O SR. MALAQUIAS: — E' bondade de V. Ex.

O SR. TOBIAS: — Mas dito isto, e dito sem lisonja, devo tambem declarar que a demonstração que o nobre deputado de novo produzio em prol da sua these, não pareceu-me ainda satisfactoria. S. Ex. lançou mão dos mesmos argumentos, das mesmas considerações que já foram combatidas, esforçando-se em vão, posto que revelando summo talento, por dar-lhes uma apparencia de novidade. E' que lhe faltaram melhores razões; e o talento, que seja mesmo em grão superior, como o do nobre deputado, não pôde chegar ao ponto de desvirtuar a natureza, de contrariar a verdade das cousas.

O que fez mais impressão, de todo o meu discurso, no espirito de S. Ex., foi ter eu dito que a sua theoria é uma theoria decrepita filiada no catholicismo, irmã do dogma do peccado original. Ora, pois, insisto nessa idéa; e não receio que se me accuse de exagerado ou injusto.

Deveis notar, meus senhores, se é que tive a honra de merecer a vossa attenção, que a minha argumentação não foi, não podia ser physiologica, visto que não sou physiologo, nada entendo de tal materia. O meu combate foi de preferencia dirigido contra a deducção que o nobre deputado procurou tirar de dados que suppõe certos para affirmar assim a inferioridade intellectual da mulher. Ahi é que eu me coloco em antagonismo com S. Ex. e ainda ouso, como ousei, dizer-lhe que essa theoria, pretensamente derivada de fonte scientifica, não passa de uma velha doutrina religiosa, que nada tem que ver com a sciencia, nem a sciencia com ella.

O SR. MALAQUIAS: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — Dado mesmo de barato, que a mulher em geral tenha o cerebro menos pesado que o do homem; dado mesmo que quanto ao volume e à riqueza de *circunvoluções*, o cerebro feminino seja regularmente inferior ao masculino; ainda assim nada se esclarece, nada fica resolvido em favor da theoria do nobre deputado. Porquanto, não obstante a menor riqueza de circumvoluções, não obstante a inferioridade em volume, e no que mais possa ser, a questão permanece a mesma: qual é o peso normal do cerebro humano? Qual é o peso que determina a aptidão para as sciencias?

Se é possível que a mulher, tendo, na hypothese, um cerebro de peso inferior ao do homem, mesmo assim se desenvolva, mesmo assim cultive com proficiencia este ou aquelle ramo scientifico, para que mais lançar mão de

similhantes argumentos, que não passam de conjecturas, já desmentidas pela experientia? Com effeito, já não se trata de uma mera possibilidade, trata-se de um facto: tem existido e existem na época de hoje mulheres notaveis, que se hão dedicado com vantagem a estudos superiores. E' um facto: para que desconhecer-o?...

Eu concedo, que a mulher, a mulher de talento mesmo, por exemplo, aquella russa, a que já me referi, primeira doutora de Zürich, tenha o cerebro menos pesado do que qualquer medico intelligente. Mas pergunto: que importa essa diferença? Desde que ella com o seu cerebro inferior em qualidades physicas, como é o peso, não obstante mostra praticamente possuir toda a competencia para o estudo e exercicio da medicina, já não é lícito pôr em questão o que se acha resolvido e dar ainda a essa pequena diferença de uma importancia que ella não tem.

Sabemos que têm sido medidos e pesados diversos cerebros femininos e comparados com os dos homens. Assim Huschke avaliou o termo médio do conteúdo do crânio do homem europeu em 1.446, do da mulher europea em 1.226 centímetros cúbicos. Weissbach estabeleceu a respectiva media entre um e outro com a seguinte proporção — 878:1000. Pelo lado do peso, segundo o professor Bischoff, o cerebro masculino excede o feminino em 134 grammas.

Rodolpho Wagner, de Göttingen, diz ter verificado de suas experiências que o cerebro feminino é mais leve que o masculino cerca de 1/11, isto é, aquelle é igual a 10/11 deste; relação esta que me faz lembrar a que existe justamente entre o *moderno* metro e a *velha* vara. Eu estou pelo *moderno*...

Ora, meus senhores, admittindo isto, não como lei, mas como simples regra, pois que uma lei physiologica

não pôde estar sujeita a ser desmentida, a cada momento, será possivel que uma difference de 1/11 em relação ao cerebro do homem produza na mulher o singular effeito de tornal-a incapaz para estudos de ordem mais elevada? Não comprehendo.

Esta mesma menor riqueza de circumvoluções, a que alludio o nobre deputado, este mesmo volume e peso menores, tudo isto se explica perfeitamente, como disse o proprio nobre deputado, pela lei da adaptação ao meio natural, mediante as condições physicas da alimentação, do ar, da luz, do frio, do calor, e as condições moraes da educação, dos costumes, das crenças, em uma palavra, do ambiente social em que a mulher tem vivido.

O SR. MALAQUIAS: — São influencias que não des-  
troem o principio.

O SR. TOBIAS: — O principio que S. Ex. estabe-  
leceu, e que eu aceito, de que a intelligencia influe no  
orgão, e por sua vez o orgão influe na intelligencia, prova  
sómente em meu favor. Porquanto, se a intelligencia in-  
flue no orgão, e se a intelligencia da mulher não tem sido  
desenvolvida, é claro que o orgão correspondente não tem  
adquirido por isso mesmo aquellas qualidades, que aliás  
podera ter, se fosse melhor cultivada a intelligencia fe-  
minina.

Posso ainda citar em meu apoio a opinião recente de  
um grande espirito, que não é suspeito para nós ambos:  
a opinião de Büchner. Büchner escreveu, ha pouco  
tempo, em um jornal que se publica em Berlim, *Der  
Frauenanwalt*, — o advogado das mulheres, um bello ar-  
tigo sob o titulo — o cerebro da mulher, no qual elle com-  
bate o modo de ver de todos esses que dão summa  
importancia aos factos referidos, e chega á conclusão  
de que a sciencia physiologica é ainda impotente para

tirar consequencias da natureza das que tirou o nobre deputado.

Quando eu disse, Sr. presidente, que a theoria do nobre deputado era decrepita, que se podia até considerar já morta, foi tendo em vista o seguinte ponto: é que quando a physiologia, ou outra qualquer sciencia do genero, observando a massa cerebral, diz: tem tantas e tantas libras de intelligencia, tantas e tantas grammas de imaginação, etc., etc., ella filia-se, quer saiba, quer não, e pelo lado puramente scientifico, na velha escola de Gall, está em pleno dominio phrenologico, no dominio de uma theoria que já cahio.

O SR. MALAQUIAS: — Mas o principio em si nunca foi contestado.

O SR. TOBIAS: — Isto é o principio descarnado e esteril de que o orgão é necessario para a função, e que deve corresponder a maior porção de cerebro, maior porção de actividade intellectual. Mas nem isto mesmo se pôde dizer um principio, é antes uma affirmação conjectural, um postulado da sciencia, que entretanto ainda não está cercado daquellas garantias precisas para constituir-o um verdadeiro dado, uma presuposição scientifica. E' esta a minha questão. Não devemos, por conseguinte, lançar mão de tal ordem de considerações, em todo o caso aqui incabiveis, para negar o favor pedido, favor tão pequenino, como já disse.

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Apoiado.

O SR. TOBIAS: — Costuma-se dizer, e o nobre deputado repetiu esse dito ou principio vulgar: que a missão da mulher é ser mãe...

Dá licença que eu refute este principio com um outro, não menos vulgar? Sim, a missão da mulher é ser mãe, da mesma forma que a missão do homem é ser pai...

O SR. MALAQUIAS: — Não ha duvida nenhuma.

O SR. TOBIAS: — Ora, em que é que a missão de ser pai tem privado e priva o homem de se dedicar à sciencia? Do mesmo modo, pois, a mulher pôde ser mãe, muito boa mãe, e todavia cultivar perfeita e profundamente a sciencia.

Temos exemplos eloquentes: entre outras, Laura Bassi, professora da universidade de Bolonha, já aqui mencionada, foi mãe de 12 filhos; o que não obstou que ella se desse com todo o desvelo ao cultivo scientifico.

Eu sei que ha ainda um certo prejuizo arraigado, e difficult de extirpar, a respeito da inferioridade da mulher. Ha quem diga infelizmente... para vergonha da época, que a mulher nasceu sómente para a *agulha* ou para o *tear*!...

Esta theoria é do tempo, em que o homem tambem só tinha nascido para a *enxada*. Houve um tempo, com effeito, em que o homem, no espirito de muita gente, sómente nascera para *esse mister*; e tanto assim é que a reminiscencia existe na linguagem; ainda hoje se diz: a banca do advogado é a sua *enxada*; a clinica do medico é a sua *enxada*; a *enxada* do actor é o palco, etc., etc. Isto, que é uma especie de psychologia do povo estudada na lingua, autorisa-nos a affirmar que já houve realmente uma época, em que o supremo ideal da actividade varonil, aquillo que o homem de mais nobre podia aspirar, era... a *enxada*. Desse tempo é o gracioso dito: que a mulher se deve limitar á *agulha* ou ao *tear*.

Entretanto, ou queiramos, ou não, a mulher é a melhor metade do genero humano. E saibamos ainda mais: esta exquisita doutrina, que quer pôr barreira ao desenvolvimento das mulheres já vai dando em resultado uma reacção correspondente da parte do bello sexo mesmo.

Hepworth Dixon na *Nova America*, livro muito lido e celebrado nos Estados Unidos; nos fala de um *Evangelho da revolução feminina*, cuja apostola se chama Eliza

*Farnham*, e no qual se prega precisamente o contrario das idéas correntes a respeito da mulher. De accôrdo com a nova doutrina as mulheres não são iguaes aos homens, pela simples razão de lhes serem muito superiores. Já não querem sómente que os homens se mostrem para com elles cavalheiros e polidos, querem exercer sobre elles o supremo poder. Segundo as idéas da seita, a mulher é o ser mais perfeito. O que é o homem para o *gorilla*, é a mulher para o homem...

E eu acho neste ponto alguma razão. Porquanto, se a natureza revela uma certa sabedoria em seu desenvolvimento, se faz acompanhar ao desenvolvimento morphologico o desenvolvimento physiologico, se a perfeição das formas deve naturalmente corresponder a perfeição das funcções, a mulher, sendo de formas mais bonitas, deve ter funcções mais desenvolvidas.

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Muito bem.

O SR. TOBIAS: — Ora, o homem, physicamente, dista pouco de um *gorilla*.

Não exagero, é a verdade. Abstraia-se da roupa, dos appendices artificiales e diga-se então se, considerado em sua forma natural, o homem não se approxima sómente do *macaco*?

Mas agora vejamos tambem: pôde-se imaginar formas mais bellas do que as de uma bella mulher?... Parece que a natureza, realizando a mulher, fez o que de mais completo cabia nas suas forças.

Se pelo lado morphologico, foi ella tão poeta, podia ser tão prosaica pelo lado physiologico?

O SR. MALAQUIAS: — Exactamente para preencher as funcções a que é a mulher destinada.

O SR. TOBIAS: — A natureza não faz distinção: ella é toda harmonica. A desharmonia é criação nossa, é obra da sociedade. A natureza, que harmonisa tudo, não

pôde ter querido que a bonitas formas deixem de corresponder funções perfeitas. (*Muito bem*).

Ainda tenho a fazer uma consideração. Houve da parte do nobre deputado uma certa lacuna a respeito da apreciação do peso cerebral.

Ha um peso absoluto e outro relativo.

O SR. MALAQUIAS: — Mas este mesmo é superior...

O SR. TOBIAS: — Não; o peso relativo é de vantagem para a mulher. A cabeça feminina, em relação ao corpo, é mais pesada que a do homem. Assim acho ensinado por Sommering e Burdach, que é de certo já um pouco antigo...

O SR. MALAQUIAS: — Tanto um como outro são antigos.

O SR. TOBIAS: — Sim senhor; mas tenho também a opinião de Büchner, que é bem moderno. Segundo ele, a mulher, em proporção do corpo, tem mais cérebro do que o homem.

Experiencias feitas em dous celebres exemplares de belleza plástica, o *Apollo do Vaticano* e a *Venus de Medici*, deixaram estabelecidas as seguintes proporções entre a cabeça e o corpo: no *Apollo* a cabeça está para o corpo, como 1 : 8; na *Venus*, porém, como 1 : 6. E' claro que, neste caso a vantagem fica do lado feminino.

O SR. MALAQUIAS: — Mas foram estudos feitos em estatuas.

O SR. TOBIAS: — Perdão! Não offenda a esthetic.

O SR. MALAQUIAS: — Não; eu a respeito muito.

O SR. TOBIAS: — Essas estatuas são *specimens* de belleza. E ahi mesmo é que está a força do cinzel do artista: não só em imitar a natureza, como também muitas vezes em corrigir de um certo modo as suas obras.

Ainda uma vez, Sr. presidente, confesso ter esperança de que a assembléa ha de praticar um acto de

magnanimitade, fazendo a concessão requerida. E ao terminar, meus senhores, seja-me lícito recordar um facto histórico: na idade media, por occasião da celebre batalha de Bouvines, quando os cavalleiros franceses se encontraram com as legiões do imperador Ottão (nesse tempo em que entre os franceses havia as chamadas *cortes de amor*, perante as quaes, se ainda hoje existissem, o nobre deputado o Sr. Dr. Malaquias seria condenado), antes de entrarem na luta as duas alas inimigas, rompeu das fileiras francesas este grito de entusiasmo: *lembremo-nos das mulheres!* E tanto bastou para assegurar a victoria. Seja essa também a nossa divisa.

VOZES: — Muito bem.

---



## VI

### Privilegio de carros funebres

(ASSEMBLÉA DE PERNAMBUCO — SESSÃO EM 28 DE ABRIL DE 1879)

O SR. TOBIAS: — (*Applausos das galerias*): — Sr. presidente, quasi que não tenho o que dizer, porque folgo de vêr que o nobre deputado que acaba de sentar-se, um dos campeões que aqui pela primeira vez se ergueram contra o projecto, fazendo modificações no seu pensamento primitivo, deu a entender, demonstrou cabalmente que sabe ceder ás conveniencias, mais do que isto, que sabe ceder aos interesses da justiça, aos interesses da causa publica.

Isto, porém, não quer dizer que eu me ache de todo convencido da superioridade absoluta do substitutivo ao projecto.

VOZES DAS GALERIAS: — (*Apoiado*).

O SR. TOBIAS: — Noto que o art. 1º do substitutivo foi apenas substitutivo de papel, porque o pensamento dos membros desta casa, autores do projecto, foi repetido textualmente no substitutivo de S. Ex.

Mas isto não faz questão, nem é cousa digna de sobre ella demorar-me.

A minha questão capital é esta, Sr. presidente, é esta, Srs. deputados: nós devemos a todo transe e a todo custo abolir o privilegio (*alguns apoiados do recinto, aplausos das galerias*) qualquer que seja o regulamento que venha posteriormente, quaesquer que sejam as bases que se dêm para este regulamento, existam elas ou não existam; a nossa questão, questão de justiça, questão de conveniencia social, questão até de dignidade politica é a da abolição do privilegio. (*Applausos das galerias*).

Não é preciso, senhores, ter a vocação do martyrio, não é preciso ter o talento de agitar, de inflamar as massas, talento perigoso na época em que vivemos, talento que eu confesso sinceramente não possuir; não é preciso ter nenhuma destas qualidades para comprehendêr, á prima vista, que o projecto de que se fala é um projecto digno de toda a acceitação, porque tem por fim a abolição de uma lei pessoal, de uma lei de classe, (*calorosos aplausos das galerias; o Sr. Presidente agita a campainha*) e não digo uma lei aristocratica, porque não conheço em meu paiz verdadeira aristocracia. (*Applausos das galerias*).

O SR. PRESIDENTE: — As galerias não pôdem intervir na discussão.

O SR. TOBIAS: — Sr. presidente, Srs. deputados, a lei que o projecto procura extinguir é uma lei que tem uma historia e uma historia muito feia; esta lei que surgiu em 1873, logo depois teve contra si uma lei promulgada em 1875, se me não engano, sancionada pelo então presidente o Sr. Dr. Carvalho de Moraes, que fez perder á lei privilegiada, se assim posso dizer, todo seu valor; desvigorou-a completamente e por meio de uma assembléa provincial conservadora, onde, (seja dito em honra deste partido, deste partido nosso adversario),

o privilegio soffreu a mais renhida, a mais extremada oposição.

VOZES: — E' exacto.

O SR. TOBIAS: — Apresentou-se depois um projecto, que poude chegar até a 3.<sup>a</sup> discussão, no qual se pretendia sophismar a lei, sancionada pelo Sr. Carvalho de Moraes, que tinha directamente extinto o privilegio, o qual nós ainda hoje pretendemos abolir.

Felizmente essa lei sophismante não chegou á sua ultima phase, ao seu ultimo momento.

Em regra, a lei de Junho que o projecto quer revogar não tem razão de ser, porque uma lei posterior já a revogara; não sei mesmo porque razão essa lei perniciosa, essa lei de classe, como já a qualifiquei, continua a vigorar.

E' preciso, pois, que nós acabemos com ella; não é uma satisfação, não é um favor que nós queiramos fazer ao povo: é um preito que nós queremos, que nós devemos render á justiça. (*Apoiados*).

Meus senhores, eu sei que ha sobre este assumpto opiniões, que alguns classificam de extravagantes, mas a que eu não me julgo com direito de dar tal qualificação, porque tenho por habito respeitar as convicções alheias.

Bem dizia eu que alguém opina que, tratando-se de um privilegio, a assembléa provincial não pôde revogar a lei, que o concedeu, e que isso só compete ao poder geral.

Creio que foi isso.

O SR. ESTEVÃO DE OLIVEIRA: — Esta opinião ficou condenada pela casa.

O SR. EUODOXIO DE BRITO: — Demonstrou-se o contrario.

O SR. TOBIAS: — Mas não foi emitida aqui em sessão?

O SR. JACOBINA: — Não é exacto.

O SR. MALAQUIAS: — Foi emitida, sim; sustentada por mim.

O SR. TOBIAS: — Sustentada por S. Ex., bem.

Já disse que respeitava muito as convicções dos meus collegas, como respeito as convicções de todo e qualquer espirito; mas desde que S. Ex. tem a franqueza, a coragem moral de dizer que foi sustentada por S. Ex. uma these, que eu não posso deixar de qualificar de absurda, permitta o meu nobre collega, eu o provoco para exhibir aqui ás nossas vistas os documentos logicos, a força *probante* das suas razões, em virtude das quaes teve a coragem de sustentar...

O SR. MALAQUIAS: — Já o fiz.

O SR. TOBIAS: — ... esta theoria absurda.

O SR. MALAQUIAS: — Já o fiz.

O SR. TOBIAS: — Já o fez?!

Não poderia fazel-o com vantagem...

O SR. ESTEVÃO DE OLIVEIRA: — A maioria não aceitou esta opinião.

O SR. TOBIAS: — ... porque qualquer que seja a altura da illustração, do talento de S. Ex., o talento é sempre uma força, mas uma força que não tem o poder de converter o preto em branco e o absurdo em verdade. (*Muito bem; prolongados aplausos das galerias*).

O SR. PRESIDENTE: — A discussão não pôde continuar deste modo; do contrario suspendo a sessão.

O SR. TOBIAS: — Privilegio, dizem os competentes, é alguma cousa de excepcional em relação á regra commun do direito, e essa alguma cousa de excepcional ou tem por fim trazer como resultado uma vantagem, que é o que os juristas ou romanistas chamavam — *beneficio legis* — benefícios da lei, leis beneficiosas, ou é o que estes mesmos juristas chamam, e ainda hoje se conserva a denomiinação da doutrina, — *privilegia odiosa*, em todo

caso, o privilegio tem por fim fazer alguem, individual ou collectivamente considerado, gozar de certos beneficios, com preterição dos outros.

Eu não sou daquelles, note-se bem, que entendem que o privilegio, absolutamente, em todo o caso, é uma cousa má, não; já tive occasião aqui de dizer, e a proposito de um aparte de um nobre collega nosso, que o privilegio, em these, é odioso; mas sabem os nobres deputados que toda a these está sujeita a uma antithese, e que toda a antithese ou é uma proposição contraria, ou uma proposição contradictoria; aqui será contradictoria, isto é, nem todo privilegio é odioso. Quaes são, pois, esses privilegios que não são odiosos? São justamente aquelles que trazem vantagem para a communhão, e não sómente para os privilegiados; aquelles que, trazendo beneficos aos privilegiados, todavia tomam em linha de conta as conveniencias da communhão, de que o mesmo privilegiado faz parte.

E' assim que, meus senhores, os privilegios que tem por fim favorecer a industria, isto é, favorecer o talento inventivo, o génio creador na industria ou na arte, esses privilegios ninguem dirá, por certo, que são privilegios odiosos, pelo contrario; são privilegios necessarios, porque, animando por um lado, o talento, o genio inventivo, por outro lado, elles importam necessariamente um beneficio á sociedade.

Ainda mais; estes privilegios tem por fim, não só animar o talento inventivo, não só por meio delle dar incremento á industria, como tambem compensar o *risco*, que corre o espirito emprehendededor.

Assim, se um individuo emprehende qualquer cousa, se forma, se tem em mente qualquer empreza, e para a execução desta empreza tem de arriscar capital e tra-

balho, para compensar este risco, é bom que se lhe conceda uma garantia, e esta só pelo privilegio.

Mas no caso vertente: será porventura a missão de enterrar os mortos alguma cousa de novo, alguma cousa de salutar, descoberta por algum grande talento inventivo? (*Applausos das galerias*).

E' cousa muito velha, velha como a humanidade; é uma necessidade tão necessaria, permitta-se-nos o pleonasmico, como a necessidade de respirar, como a necessidade de comer e beber (*muito bem*); é uma necessidade natural.

Ora, como é que para satisfação dessa necessidade natural, dessa necessidade que, ou queiramos ou não, se ha de fazer sentir, pôde-se dar privilegio a quem quer que seja? Como se pôde dar privilegio de enterrar os mortos? (*Riso; signal de assentimento*).

Vê-se, pois, meus senhores, que, em these, o privilegio concedido á Santa Casa foi um privilegio mal concedido, um privilegio que não devia ter existido.

O SR. MALAQUIAS: — Nisto estamos de perfeito accordo.

O SR. TOBIAS: — Mas não queiramos entrar nesta questão.

Foi concedido o privilegio. Por culpa da Santa Casa... Ia fazendo uma critica á Santa Casa, sem que lhe fosse applicavel. Peço perdão.

Em 1873 a assembléa provincial deu privilegio á Santa Casa, autorisando-a a contratar com qualquer pessoa o serviço mortuário. Esta disposição, assim concebida e com tal faculdade, foi uma disposição alteradora da essencia do privilegio, por que se um privilegio desta ordem, ainda que odioso em si, como já demonstrei, todavia foi outorgado á Santa Casa, em virtude da sua natureza, em virtude do seu destino e do seu fim, elle era pessoal,

inherente áquelle pessoa moral e jurídica, de direito civil, exclusivo daquella corporação, que só existe para fazer o bem, para praticar a caridade; e no exercício dessa virtude se acha comprehendido o dever de enterrar os mortos. (*Apoiados; muito bem das galerias*).

Mas passemos pelo erro da lei, *legem habemus* ou antes *habebamus*; não sei como diga. Este erro da lei pouco nos importa.

A Santa Casa recebeu o privilegio, exerceu-o por si, ou por alguém com quem contratou; isto também já nada vem ao caso; que fosse o serviço mortuário feito por este ou aquelle, já não é esta a questão.

O que interessa deixar líquido, é que, se o privilegio foi concedido pela assembléa provincial, deve também por ella ser abolido. (*Apoiados*).

Não admitto a teoria de que por isso que se trata de uma *cousa unconstitutional*, só o parlamento, só a assembléa geral é que pôde revogá-la.

Esta teoria é exquisita: não sei onde isto se acha consagrado, quer na constituição, quer no acto adicional, porque o acto adicional o que diz é que, quando as decisões da assembléa provincial ferirem a constituição, pois que o presidente da província tem obrigação de remetter cópias das resoluções provinciais, se o governo geral entender que essas leis violam a constituição, mandará suspendê-las.

Mas, visto que essa lei é de 1873, ella devia já ter sido remettida ao governo geral, e entretanto não appreceu suspensão alguma, nem outra qualquer medida em contrario.

Agora que nós comprehendemos que é uma lei má, que é uma lei injusta, que é uma lei perniciosa, que é uma lei odiosa, e queremos acabar com ella: onde está a

proibição de assim procedermos, e isto sob o estranho pretexto de ser inconstitucional?

Oh! é galante! Em que ha offensa ao preceito constitucional? Então, sob pretexto de que uma lei é inconstitucional, nós não podemos abolil-a?!

Esta é nova, novíssima!...

Mas eu tambem não admitto que, só pelo facto de ser inconstitucional, devessemos nós aqui extinguir, isto é, revogar qualquer lei, não; poderíamos considerar realmente que a causa é inconstitucional, mas por outro lado, considerando que ella poderia trazer um bem, deveríamos cruzar os braços e aguardar que o bem resultasse a despeito da supposta inconstitucionalidade. (*Apoiados*).

Não está neste caso a lei de que se trata. Porquanto, meus senhores, e para dizer tudo de uma vez, tambem não sustento a theoria, não quero para mim a doutrina que porventura ensine que a lei em questão é inconstitucional.

Não, não é inconstitucional; a lei de que nos ocupamos, que devemos revogar, é muito constitucional, mas é muitíssimo injusta, porque constitucional e justo não são conceitos que se cubram, porque muita causa constitucional é evidentemente injusta, e muita causa inconstitucional pode ser perfeitamente justa. Se tudo que é constitucional fosse justo, o poder moderador seria d'uma grande justiça (*apoiados, risos*); se tudo que é constitucional fosse justo e bom, a eleição indirecta seria uma causa justa e boa. (*Apoiados*).

Já se vê, repito: os conceitos de justiça e constitucionalidade não se cobrem, não se ajustam em todos os pontos. Por conseguinte, pouco importa que fosse ou não inconstitucional; a questão é que é uma lei iniqua, e é iniqua porque não satisfaz as exigencias da população,

as necessidades da communhão social, para a qual foi decretada. (*Applausos das galerias*).

Meus senhores, eu não gosto de falar muito, porque me tenho em pequena conta, sou muitissimo ignorante...

VOZES: — Não apoiado.

O SR. TOBIAS: — ...muitissimo ignorante, repito, e tenho o defeito de em certas questões que tomam uma feição mais seria, não caminhar sozinho; peço sempre a alguém mais competente do que eu, que me leve pela mão.

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — S. Ex. não precisa.

O SR. TOBIAS: — Preciso: é bondade de S. Ex.; S. Ex. que tem o talento diplomatico em alta escala, está me lisongeando.

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Dá um aparte que não ouvimos.

O SR. TOBIAS: — Os privilegios, diz um publicista contemporaneo, Pözl, professor da Universidade de Münich, se extinguem ou por si mesmos, quando estão sujeitos a uma condição resoluta e essa condição aparece, ou por morte do privilegiado, ou por um acto voluntario do poder que o conferiu, ou enfim por vontade propria do mesmo privilegiado.

Se o poder legislativo que concede o privilegio tem o direito de extinguil-o, é cousa, diz esse publicista sobre que hoje difficilmente se pôde levantar uma duvida; porquanto o poder que concedeu o privilegio, para concedel-o, deixou-se levar por considerações de ordem publica, e desde que entende que a manutenção do privilegio se oppõe ao bem communum, é seu direito, mais que isto, é seu dever extinguil-o.

E ha ainda mais, uma segunda questão que dahi surge: questiona-se sobre saber, se, verificado este caso

e abolido o privilegio, o privilegiado tem porventura direito á indemnisação?

Responde o publicista: na hypothese de que a lei privilegiante não prevenisse o caso, o privilegiado não tem direito á indemnisação alguma. (*Apoiados*).

O SR. CYSNÉROS: — Esta é que é a verdadeira doutrina.

O SR. TOBIAS: — Ora, desde que a lei de Junho não prevenio a hypothese de uma abolição do privilegio e da indemnisação á Santa Casa, nós concedendo-lhe esta porcentagem, somos ainda generosos, porque damos-lhe aquillo a que ella não tinha direito. (*Apoiados*).

Desde que está demonstrado que a manutenção de um tal privilegio é uma cousa que, para servirmo-nos de uma phrase theologica, brada aos céos, é um peccado contra... não estou bem certo.

O SR. CUNHA MELLO: — E' um peccado contra os mortos.

O SR. TOBIAS: — E' um peccado contra o povo (*applausos das galerias*), o povo a quem eu não lisongeo, — com licença de Sua Magestade, o povo soberano, — o povo a quem eu não lisongeo, repito, a quem eu não adulo, porque não quero cousa alguma, porque sou um homem do povo, mas não sou, não pretendo ser um homem popular...

Mas o povo, na época em que vivemos é um factor com que devemos contar (*colorosos apoiados*), é um algarismo que deve entrar, bon gré, malgré, nos nossos calculos, não é um zero, é um algarismo de certo valor.

O povo insta, e quem diz povo, diz opinião publica... (*Apoiados*).

O SR. BARÃO DE NAZARETH: — Apoiadíssimo.

O SR. TOBIAS: — Boa ou má opinião publica, isto é outra questão; eduque-se o povo, e teremos então uma

opinião publica illustrada. Mas a opinião que temos é justamente essa que se levanta do seio popular.

Pois bem, essa população, este espirito publico reclama instantemente a abolição indicada.

Eu não duvido (voltando ás minhas primeiras palavras), não duvido aceitar o substitutivo do meu nobre collega, uma vez que em familia, sim em familia assentemos e concordemos em satisfazer essa exigencia publica. E' este o melhor alvedrio.

Eu não gosto de rhetorica, se bem que todas as vezes que aqui me levanto, *rhetorise* um pouco; sou inimigo da rhetorica, não gosto do palavreado, em que gastamos um tempo enorme, e o que mais admira, inutilmente!

Seria bom, insisto, que não gastassemos mais tempo sobre tal assumpto, que nos convencessemos que o povo necessita da revogação desta lei repugnante; toda a sociedade tem disto urgente necessidade.

Esse privilegio, já o disse, é um privilegio iniquo.

Quanto á questão secundaria de tabella mais ou menos elevada, entendamo-nos em familia, que é o verdadeiro modo de fazer-se o melhor; ponhamos de parte prevenções, caprichos: nada, nada disto! E' uma necessidade publica e estamos aqui para isso mesmo, para attender aos reclamos dos interessados.

Satisfacçamos esta aspiração geral, demo-nos as mãos, concordemos, harmonisemo-nos; harmonicamente prosigamos; deixemos de offerecer qualquer pretexto, e não só pretexto, até motivo de qualquer agitação popular, o que não é nada bom.

E daqui eu peço aos meus dignos irmãos, membros deste grande corpo a que se chama — povo, membros desta *alguma cosa de cahotico de amorpho*, da qual um dia ha de surgir o edificio do futuro; eu peço-lhes como

já uma vez lhes pedi: sejamos moderados; ainda não temos razão de desesperar, ainda não temos motivos de impaciencia.

Ha virtudes, cuja pratica, cujo exercicio nunca fatigam; entre essas está a generosidade; e nada mais bello que a generosidade do povo a quem de ordinario se pinta como facilmente inflammavel, que se deixa pôr em movimento ao sopro do primeiro agitador: é bello que este povo assim pintado, assim imaginado, dê ainda uma vez prova de sua longanimitade; sede generosos, esperai a justiça; porque ella ha de sahir desta assembléa.

(O Sr. Dr. Tobias, ao terminar este discurso, foi entusiasticamente applaudido pelas galerias, donde jogaram-lhe grande quantidade de flores).



## VII

### Projecto de um Parthenogogio

(ASSEMBLÉA DE PERNAMBUCO EM 1879)

O SR. TOBIAS BARRETTO: — Não sei, Sr. presidente, se a dissimulação é uma boa qualidade política; mas eu não posso dissimular; o projecto que apresentei e que se discute, é um daquelles que parecem de antemão condenados a morte prematura, porque elle tem por fim a realização de uma novidade, e nós não estamos muito habituados a aceitar de bom grado, sobre tudo nos domínios da vida publica, os tentamens de caracter novo, que envolvem sempre uma ousadia, que importam sempre uma invasão arriscada no terreno do desconhecido. Não serei eu quem possa negar que o projecto em discussão está realmente no caso de provocar mais de um ataque mais de uma contradicção, até da parte daquelles que não se deixam sómente levar por ideias preconcebidas, da parte dos poucos espiritos, que não trazem, como diria Nathan, o sabio, o seu saquinho de verdades feitas e contadas, além das quaes, tudo o que passa é falsa moeda, é cousa nunca vista, paradoxal ou absurda. Do lado desses mesmos, que assim não pensam, o projecto está no caso de suscitar impugnações; mas isto só pela circumstancia de

que elle, em mais de um ponto, revela e trâe a inaptidão da mão que o elaborou. Nesta unica circumstancia esgotam-se os motivos rasoaveis da oposição, que por ventura elle possa despertar; como tambem, importa dizer-o, é só por este lado que eu teria justos receios de empenhar-me em qualquer luta, na sua sustentação, se commigo não estivessem, como seus co-assignatarios, alguns distintos talentos, que melhor do que eu poderão mostrar as vantagens por elle offerecidas. Não hesito, pois, em assegurar que, fazendo-se abstracção da forma, lacunosa e imperfeita, o projecto encerra no seu fundo a satisfação de uma das mais urgentes necessidades da província, qual é sem duvida a necessidade de instrucção, em geral e particularmente, feminina, instrucção em mais alto gráu e melhores meios, do que presentemente existe. O projecto não tem em vista inaugurar na província o domínio das *blue stocking* ou das *précieuses ridicules*, mas simplesmente abrir caminho, entre nós, á solução lenta e gradual de uma das mais graves questões da actualidade: a elevação do nível intellectual da mulher ou, se assim posso dizer, a purificação, pela luz, da atmosphera em que ella gira.

E para demonstrar, Sr. presidente, a utilidade da causa como primeiro signatario do projecto, eu não tenho necessidade de altear o cothurno, lançar mão da harpa romantico-revolucionaria e entoar um canto ao bello sexo. Não hei mistér de dizer com Olympia de Gourges, uma celebre decapitada de 93: se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ella deve ter igualmente o direito de subir á tribuna; o que é de certo uma bonita aspiração, mas não deixa de ser tambem um pedido exagerado. E tão pouco tenho necessidade de collocar-me no ponto de vista do *emancipacionismo* russo e americano para reclamar, em favor das mulheres, o exercicio de funções, que ellas ainda não pôdem exercer; para fazer,

em seu nome, exigencias extravagantes, que se culminam na pretenção extrema, não só de uma igualdade de direitos como até da igualdade no trajo. Nem tomarei por norma o grito de alarma das mais illustres representantes do radicalismo feminino, as Paulinas Davis, as Lucrecias Mott, Elisabeths Stanton e não raras outras agitadoras do tempo. Nada disso é o que nós queremos.

A pretenção contida no projecto é bem differente, muito simples e modesta: ella importa menos uma homenagem aos encantos da mulher do que uma séria attenção prestada ao bem commun, ao interesse geral, ao progresso e desenvolvimento da sociedade em que vivemos.

Se eu tivesse de filiar a minha ideia nalgum principio mais elevado, não filial-a-hia por certo neste ou aquelle arroubo de sonhador, mas numa verdade pratica, bellamente expressa por um homem pratico. Frederico Diesterweg, um notavel espirito allemão, o qual, com Pestalozzi e Froebel, é o terceiro na série dos grandes pedagogos da idade moderna, se exprime deste modo: A liberdade do povo e a felicidade do povo, pela cultura do povo não pôdem ser conseguidas por meio da instrucção parcial, ministrada a um só sexo.

Eis o que é incontestável, e possuido de tal verdade é que eu ouso confiar que o projecto não parecerá indigno da attenção desta casa. Trata-se nelle da criação de um estabelecimento de instrucción publica; tanto basta, creio eu, para attrahir a sympathia e adhesão de todos. Mas ha uma circunstancia peculiar e quasi estranha: é a de ser um estabelecimento de instrucción publica superior feminina; poderá ella influir para denegar-se a medida proposta? E' doce esperar que não; e assim o espero.

Julgando-me dispensado, Sr. presidente, de entrar em apreciações sobre a maior ou menor capacidade da

mulher para o cultivo intellectual, eu tenho para mim, como verdade clarissima, que um dos maiores embaraços, com que luta a civilisação, é a ignorancia desproporcional da bella metade do genero humano; ignorancia que, por cumulo de infelicidade, aos olhos de uns ainda é uma cousa indiferente, aos olhos de outros uma cousa desagradavel, sim, mas afinal fatalmente determinada por lei da natureza, e até aos olhos de muitos... uma graça de mais, um adorno poetico, um attractivo lyrico!... Não terá entretanto chegado para nós tambem a occasião de acabar com estes erros de velhas éras? Se as mulheres são seres humanos, que têm uma missão na sociedade e deveres a cumprir para com ella, se, como seres humanos, as mulheres trazem consigo thesouros espirituais que devem ser aproveitados e desenvolvidos, é preciso todo o escrupulo de uma freira, ou toda a logica de um frade, para entender que estabelecimentos da ordem do que se acha indicado no projecto, não passam de appendices ou excrescencias inuteis, quando elles são, pelo contrario, complementos indispensaveis da educação total de um povo civilizado, ou mesmo civilisavel, se não é que nós outros brasileiros pertencemos áquella classe de *povos crepusculares*, de que fala H. Klencke, povos que vivem no *lusco e fusco* perpetuo de uma semi-cultura banal, sem saber o que são nem o que devem ser, atacados da mais grave das psychoses, a *photophobia* intellectual, o medo da luz, o horror da claridade.

Já é tempo, meus senhores, de irmos comprehendendo que o bello sexo em Pernambuco, bem como no Brasil inteiro, tem direito a maior somma de instrucção do que lhe tem sido até hoje fornecida pelos poderes publicos. A escassa instrucção elementar, que a província proporciona ás suas filhas, não satisfaz, não pode satisfazer as exigencias da época. A chamada secundaria, que

é dada nos collegios particulares, com rarissimas exceções, está abaixo de qualquer critica; e a superior é totalmente nulla. Por uma velha metaphora consagrada costuma-se dizer que a instrucção é o *alimento do espirito*. Dou que seja; mas tambem é força confessar que esse alimento, pelo que toca ás mulheres, ainda se limita a pobres migalhas cahidas da parca mesa da cultura masculina, ou antes para servir-me da expressão de uma escriptora allemã contemporanea, Josephina Freytag, o alimento espiritual do bello sexo — são confeitos, em vez de pão. Sim, nada mais do que confeitos; e a relação de similitudine conserva-se até na propriedade de enfastiar e indispôr o espirito para tomar o verdadeiro sustento. Assim, um pouco de musica, algumas peças de salão para o piano, um pouco de desenho, gaguejar uma ou duas linguas estrangeiras, e lér as bagatellas litterarias do dia, eis o total da maior cultura do sexo feminino em nossos tempos, cultura anomala, que E. Von Hartmann justamente qualifica de instrucção systematica da vaidade, e que, entretanto, não é preciso dizer-l-o, redobra de esterilidade e de penuria entre nós...

VOZES: — Muito bem.



## VIII

### Um discurso em mangas de camisa (1)

M**EUS** senhores! Ainda uma vez, é a mim que incumbe vir expor-vos, e em traços mais visíveis a idéa que se propõe realizar o *Club Popular* da Escada. A primeira reunião que já fizemos, não foi, nem podia ser inteiramente satisfactoria, sob este ponto de vista, porquanto, além da grave difficultade, que ha em fallar-se, de modo efficaz; a um auditorio não preparado, accresce que seria então antecipar, sem vantagem para esta sociedade, a explanação detalhada do seu objecto e dos seus intuitos. Bem quer me parecer que semelhante reserva, da minha parte, podia dar direito á se suppôr que ha no fundo deste

---

(1) *Observação preliminar sobre o "Discurso em mangas de camisa".* — Em Setembro de 1877, apareceu-me a idéa de organizar nesta cidade, e á semelhança de outros, já algures existentes, um pequeno *Club Popular*. Como todas as lembranças infelizes, que no nosso paiz têm a propriedade de germinar com a mesma rapidez do alho plantado em noite de S. João, segundo a crença vulgar, — a minha idéa promptamente *grelou*; mas tambem, com a mesma promptidão, murchou e morreu. Foi esta ainda uma das muitas illusões, de que se tem alentado o meu espirito nesta bella terra, onde aliás vim sepultar os dous mais caros objectos do meu coração e da minha phantasia: — minha Mãe e meu futuro!...

Foi ainda uma illusão, sem duvida, porém um pouco mais duravel, um pouco menos enganadora do que, por

meu tentamen uma certa dóse de mysterio e intenção secreta, que só pouco a pouco é dado perceber. Mas isto fôra erroneo e altamente injusto.

O pensamento que forma a base desta sociedade, como de outras de igual natureza, não se resume, — é verdade, — n'uma definição, nem se exgota em centenas de discursos. Só ás creanças é lícito imaginar que poderiam conter na palma da mão qualquer estrellinha, que se lhes afigura do tamanho de uma moeda, e apta para um brinquedo. Do mesmo modo, sómente aos parvos é permitido crer que o conceito inspirador e dirigente de uma corporação creada com fins humanitarios, politicos e sociaes, qualquer que seja o circulo de sua acção, é susceptivel de abranger-se n'uma folha de papel, e pôde se deixar vêr em todos os seus aspectos e attitudes sedutoras, á luz mortiça de velhas phrases consagradas ao culto apparatoso dos ídolos do dia.

Porém tambem é certo, senhores, que quando se evangelisa uma idéa nobre, por mais densa mesmo que seja a nuvem, em que ella venha envolvida, o genio do povo se encarrega de penetrar-lhe no intimo e conhecer, por instincto, o seu valor e o seu alcance. Nem eu quero

exemplo, a realidade das flores, com a sua vida de um só dia: — minha illusão durou quinze.

Por occasião e á proposito de realizar o meu plano, pronunciei o discurso que ahi vai. Publicado logo depois no *Jornal do Recife*, não deixou de ser então, como era natural, agradavel á uns, e displicente á outros. Mas ficou nisto.

Correram os dias, mudaram-se as cousas, e eu entendi que devia, para dar uma felicão mais permanente áquelle producto de *outros tempos*, publicá-lo em brochura, como agora o faço, acompanhado de notas, que servem de illustração ao meu pensamento.

E' o que tenho á dizer sobre a historia do livrinho. Quanto ao mais, o leitor o julgue, como bom e justo lhe parecer.

Recife, 11 de Fevereiro de 1879.

O Autor.

dissimular que uma associação, á guisa da nossa, que tem por principal agente o espirito popular, o impeto democratico do seculo, encerra naturalmente alguma partícula de reacção e protesto contra a tyrannia das cousas, algum germe de rebeldia contra a *impudencia dos deuses*, e importa, como tal, uma gotta de *assafetida* na taça de nectar dos poderosos da terra.

Mas isto não desfigura a placidez e serenidade do nosso intento, nem seria motivo sufficiente para as chamadas autoridades constituidas nos pedirem contas, por *tentativa de insurreição*. Tranquillisae-vos, pois: — se ha aqui algum segredo, esse segredo não é para vós; é para aquelles que teem a orelha longa e fina, que no simples acto da livre respiração, que na systole e diastóle do coração do povo percebem sempre um como fluxo e refluxo do mar, que vem enguli-los; é para aquelles, em cuja opinião o menor esforço para sair-se deste sonno de abatimento e miseria, é um plano de amotinados, assim como o sangue, que borbulha e jorra impetuoso, pôde ser tambem um revolucionario, na opinião do punhal; é para aquelles, enfim, que tendo boas razões de unirem-se á nós, de estarem commosco, não se dignam, todavia, de apparecer aqui, pelo receio que lhes inspira o contacto dos *lacaros* politicos, quaes somos todos nós, os homens do *trabalho* e não do *emprego público*, os desherdados da patria, os excluidos do seu banquete, mas que, a despeito de tudo, guardamos ainda uma esperança no peito e uma setta na aljava!... E' para esses, sim, que o exercicio de um direito pôde tomar as proporções de um phenomeno perigoso, de uma nuvem tenebrosa, que esconde no bojo alguma tempestade. Quanto a nós, porém, não nos incomodemos por isso; e quanto a elles, deixemo-los conjecturarem o que lhes aprouver; e prosigamos em nossa marcha.

Volto a tratar, senhores, do assumpto capital do nosso entretenimento, que já foi em synthese indicado, a primeira vez que aqui nos reunimos. Esforçar-me-hei, sobretudo, por ser claro. Não compareço entre vós, para fazer-me admirar, mas para fazer-me comprehendêr. A musa que me inspira nesta occasião é muito modesta, para que me obrigue a trajar a grande gala da linguagem bordada a ouro, e muito menos á *ouro frances*. Alguma cousa de familiar, alguma cousa de designável por um discurso em mangas de camisa, é o que vos venho apresentar. Se a viagem é curta e aprazível, se fui eu, quem vos convidou para ella, não seria uma extravagancia, additionada de uma impolidez, que eu quizesse ir á cavallo, quando os demais vão á pé? Nada, pois, de formalidades, nem geitos oratorios; nada de *espartilho rhetorico*: todo á commodo, e com toda a calma, vou expor-vos o que nos interessa.

Disse uma vez o padre Lacordaire que a posição mais desfavoravel ao orador é quando tem de fallar á homens que comem, — porém ha outra, a meu ver, ainda mais desfavoravel: — é quando se falla á homens que teem fome, se não se trata dos meios de satisfae-la, ou ao menos de modera-la. Tal seria, por certo, a minha posição diante de vós, como iniciador da idéa de um *Club Popular*, se me viesse á mente a singular lembrança de occupar-me em outros assumptos, que não fossem os males da nossa vida politica, o estado de penuria, e a peior das penurias, a penuria moral, em que laboramos, o desanimo dos espiritos, a surdez das consciencias, em uma palavra, todos os symptomas da doença, que mata as nações, o *abandono de si mesmo, o esquecimento de seus direitos*, pela falta de justiça e liberdade, de que todos nós, sentimo-nos sequiosos e famintos. Não me compete, nem seria agora opportuno, lançar as vistas no

paiz inteiro, depondo sobre a mesa das dissecções o grande corpo brasileiro, para sujeitar á uma analyse rigorosa a totalidade dos seus orgãos. Não interessa mesmo, nem a mim, nem a vós, dividindo o Estado em suas partes naturaes, tomar a província por objecto de nossa apreciação. Límítome, portanto, ao município, e ao município concreto, quero dizer, á este de quem somos habitantes. E' um fragmento do monstruoso *tremó*; mas este pedacinho reflecte tão bem a nossa face, o nosso carácter nacional, como todo o espelho.

O que mais salta aos olhos, o que mais fere as vistas do observador, o phänomeno mais saliente da vida municipal, que bem se pôde chamar o *exponte* da vida geral do paiz, é a falta de cohesão social, o desaggregamento dos individuos, alguma cousa que os reduz ao estado de isolamento absoluto, de atomos inorganicos, quasi podia dizer, de poeira impalpável e estéril. Entre nós, o que ha de organizado, é o Estado, não é a Nação; é o governo, é a administração, por seus altos funcionários na corte, por seus subrogados nas províncias, por seus infimos caudatários nos municípios; — não é o povo, o qual permanece *amorpho* e dissolvido, sem outro liame entre si, a não ser a comumhão da língua, dos más costumes e do servilismo.

Os cidadãos não podem, ou melhor não querem combinar a sua acção.

Nenhuma nobre aspiração os prende uns aos outros; — elles não tem, nem força defensiva contra os assaltos do poder, nem força intelectual e moral para viverem por si; tal é o facto mais notável que a observação establece em geral, porém, que me parece não se manifestar em lugar algum tão carregado de más consequencias, como na Escada. Aqui de certo, os habitantes do município, maxime os da cidade, fazem a impressão de via-

jantes, que se reuniram á noite em uma mesma casa de rancho, mas logo que amanheça, cada um tomará o seu caminho, quasi sem probabilidade de outra vez se encontrarem. Deste modo de viver á parte, de sentir e pensar á parte, resulta a indifferença, com que olha cada um para aquillo que pessoalmente não lhe diz respeito, e em quanto não chega o seu dia, contempla impassivel os tormentos alheios, sem saber que, como disse o poeta: —

A todos cabe o mal da humanidade,  
— De lagrimas e dôr fatal convivio, —  
E aquillo que um tomou sobre seus hombros  
E' para os outros verdadeiro allivio.

Não fica ahí. Essa impassibilidade, que acabo de assinalar, não se revela sómente por uma certa ausencia de sincero amor e caridade, nas relações puramente humanas, mas tambem pela falta de patriotismo, nas relações nacionaes, pela ausencia de senso politico e dignidade pessoal, nos negocios locaes. E' a esta doença moral, de que padece o povo da Escada, que o nosso Club propõe-se applicar um remedio, senão de todo eficaz, ao menos palliativo.

E importa advertir: — o Club Popular Escadense não toma por principio director nenhum dos estribilhos da moda, menos que tudo a celebre trilogia: *liberdade, igualdade e fraternidade*, tres palavras que se espantam de se acharem unidas, porque significam tres cousas reciprocamente estranhas e contradictorias, principalmente as duas primeiras. E para que não se me accuse de paradoxia, permitti-me, por um pouco, tratar de demonstra-lo; o que tanto mais interessa, quanto é certo que não temos por nós nenhuma das tres pessoas dessa *trindade revolucionaria*, e por isso muito importa sabermos, se dellas

uma só nos basta, ou se de todas necessitamos, bem como se é possível a sua consecução.

Mas antes de tudo, — que a liberdade e a igualdade são contraditorias e repellem-se mutuamente, não milita dúvida. A liberdade é um direito, que tende a traduzir-se no facto, um princípio de vida, uma condição de progresso e desenvolvimento; a igualdade, porém, não é um facto, nem um direito, nem um princípio, nem uma condição; — é, quando muito, um postulado da razão, ou antes do sentimento. A liberdade é alguma cousa, de que o homem pôde dizer: — *eu sou!*...; a igualdade alguma cousa, de que elle sómente diz: — *quem me dera ser!*... A liberdade entregue a si mesma, á sua propria acção, produz naturalmente a desigualdade, da mesma fórmula que a igualdade, tornada como princípio prático, naturalmente produz a escravidão. A liberdade é aquele estado, no qual o homem pôde empregar, tanto as suas proprias, como as forças da natureza ambiente, nos limites da possibilidade, para attingir um alvo, que elle mesmo escolhe. Onde, pois, o individuo é perturbado no uso de suas forças, e a respeito das acções que não se oppõem á liberdade dos outros, nem ás necessidades sociaes, é sujeito a uma tutela, ahi não existe liberdade, nem civil, nem política, nem de outra qualquer especie. A igualdade é aquele estado da vida publica, no qual não se confere ao individuo predicho algum particular, como não se lhe confere particular encargo. Igual independencia de todos, ou igual sujeição de todos. O mais alto grão imaginable da igualdade, — o communismo, — porque elle presupõe a oppressão de todas as inclinações naturaes, é tambem o mais alto grão da servidão. A realisação da liberdade satisfaz ao mais nobre impulso do coração e da consciencia humana; a realisação da igualdade só pôde satisfazer ao mais baixo dos sentimentos: — a inveja. Que uma e

outra não se harmonisam, que são exclusivas e repugnantes entre si, prova-o de sobra a revolução franceza, que tendo começado em nome da liberdade, degenerou no fanatismo da igualdade, e reduziu-se ao absurdo nas mãos de um despota. O povo francez assemelhou-se então a uma cidade que se submerge, só ficando de pé uma torre enorme, no meio do lago immenso: — a figura de Napoleão! Estava assim, da melhor forma, o ideal de Mirabeau: — *la monarchie sur la surface égale*. Os individuos, ou os povos, que esquecem a liberdade por amor da igualdade, são semelhantes ao cão da fabula, que larga o pedaço de carne que tem na bocca, pela sombra que vê na agua do rio.

Estas palavras bastam, senhores, para vos fazer comprehender, qual é neste sentido o meu modo de pensar. Quanto á fraternidade, francamente vos declaro que considero-a mais um conceito religioso, do que um conceito politico. Dentro dos limites, em que pôde ser realisada, ella não é o sacrificio da pessoa, pelo qual recebe-se uma bofetada, e offerece a face para receber segunda, mas é sómente a união de todos numa mesma idéa, num mesmo sentimento, — a idéa da patria, o sentimento do direito. E dest'arte exercida, a fraternidade torna-se fecunda, porque conduz á conquista da liberdade, pondo de parte os sonhos extravagantes de uma igualdade impossivel.

Entretanto podeis perguntar-me: como far-se-há que cheguemos ao alvo que nos propões, nós outros homens do quarto pela maior parte, do terceiro e segundo estado, operarios, artistas, homens de letras, que nada temos, que nada somos, visto como os nossos direitos se acham sequestrados nas mãos de meia duzia de felizes, constituidos nossos depositarios? A pergunta seria grave, porém teria resposta. E' certo que, a despeito de todas as

apparencias e exteriores constitucionaes, a sociedade brasileira em sua generalidade, e mais visivelmente, em particular, num ponto dado, é uma sociedade de privilegios, senão creados pela lei, creados pelos costumes, de cujos dislates a lei é cumplice, não lhes oppondo a precisa resistencia. Debalde se falla de uma *indistinção civil*, a não serem as differenças produzidas pelos talentos e virtudes, quando verdade é que o talento e a virtude não servem para marcar distincção entre os individuos, considerados como fracções sociaes. O *denominador communum* é a fidalguia, ou o seu subrogado, — o dinheiro.

E' certo que a nossa população se acha dividida não sómente em classes, mas até em castas.

E não só em castas sociaes, como tambem em castas politicas, quaes são sem duvida os dois partidos, que se disputam o poder, dos quaes o dominio de um é equivalente á perseguição do outro, modificada apenas pela infamia dos renegados e dos transfugas. Tudo isto é certo, senhores; e aqui acode-me a lembrança de um facto, que serve ao assumpto: — quando, ha dez annos, foi nomeado bispo de Pernambuco o Sr. Cardoso Ayres, de *glorioso esquecimento*, como são todos os bispos, finados e por finar, na sua primeira pastoral, escripta em latim, dirigi-se a seus diocesanos, sob a tripla cathegoria de clero, nobreza e povo, — *clero, optimatibus et populo*, senão *plebi*; e esta classificação provocou a censura publica. Devo confessar que ainda hoje não comprehendo uma só palavra das criticas e reclamações, que ella teve o poder de suscitar. O bispo que estava em Roma, conhecia melhor as nossas cousas, do que todos os reclamantes. O Brasil era então, como é e continua a ser, isto mesmo: um clero privilegiado, o qual, não obstante haver um salario do seu trabalho, não obstante receber por uma *capella de missas* tanto, quanto nem sempre o advogado recebe por

uma causa, nem o pequeno negociante ganha na feira de sabbado, nem o artista lucra com os seus artefactos, todavia não paga imposto, como tal, bem que a sua industria, sendo altamente rendosa, nada soffresse em contribuir com um centesimo dos proventos para as despezas communs. Depois do clero, uma nobreza *feita á mão*, pela mór parte estupida, pretenciosa, e ainda peior que a celeria, pois que esta, ao menos, não manda açoutar os cidadãos, nem prende-los no tronco dos engenhos.

Não fallo da classe economica propriamente dita, porque a sua vida se limita a uma *lucta pelo capital*, e nada tem que ver com as nossas *luctas pelo direito*. Após então vem o povo, o povo triste e soffredor, em cuja fronte, não poucas vezes, junto ao estygma da infelicidade, por cumulo de miseria, a sorte imprime tambem o estygma da ingratidão; o povo que é o numero, mas um numero abstracto, um numero que não é a força; — perseguido, humilhado, abatido, a ponto de sobre elle os grandes disputarem e lançarem os dados, para ver quem o possue, como os judens sortearam a tunica inconsutil do martyr do Calvario.

Não exagereo, senhores, — é a verdade. O povo brasileiro, ou mui restrictamente, o povo da Escada, é tido na conta de uma cousa appropriavel, se já não appropriada. Quereis uma prova entre muitas? Eu vo-la dou; reparae bem. O anno passado, quando se tratava da qualificação dos votantes desta parochia, nessa epocha de baixeza e picardia, que hoje porém, já não me espanta, porque depois disso tenho aqui mesmo testemunhado mais negras miserias, haveis de estar lembrados que os dous partidos em contenda, para mostrar qual delles tinha por si a maioria, levaram á imprensa, com uma ingenuidade infantil, sómente a apreciação do *numero dos engenhos!*... — "Ha mais engenhos do lado dos liberaes", —

diziam estes. — "Nem tantos, como allegam" — diziam os conservadores, e accrescentavam: — "Se os liberaes tem alguns engenhos de mais, os dos conservadores, em compensação, são mais extensos, mais povoados, mais ricos..." — Eis ahi.

Quereis melhor? Se isto não era uma questão de fabrica, isto é, de maior numero de bois, cavallos e escravos, inclusive os cidadãos votantes, já sei que as palavras perderam o seu sentido, ou eu perdi o uso da razão. E' pois evidente que, pela propria confissão das partes, está creada na Escada uma *assucarocracia*, a qual se julga com direito á posse de todos aquelles que vieram tarde e não encontraram um pouco de terra para chamarem sua, e dentro desse dominio manejarem sem piedade o *bastão da prepotencia*.

Tudo isto, repito, senhores, é de uma clareza solar; de tudo isto estamos inteirados por amarga experiençia. Porém é certo que não devemos desanimar. O processo da acção do povo, se me é licito assim expressar-me, para adquirir a posição perdida, é summario: — uma especie de interdicto *unde vi*, em materia política. Ainda não passou anno e dia para intenta-lo, — se é que o povo não prefere usar do meio que as leis permitem aos *esbulhados da posse* de cousas materiaes, e que seria absurdo não permittir igualmente aos esbulhados de cousas mais sagradas que uma geira de terreno, se é que já não chegamos áquelle estado de vilania e transtorno dos conceitos moraes, em que a vida é preferivel á honra, e a propriedade preferivel á vida. Esta linguagem eriça cabellos; — a mais de um *amigo da ordem* pôde ella parecer o cumulo da extravagancia; e todavia senhores, este meu vinho tem agua, não é delle que se costuma beber nos festins da democracia. Seja, porém, como fôr, não hesito em declarar-lo: — o povo da Escada, a quem ora me dirijo, deve

pôr-se fóra da tutela. Tomando conta de si mesmo, e contestando aos poderosos a faculdade de disporem desta cidade, como de uma *filial* das suas fazendas, cumpre-lhe erguer-se á altura de um poder, com que elles devem contar, em bem ou em mal, e não continuar a ser um algarismo minimo, um *millesimo* de força, cujo erro não lhe perturba os calculos. Ao povo da Escada importa convencer-se que elle não tem para quem appellar, senão para o seu proprio genio, que não é o da resignação e da humildade. Importa convencer-se que ninguem se lembra delle, ninguem por elle se interessa. Os magnates do municipio, por mais que finjam o contrario, não escapam á censura de serem todos accordes no tratar com desprezo a esta localidade. Sirva de prova o facto extraordinario de não haver um só proprietario do termo, qualquer que seja o seu grão de riqueza, que possua dentro da cidade um predio, digno de si, relativo á sua posição e á influencia que por ventura queira ter. Não ha um unico, sequer, que tenha aqui edificado, nem em grande nem em pequena escala. Muitos até existem, que contam nos dedos de uma só das mãos as vezes que teem vindo á séde do municipio, e ainda fica dedo desoccupado para uma pitada de rapé.

Este phemoneno singular e significativo, creio eu, não se repete em outro logar, pelo menos, com tão claro proposito de desdem votado á populaçao da cidade. Seria futile e desprezivel a objecção que me fizessem, allegando que as despezas da edificação da nova matriz correram quasi todas por conta desses mesmos proprietarios. Nenhuma duvida; porém, o que importa? Uma questão de *bigottismo*, senão antes de alardo pecuniario, ou de simples consideração ao burel de um capuchinho.

Não vos illudaes, senhores. Em assumpto de popularidade, de homens dedicados á causa popular, a experientia está feita; e sou tentado a dizer-vos, como o

francez H. Beyle: — *J'invite à se méfier de tout le monde, même de moi...* — Aconselho-vos que desconfieis de todo mundo, até de mim mesmo. Confiae sómente em vós, que releva levantardes a fronte, nos vossos esforços, que é mister multiplicar, no vosso proprio caracter, que é preciso reformar.

O municipio da Escada, e como elle, a provincia, e como a provincia, o paiz inteiro, anseia pela vinda de qualquer grande acontecimento. Não sei qual elle seja, mas elle ha de vir.

Não sou judeu para crer no Messias, nem tenho a ingenuidade dos primitivos christãos para acreditar na *parousia*; mas sou philosopho em confiar nas leis da historia, que regulam o destino dos povos; e essas hão de tambem cumprir-se entre nós. Os cometas não percorrem uma mesma orbita, e as nações não seguem um mesmo caminho. Do paiz em geral se ergue como que um susurro de imprecações e lamentos, é o naufragio que se approxima. Nada de bater nos peitos, nem de pedir misericordia. Ninguem nos soccorrerá, se o socorro não vier de nós mesmos. Abramos mão de nossos prejuizos, de nossas reservas, de nossos temores, e sejamos um povo livre.

Sim, meus senhores, é a liberdade que nos falta: não aquella que se exerce em fallar, bradar, cuspir e macular o proximo, porque esta temo-la de sobra, mas aquella que se traduz em actos dignos e meritorios. Informa-nos escriptor competente que no portico da nova casa do parlamento allemão existe, entre outros, o retrato de um celebre deputado liberal, Carlos Mathy, debaixo do qual se leem as seguintes palavras suas: *A liberdade é o preço da victoria, que adquirimos sobre nós mesmos.* — E' esta, senhores, que deve provocar os nossos anhêlos, é desta que carecemos: o preço da victoria adquirida, não tanto sobre um governo malefico e execravel, como antes sobre

nós mesmos, sobre os nossos desvarios, e a nossa facilidade em deixarmo-nos intimidar, ou seduzir, pela tentação dos seus demonios.

Entretanto, eu tenho, neste sentido, sombrias apprehensões. Talvez já seja tarde para consegui-lo. Nota bem: tarde, e não cedo. Não pertenço a escola dos theoreticos pacientes, que julgam o povo ainda não maduro para a liberdade. Como se fosse possível aprender a nadar sem metter-se dentro d'agua, ou aprender a equitação sem montar a cavallo! — Dislates iguaes aos dos que querem que o povo passe por um tirocinio da liberdade, sem aliás exerce-la.

O que me causa apprehensões, é o contrario disto. Receio que cominosco succeda o que se deu com a mais robusta incarnation do byzantinismo moderno: o imperio de Napoleão III.

Este infeliz regimen teve duas phases: uma de marcha em linha recta, na senda do despotismo, sem transigir, nem tergiversar, — foi a epocha da ascensão ao seu apogeu; outra de decadencia e enfraquecimento, — foi a epocha das concessões e tentativas liberaes, que durou até a queda final do imperio e o desastre da nação.

De 1852 a novembro de 1860, que é a data do primeiro decreto, onde o despotismo dignou-se de encurtar o diametro, e d'ahi, de concessão em concessão, isto é, de fraqueza em fraqueza até 1870, quero dizer até Sedan!... Semelhante facto, senhores, confirma a seguinte verdade: — que qualquer governo corre o risco de cair, quando mente aos seus principios e torna-se incoherente, — assim como, que uma nação, por força do absolutismo, pôde chegar ao estado de incapacidade para um regimen livre. Desconfio que o nosso *Libertas quae sera tamen...* será de todo inutil. O Brasil já faz a impressão de um menino de cabellos brancos. Estamos estragados. Quando

aprouver ao imperador conceder-nos um pouco mais de ar, não será fóra de tempo, não estará já tudo perdido, até mesmo a honra? Tenho medo!... Nem ha razão para estranhades o parallello. Se existe alguma diferença, é só de desvantagens para o nosso lado. Poucos annos antes da queda do segundo imperio, dizia delle um pensador politico da Allemanha, que sem embargo da constituição, sem embargo de um senado e corpo legislativo, o que tudo não passava de machinismo *bureaucratico*, o governo napoleónico não era mais do que um puro absolutismo, temperado pelo temor das bombas de Orsini.

Muito bem. O escriptor disse a verdade, não, porém, toda a verdade. Não era sómente o temor das bombas de Orsini que temperava o governo de Napoleão, o qual se podéra chamar *o socialismo no throno*. Era tambem o amor das classes necessitadas, a continua attenção prestada aos interesses do quarto estado, ponto este que sempre constituiu o pensamento director do novo bonapartismo.

Sim, o governo absoluto de Napoleão era ainda temperado pelas *sociétés de secours mutuels*, pelas *cités ouvrières*, pela *société industrielle* de Mulhouse; era ainda temperado pelos *fourneaux* do principe imperial, que forneciam comida aos trabalhadores por baratissimo preço; pelos banhos gratuitos da capital; pelo *Grand Café Parisien*, levantado á porta de S. Martin, confinando com os quarteirões dos operarios, no qual o homem pobre, por poucos soldos, á luz de candelabros e num divan de veludo, podia tomar o seu *petit verre*. Entretanto, nós outros o que é que temos? Tambem um puro absolutismo, apenas, porém, temperado... pela *batalha de Avahy*, pela *Fosca*, pela bancarrota do Estado, pela corrupção dos ministros, pela *miseria* do povo e as *viagens* do rei. Ou será que vós ao menos vós, cidadãos da Escada, tendes motivos de vos julgardes felizes? Vós que difficilmente adquiris o pão

quotidiano, com o suor do vosso rosto, vós a quem é applicavel, bem como á maioria do paiz, o que uma vez disse Gladstone da sua Inglaterra: — Em nove casos de dez, a vida não é mais do que um combate pela existencia! — E que combate! Um combate com a natureza, que não raro se vos mostra cruel; um combate com a sociedade, que se vos oppõe não menos madrasta; um combate com o capital, que vos olha desconfiado, e não se digna de animar-vos; um combate com o Estado, que multiplica os impostos, augmenta as difficuldades, toma as vistas do futuro; e desta quadruplica luta é que teem de sahir os meios de viver e educar os vossos filhos!... Eu não sou socialista: não encaro o numero dos que cuidam poder, com um traço de penna, extinguir os males humanos, quasi irremediables. Mas tambem não faço côro com a escola de Manchester; não penso que a pobreza é sempre o castigo da preguiça economica, e que, como tal, qualquer medida de soccorro ou allivio para ella, importa premiar os inertes e preguiçosos. Alto e bom som se diz que a Escada é riquissima, que é um dos mais ricos municipios da província. Quero crer que seja assim. Porém não é estranhavel que sendo o municipio tão abastado, offereçam aliás os habitantes da cidade, por este lado, aspecto pouco lisongeiro? Para as vinte mil cabeças da população do termo, esta cidade contribue com tres mil, pouco mais ou menos. Sobre estas tres mil almas, ou melhor, sobre estes tres mil ventres, é probabilissimo o seguinte calculo:

90 por cento de necessitados, quasi indigentes.

8 por cento dos que vivem soffrivelmente.

1½ por cento dos que vivem bem.

½ por cento de ricos em relação.

Semelhante quadro, que pôde peccar por excesso de côn de rosa, não é todavia apto para dar do nosso estado economico outra idéa, senão a de um pauperismo medonho, quando muito, moderado pela esperança de uma *sorte* de loteria. Nesta triste conjunctura, o que faz o Estado, o que faz a província, o que faz a comunha, em favor da população, para diminuir-lhe os obstaculos e facilitar-lhe o trabalho? Nada mais nem menos, do que sobre o costado da besta, já cahida de fadiga, arrumar mais alguns kilos, afim de ajuda-la a erguer-se. O Estado e a Província sugam annualmente deste Municipio, sem fallar de outros canaes, e só do que corre pelas duas collectorias, de 25 a 30 contos de réis. Eis o que vae no refluxo. Vejamos agora o que vem no fluxo: 10 por cento dessa quantia, que se gasta com a magra instrucção publica; 15 por cento, com a justiça e seus appendices; 20 por cento, com a polícia; 1 a 2 por cento, com o artigo — religião; e o resto, a saber, mais de metade, vae perder-se em outras plagas, sendo ainda para notar que as despezas com a polícia local são as unicas que trazem um resultado pratico e sensivel, pois que o cidadão, em muitas ocasiões, recebe no lombo a benefica pancada do *rêfe*. Por sua vez a Municipalidade exercita, com o mesmo zelo, as suas funcções exhaustientes, e não se sabe, em ultima analyse, em que se emprega a sua receita. Por toda parte, pois, e sob todos os pontos de vista, os mesmos symptomas morbidos, as mesmas ansias, a mesma angustia. As consciencias como que perderam o centro de gravidade moral, e balançam-se inquietas em busca de um apoio. A instrucção é quasi nulla, á medida que tambem é nullo o gosto de instruir-se; e temos em casa o exemplo. Acabaes de ouvir que o dispêndio feito com as escolas desta cidade é muito inferior ao que se faz com a polícia: signal evidente de atrazo intellectual. Não limita-se a isso. Segundo a opinião de

competentes, a proporção regular entre o numero de habitantes de um lugar e o das pessoas que devem frequentar a escola, é de 12 a 15 por cento, se esse lugar quer ter o titulo de adiantado. Ora, dos tres mil espiritos, que dissemos haver aqui dentro, 4 por cento e alguns quebrados é que se encontra realmente de frequencia em cinco casas de instrucção que existem, sendo sómente 7 por cento o numero dos matriculados!... Vê-se pois, que ainda entre nós ha uma certa má suspeita contra a arte *diabolica* de ler e escrever, para servir-me da ironica expressão do italiano Aristides Gabelli.

Juntae esse aos demais phenomenos da nossa decadencia.

O *Club Popular Escadense*, meus senhores, não nutre a pretenção, que seria ridicula, de vir levantar um dique de resistencia contra a corrente de tantos males, cujo ligeiro esboço acabo de fazer; mas tem o intuito de incutir no povo desta localidade um mais vivo sentimento do seu valor, de despertar-lhe a indignação contra os opressores, e o entusiasmo pelos opprimidos. E ha momentos, já disse com razão alguém, ha momentos, em que o entusiasmo tambem tem o direito de resolver questões...

Tenho concluido.

---



## NOTAS E ADDIÇÕES (1)

### \* Explicando-me

COMO se lê na *Observação Preliminar*, o *Discurso em Mangas de Camisa* foi primeiramente publicado no *Jornal do Recife*, todo inteiríço, com seu conspecto simples e uniforme, sem signaes de chamadas para notas abaixo confirmativas ou explicativas de passagens do texto. Posteriormente, porém, foi condensado em brochura, aliás de pessimo exterior artístico, sem nenhum encanto e suavidade, que, só por si, constituem a sedução de muitos livros, embora o leitor avido não raras vezes cai em decepção, por não encontrar no miolo delles a substancia do pensamento.

A publicação ulterior ou seja a primeira edição desse pequeno livro, dada na Escada, veio acrescentada de excelentes notas, que attrahem a leitura e despertam a tentação do sério meditar. Todas, ainda mesmo as mais singellas, abordam questões momentosas, dizem em poucas e incisivas palavras o que alguns talentos de alta potencia não fariam senão derramando-se em myriades de phrases sonoras. São uma demonstração segura da força nomenal (de Nôoq ou voôq, espirito, pensamento), se é acceptável ou se é cabido o neologismo, que presumo expressivo do meu modo ver, da originalidade do genio de Tobias Barretto; mas também semelhante qualidade significa que espiritos da sua ordem conquistam a pouco e pouco, paulatinamente, a admiração dos contemporaneos. Direi mais: são as intelligencias, que não se

---

(1) As notas, em ordem alphabeticâ, que vão adiante, foram extraídas da edição, em separata, do *Discurso em mangas de camisa*, publicado pelo autor em 1879, em Escada, Pernambuco.

nutrem de phrases, nem se embebem ou se emmaranham em ritornellos rhetoricos, as que mais custam alcançar as vitorias da popularidade. Os talentos verbaes, segundo a expressão de um escriptor patrício, ao contrario, impõem-se desde logo devido ao retumbo do palavriado, tornam-se esplendidos e aureolados de um renome convencional, que lhes dà proporções illusorias, e de ordinario não se extende á posteridade, porque se extingue com a morte delles.

Voltando ao *Discurso em Mangas de Camisa*, a brochura editada pelo proprio autor, quasi não transpõe as fronteiras do Municipio onde vivia e pensava o solitário da Escada. Não circulou fóra da então Província de Pernambuco. Quando muito, o titulo que houve, haurido das suas entranhas, impressionara alguns como uma exquisitice degeneravel em ridiculo. Sómente Sylvio Roméro, no volume *Machado de Assis*, é quem lhe faz a devida justiça, citando longos trechos das notas. E porque da pena do illustre escriptor sergipano o Louvor ao mestre sempre sahio inteiramente acabado, é lícito supor-se que até isso determinou a pertinaz campanha de negação e do obscurecimento, que se pretendia, do real valor e do nome de Tobias Barretto. Pois se elle não foi fabricante de calhamaços prolixos e massudos, que grosseiramente pesam como fardos ou volumes brutos, sem comtudo terem o peso específico do ouro?!...

Não é Tobias Barretto escriptor de meias obras ou de volumes em meio, visto não haver jámais publicado trabalhos mechanicamente divididos em livros, secções, titulos, capítulos e paragraphos, com oppilante fermentação de notas estiradas ao correr das paginas. O unico talvez ao qual se poderá dar o caracter de livro, na accepção correnteia, é o que denominou — *Menores e Loucos*. Esse mesmo obedece ao genio do mestre, é um commentario de profunda critica ao artigo 10 do Código Criminal, no qual não se sabe que mais admirar, — se a opulenta riqueza da ilustração ou a elevação das vistas e dos conceitos e arrastadora sedução do estylo. Todos os outros não passam de documentação da força synthetizadora do seu espirito, que claramente resumia em pequenas series de artigos, a todos accessíveis e capazes de levarem a convicção ao animo o mais obtuso, o desenvolvimento das mais subidas questões scientificas com as quaes nunca deixou de andar em dia.

Nem lhe assentia tambem o epitheto de *autor fragmentario*, visto como seus escriptos não são pedaços que ficaram de um todo, que se quebrasse ou fosse em parte perdido, pelo qual manava convincente logica. Taes não são, para exemplo, as notas por elle acrescentadas ao *Discurso em Mangas de Cumisa*, porque justamente são outros tantos artigos, que muito deleitam e nos quaes muito se colhe e aprende. Por esta razão, de proposito e a proposito, deliberei intitular-as, como se fossem discursos distinctos, havendo as denominações da contextura das mesmas.

Dest'arte, creio ter tambem comprehendido o pensamento e intenção do Exmo. Dr. Graccho Cardoso, a quem cabe a immorredoura gloria de uma edição sergipense das ooras do mestre, tanto quanto possivel, completa. Nem é a só e unica coroa que cingirá a fronte do Presidente patriota, mas tambem o facto de, por seu generoso influxo, ser convertida em realidade a supplica do autor destas linhas, quando no final de sua conferencia — *Missão Tobiatica ao Recife* — lhe fez ver que o professor de Latim de Itabayana, que sómente duas aspirações affagava — ser deputado ou senador por Sergipe e ir á Alemanha fazer conferencias em Berlim, — em goso de uma licença de seis annos, que o governo lhe concedera, foi victima imbellie da ganancia politiqueira de então. Supprimiram-lhe a cadeira de Latim: não foi demittido, não foi removido, nem jubilado, nem posto em disponibilidade. Apenas ficou... nos ares, luctando teimosamente para viver, embora com direito ao ordenado, aos vencimentos, que nunca recebeu, até 1889, anno do seu falecimento.

Nenhum dos seus dois ideaes conseguiu realizar!...

*M. P. Oliveira Telles*

## A

... à lauz mortiça de velhas phrases consagradas  
ao culto apparatoso dos ídolos do dia.

**R**EFIRO-ME, como é facil de comprehendér, a essa mania, tão commum entre nós, de *fazer effeito* e conquistar popularidade, por meio de um certo numero de palavras *mysticas*, tanto mais seductorás, quanto mais

obscuro é o seu conteúdo, e que se tornaram estereotypas nas mãos da mediocridade.

A *liberdade*, este nectar espumoso dos sonhadores políticos, que aliás agrada mais pelo cheiro, do que pelo sabor, — a *república*, esse fructo do paraíso, mais precioso por fóra, do que por dentro, que tem casca de *ouro* e miolo de *prata*, — o *povo soberano*, os *direitos do homem*, a *revolução* e todas as mais tolices sacramentaes da rhetorica tribunicia, já perderam aos meus olhos, como phrases natas para arranjar uma *figura* e arredondar um periodo, o seu antigo e celebrado encanto.

Bem sei que, assim pensando, arrisco-me a desmerecer perante o juizo de uma boa parte do público legente. Ainda hoje é verdadeira, nomeadamente entre nós, a receita prescrita pelo poeta: —

*Voulez-vous du public captiver le suffrage,  
Du mot de liberté soupoudrez votre ouvrage.  
Ce mot magique et cher fait pétiller d'esprit  
L'ouvrage le plus plat et le plus mal écrit.*

Todavia não obedeço ao gosto predominante. No discurso que ahi fica, o leitor terá muitas occasões de notar-me alguma frieza, desejar aqui mais um impeto, alli mais entusiasmo, porém nunca pegar-me-ha em flagrante delicto de palavreado estéril, calculadamente talhado para embair os simples.

## B

... "A' todos cabe o mal da humanidade, etc.

E' a traducçao, um pouco livre, dos seguintes versos allemães :

*Das Uebel, das auf der Menschheit ruht,  
Ist eine gemeinschaftliche Last;*

*Was du davon auf dich genommen hast,  
Kommt als Erleichterung Andern zu gut.*

A quadra que pude fazer, se não tem o cunho de um *traduttore*, não tem também o de um *traditóre*. A feição do pensamento contido no original não foi alterada; — e isto me basta.

---

## C

### Sobre uma trilogia celebre

*...menos que tudo, a celebre trilogia: "liberdade, igualdade e fraternidade"...*

E' mister, senão coragem, sem duvida um certo despego dos prejuízos correntes, para ousar dizer: — esta formula pomposa da metaphysica política, este dogma imponente, sedimento de tempos que já escoaram, os turbidos tempos da razão-pontífice, com sua infallibilidade e vice-deidade papal, não pertence mais aos nossos dias. E' como cedula de papel-moeda, retirado da circulação, cuja cifra só pode apenas mostrar um valor que outrora teve, formando, porém, contra aquelle, nas mãos de quem por ventura ella se encontre, um documento de desleixo, velhacaria, ou estolidez.

*Liberdade, igualdade e fraternidade!...*

São semelhantes a um desses grupos das chamadas *estrellas triples*, que nos parecem extremamente aproximadas umas das outras; e todavia... que larga distancia não medeia entre elles?! — Nada demonstra mais vivamente, do que esta *triade* inharmonisável, a verdade contida nos versos de Schiller: —

*Leicht bei einander wohnen die Gedanken,  
Doch hart im Raume stossen sich die Dinge*  
 "Facilmente uns com outros se accommodam  
 E habitam, sem chocar-se, os pensamentos;  
 Porém no espaço as cousas se abalrãoam."

A theoria é sempre franca e generosa, a pratica sovina e mesquinha. Como um rico e avaro banqueiro, que não aceita os saques de seu socio perdulario, a pratica não dá razão aos sonhos da theoria. E se ha uma dessas illusões theoricas, de que se pôde dizer com segurança que a experienzia está feita, que no fundo do chrysol, em vez do metal precioso, só ficou a borra, é justamente a theoria em questão. Uma cousa unica resta á admirar: — é que, á despeito de todos os desmentidos da realidade, esse trifolio antithetico do *messianismo* politico francez, singular mistura da razão e da imaginação, verdadeiro producto da phantasia celta, sahido da mesma forja que os romances de Julio Verne, conte ainda, como de facto, seus fanaticos seguidores. Entre nós, pelo menos, é incontroverso que, para fazer *acto de liberalismo*, importa andar repetindo, a todo proposito, estas tres phrases inanes, com áres, aliás, de quem decifra as palavras fatidicas do festim de Balthazar. Mais de um *evangelist of waste*, cujo symbolo não é o leão de Lucas, e tampouco a aguia de João, porém o macaco, vive ainda a doutrinar o pobre povo nos santos mysterios da magica trindade, que forma o fundo do *culto da Revolução...*

Já era tempo de não haver mais um espirito, na classe mesma dos parcamente instruidos, que se deixasse tomar de admiração e interesse pelos *idola fori* dos gallicistas politicos. Já era tempo de zombar do doutrinarismo revolucionario, como cousa anachronica e de todo inadequada

aos nossos dias; — já era tempo, em summa, de acabar com as illusões da *eschatologia* social dos modernos prophetas, e reunir com Giuseppe Giusti, o celebre satyrico italiano, num só feixe de promessas impossíveis, de pretenções ridiculas,

— *la concordia, l'egualianza,  
L'unità, la fratellanza  
eccetera eccetera.* —

Mas a magia da parolagem, entre nós sobretudo e a despeito de tudo, não perdeu a sua influencia. Com razão disse F. Zöller que o grau de veracidade e capacidade dos individuos, bem como dos povos, se mede pela extensão, em que a sua linguagem é dominada pela *phrase*. Por quanto, accrescenta o grande astronomo philosopho, — onde a *phrase* se apresenta, a verdade cobre silenciosa a cabeça, e retira-se espavorida (*Ueber die Natur der Cometen*). — Nós estamos bem no caso de offerecer materia para verificar-se uma tal observação.

Entretanto, é sempre de esperar que não deixará de vir o dia das desillusões, — e aquelles mesmos, nos quaes hoje a expressão sincera da realidade das cousas, apreciadas em sua prosaica nudez, produz impressão igual a que produz no touro enfurecido o lenço vermelho do toureador, curvar-se-hão, por certo, á omnipotencia dos factos. O que presentemente se repelle como estranho e absurdo, mais tarde não passará de uma verdade vulgar.

Schopenhauer já o disse: — o destino de toda e qualquer idéa, maxime das mais importantes, é que á verdade está reservado ter sómente uma curta celebração de victoria, entre os dois longos espaços de tempo, em que ella é condemnada como *paradoxo* e despresa como *trivial*.

## D

## A proposito da Revolução Franceza

*Prova-o de sobre a revolução franceza, que tendo começado em nome da liberdade, degenerou no fanatismo da igualdade, e reduziu-se ao absurdo nas mãos de um despota.*

**A**PRESSO-ME a ir de encontro a uma idéa falsa, que o leitor pôde formar, julgando-me, por essas palavras, *um dos muitos*, para quem a revolução franceza é o resumo de toda philosophia da historia, e que nella, sómente nella, bebem ensinamentos e exemplos de alta sabedoria política; — idéa que, além do mais, teria a desvantagem de pôr-me em contradição com as vistas manifestadas na nota antecedente.

Com effeito, se não pertenço á eschola retrograda e obscurante dos sycophantas do passado, os quaes de convicção, ou por capricho ainda hoje se benzem horrorisados diante dos espectros que se associam á lembrança de 89, tambem não augmento o numero dos *idiotas* da liberdade, que só vêem na revolução franceza um acto providencial, uma emenda feita ao Golgotha, uma segunda redempção, e como tal o começo da verdadeira historia da humanidade. Não sei se estou acima ou abaixo destes dois diversos modos de intuição, — mas sei que estou fóra delles. Não se lê impunemente, neste sentido, as investigações de um Sybel, as paginas de um Treitschke: — eu já não creio em benções divinas, que nos viessem dos tempos do *brumaire*, ou *thermidor*... A chamada revolução franceza, que o professor Luigi Settembrini, de Napoles, em suas *Lesioni di Letteratura Italiana*, exige que seja, e prova que deve ser tida como *revolução latina*, a qual se preparava, havia já tempos, no seio dos povos da mesma raça, e foi realizada

pelo impeto da França, — esse grande entre outros grandes acontecimentos do mundo moderno não contém em si cousa alguma de enigmatico ou mysterioso, e bem pouco encerra de poetico e venerando. Não é aqui o logar proprio de entrar em longos detalhes sobre este ponto, na sustentação de um modo de ver, que destoa dos prejuizos aceitos, que é um golpe dado na raiz da opinião dominante. Mas importa deixar accentuado: — a França que tem sido, neste seculo, muitissimo fecunda em construir *Philosophias* de tudo, da mesma forma que a sua *Exposição International* do corrente anno foi fertil de *Congressos* sobre todos os assumptos, desde o que teve por objecto o direito das mulheres até o que se occupou do direito dos cavallos e seus irmãos em soffrimento; a França que sabe *philosphar de omnibus et quibusdam aliis*, e tanto que lhe devemos até uma *Philosophia da Miseria*, que aliás sómente servio para pôr em relevo, como mostrou Karl Marx, a *miseria da Philosophia*; a França, emfim, que pouco falta se lembre de nos dar tambem a *Philosophia da Insensates*, para ocupar logar de honra entre as suas *Philosophias...* do *Direito Penal*, do *Direito Ecclesiastico* et reliqua, mentiria á sua missão humanitaria e civilisadora, se não tivesse igualmente o seu sistema acabado, a sua *Philosophia da Revolução*, escripta nos livros e implantada nos espíritos.

E' pois de encontro aos dogmas desta velha orthodoxia philosophico-politica, que eu me confesso incredulo e rebelde. No estado actual do seu desenvolvimento, a historia dos povos modernos, principalmente dos povos da America, necessita de factos mais importantes, de soluções mais proficuas, do que derrubar thronos e decapitar coroados. As exigencias do seculo excedem muito e muito a medida das categorias estereis de *direitos do homem e soberania do povo*.

A tudo isto, — tenho por certo, — mais de um idolatra do paiz da moda, da gente azougadamente mobil, de quem já nos seus primeiros dias dizia Catão, que era distinta por duas cousas: *rem militarem et argute loqui*. — o que exprime justamente *la gloire* e *l'esprit* dos tempos de hoje; — mais de um idolatra do paiz da moda, — repito, — abalará com desdem a cabeça. A razão é simples: — cabeças oucas facilmente se abalam. Mas o que importa? Eu não pertenço á classe dos felizes que, na expressão de Hartpole Lecky, compram a paz, o viver bem com todos, á custa da verdade; como não acho sempre digno de praticar-se o conselho de Goethe:

— *Sagt es niemand, nur den Weisen,  
Weil die Menge gleich verhöhnet.*

Não digas a ninguem, sómente aos sabios,  
Porque o vulgo não sabe, e logo zomba.

Pelo contrario, é muitas vezes diante do vulgo mesmo que se reforça o dever de não calar-se as proprias convicções, não obstante os seus desdens, e até por causa delles. Demais, eu não creio viver em um mundo, onde existam claramente assinaladas as duas distinções de *sabios*, a quem se falle, e *multidão*, com quem se tenha reservas. A este, de que faço parte, perfeitamente se accommodam as palavras de Machiavelli:

*Nel mondo non è se non volgo.*

Bem sei que, em semelhante meio, a posição do escriptor, não atacado da geral *preguiça de pensar*, e que tem, portanto, alguma cousa a dizer, é igual á da rainha *Gandhari*, no conto indiano: — “O velho rei *Dhribarashira* era cego; tendo elle um dia de apresentar-se em publico

junto com sua mulher *Gandhari*, esta veio de olhos vendados, para não mostrar-se melhor que o seu querido esposo..."

E' assim: — o escriptor tambem necessita de apresentar-se de venda nos olhos, voluntariamente cego e ignorante, para que esteja bem ao nível do seu *caro* leitor. A lenda india, não diz, que castigo teria *Gandhari*, se apparecesse sem véo no rosto; — mas sabemos qual é o que aguarda o escriptor desponderado, que *ousa* ter uma idéa de mais, não bebida na fonte *commum* do seu honrado publico; é o ridículo, este martyrio da epocha, na phrase de Pelletan, porém que entre nós outros, — e é isto o que me anima, — ainda não foi exercido com efficacia, não poude ainda realmente contar, nem sequer um *martyr*, graças ao desaso e estupidez dos carrascos.

## E

### A fraternidade é simples conceito religioso

*Quanto a fraternidade... considero-a mais um conceito religioso, do que um conceito político...*

**O** leitor attenda bem: — um *conceito religioso*, e não um *conceito moral*.

O sentimento, que faz ver na humanidade uma só familia, se é que elle de facto existe, não pertence á esphera da moralidade. As acções humanas, como tales, aquellas mesmas que demandam mais abnegação e esquecimento de si proprio, que mais engrandecem o homem ante a sua consciencia, não têm como base, como motivo primordial, o amor e dedicação ao *genero humano*, o qual, em ultima analyse, não passa de uma especie de notação algebrica, de uma quantidade abstracta, de que se faz uso

unicamente por commodidade da linguagem. A moral nada tem que ver com os desvarios de espíritos ligeiros, que se afiguram, sob o schemma da *fraternidade*, uma ordem natural e racional das cousas, em que o gato se concilie com o rato, e o lobo com o cordeiro. *O non sibi sed toto genitum se credere mundo...* não é um princípio de moral humana, uma norma de acção de homens que vivem e amam a vida, mas um sublime paradoxo de barbáro estoicismo, que julga vingar-se das miserias da humanidade, dando-lhe a resolver problemas impossíveis.

Os apostolos da *paz universal*, os capuchinhos philosophicos da *fraternidade humana*, illudem-se de todo, se é que, pelo contrario, não querem illudir. — “Eu nutro muita piedade, dedico muito respeito aos meus parentes reaes, diz Fritzjames Stephen, para que ouse dar o nome de irmãos a todas as criaturas humanas, das quaes não poucas merecem o meu desprezo e o meu odio. O genero humano é tão numeroso, tão cheio de diferenças, tão pouco conhecido do individuo, que ninguem pôde, sem mais outro motivo, amar a raça inteira, como uma parentela. Os fanaticos da humanidade, no melhor dos casos, trazem na mente apenas phantasmas, a que nada corresponde de real e positivo...” — A isto junta-se uma outra consideração, não menos digna de nota, — é a seguinte: — no dia em que a humanidade constituisse uma só familia, segundo os votos dos seus prophetas, deixaria ella de existir, porque, desaparecendo a lucta, desapareceria tambem o impeto da vida. Os povos têm cada um o seu alvo, o seu fim a proseguir; a humanidade, porém, não tem um *fim proprio*, e assim não pôde perdurar e progredir, senão dividida em estados, nações e raças, que emulam, que se contradizem e luctam entre si. O desenvolvimento humano effectua-se por meio de contrastes, da mesma forma que o ponteiro do relogio avança pelos vaivens da pendula.

O *eu* da humanidade ainda não afirmou-se, nem pôde jamais afirmar-se de um modo claro e determinado, por atos que exprimam as forças e tendencias, não de uma nação ou de um povo, porém da especie inteira. Os *homens representativos* são-n' o sómente desta ou daquella nação, numa ou noutra epocha dada. A humanidade como *tudo*, como sistema organico, não teve até aqui, e nunca terá um *representante*. Aquelle mesmo, de quem se diz que viéra remir o genero humano do *captivoiro do diabo*, posto que ainda a esta hora mais de um *demonio* conserve captivo o sobre Adamide, não foi senão a personificação de tudo que de brilhante e admiravel existia no povo israelita e se havia, por muitos seculos, accumulado em sua historia. Jesus foi um *representante*, sem duvida, — o maior, — eu concedo, que se pôde offerecer aos nossos preitos; mas o foi unicamente da sua nação, como foi Alexandre entre os gregos, Cesar entre os romanos, Dante na Italia, Luthero na Allemanha, e raros outros phenomenos da grandeza moral e intellectual dos povos.

O principio da individuação, que é o principio fundamental de todos os seres, não abrange a humanidade, quero dizer: a humanidade não é um individuo, *scilicet*, uma força ou conjunto de forças, que co-operam para um unico scopo, consciente ou inconsciente. Tão pouco pôde existir uma *união*, uma *fraternidade humana*, como existe uma *historia humana*, uma *lingua humana*. Bem que se diga, — e realmente seja aceitável, — que o homem é um *ente historico*, esta verdade não deixa de soffrer, todavia, suas restricções. Por quanto, sem ellas, qual viria a ser, por exemplo, a *historicidade* do Papua ou do Esquimó, e de tantos outros *residuos* inuteis ou *esboços* despreziveis, que ficaram fóra da acção do geral processo evolutivo?

Não nos illudamos: — o conceito da humanidade é apenas uma categoria do pensamento, senão antes um schemma da phantasia, que nas almas estremecidas pôde elevar-se ao gráu de um postulado do coração, um suspiro, um — *quem me déra!* — Quem nos dera, com effeito, que todos fossemos irmãos, que como taes nos amassemos! Nada mais bello, sem duvida. Mas tambem nada mais irrealisavel. E' um modo diverso de exprimir a formula vulgar da grande illusão humana: — *quem me dera ser feliz!* — “A esperança de uma futura felicidade positiva da humanidade e, por força dessa esperança, a co-operação para o desenvolvimento do *todo*, forma o *terceiro estadío da illusão*, diz E. von Hartmann”. E' sabido que este philosopo, o qual com Byron, Schopenhauer e Leopardi constitue, por assim dizer, o grupo dos quatro evangelistas do pessimismo, que entoam como thema o desolante — *Vanitas vanitatum*, repercutido nas fortes palavras do sublime lyrico italiano,

... *Arcano è tutto,*  
  *Fuorché il nostro dolor...*

é sabido, repito, que Hartmann dividio em *tres estadíos* as illusorias pretenções do homem; sendo pois o terceiro e ultimo delles a aspiração phantastica de um *reino de Deus* na terra, no qual a dita suprema de cada um consistirá precisamente na suprema dita de todos.

Grandioso sonho, porém sempre sonho !

E os factos falam bem alto.

Que é feito do — *unum ovile et unus pastor* —, que é feito do amor christão, da caridade evangelica, da cohesão fraternal entre filhos do mesmo sangue, do mesmo pae, que está nos céos? Que é feito do grande templo no *Oriente do valle de Josaphat, em um logar, onde domina a paz, a verdade e a união?* Magnifico ramalhete de *fables*

*convenues!* O amor christão tornou-se uma phrase hypocrita, e o humanismo maçonico uma bravata ridícula. A egreja, que se diz orgão do primeiro, prega o jejum e banqueteia-se, aconselha agua e bebe vinho, ao passo que a *loja*, por sua vez, continua a occultar dos olhos dos profanos o seu tremendo segredo, o qual consiste exactamente no seu... *nada fazer*. Não basta expôr e figurar a humanaidade "como um *todo*, unido pelos laços de fraterno amor para um esforço *commun* traz tudo que é verdadeiro, bello e bom" — é mistér, principalmente, organizal-a para esse fim. Mas... quaes são, e onde estão os orgãos dessa alliance enorme?

A mais importante organisação social, de que a historia dá conta, depois do imperio romano, o catholicismo, — especie de arvore immensa que tinha a pretenção de espanejar o céo com as ramas e fazer na sua sombra acampar o exercito, ou amalhar-se o rebanho de todos os povos da terra, — o catholicismo é, aos olhos de quem quer ver, o mais claro exemplo da improficiuidade dos esforços empregados para *uniformisar* o genero humano. Sem consideral-o *le chef d'œuvre politique de la sagesse humaine*, e julgal-o dotado de um *génie, eminentemente social*, como ensina Augusto Comte, para cuja predilecção e quasi entusiasmo pela religião catholica (entre parenthesis) eu chamo a attenção não só dos devotos, que o condennam, sem conhecê-lo, mas tambem dos anachronicos senhores positivistas, que o endeosam sem reservas e declamam em seu nome, contra a egreja e os padres; — sem ir tão longe, como o velho propheta do *Comité positif occidental*, eu penso, todavia, que, se ao catholicismo não coube a dita de reduzir a humanidade a um só systéma de crenças e costumes, aptitudes, idéas, sentimentos e acções, como explicita ou implicitamente estava contido no seu

programma, nenhuma outra associação, religiosa ou política, podel-o-ha jámais conseguir.

O que resta, pois, de todos os sonhos de eterna paz e harmonia entre os homens, de todos esses mundos phantasticos, formados nas nuvens, para habitação de felizes crentes, que se pretendem filhos dos deoses, e nessa presumpção reclamam para sua especie o cumprimento de altos destinos; — o que resta de tudo isso, é bem triste e pouco edificante: sempre o *homo homini lupus*, a refutar triumphante o *homo homini Deus*, persistindo verdadeiro, a respeito da humanidade, o que disse Scheffel da natureza em geral:

*Denn der Grosse frisst den Kleinen,  
Und der Grösste frisst den Grossen,  
Also löst in der Natur sich  
Einfach die sociale Frage.*

Pelo grande o pequeno é devorado,  
E o grande do maior torna-se presa:  
Simplesmente, dest'arte, se resolve  
A questão social da natureza.

## F

### Egreja e theatro. Religião

*Uma questão de "bigotismo", sendo antes de alardo pecuniario, ou de simples consideração ao burrel de um capuchinho.*

**P**EÇO perdão a quem quer que, por ventura, taeas palavras possam offendere, na hypothese, aliás erronea de importarem ellas um menoscabo do digno missionario, que deu um templo a esta localidade. Nem eu mudei de opinião: permaneço firme na idéa, uma vez manifestada, de que

elle prestou á religião, como temo-la e praticamo-la, um serviço relevantíssimo; e de tal arte, que a pequena parte oppositionista do publico *rezante*, aquella mesma que criticou tão cruelmente a architectonica do frade, *nolens volens* não deixa de ir á egreja capuchinha alliviar a angustia dos peccados, esquecendo assim, de dia em dia, o grande perigo de morrer esmagada pelo tecto e paredes da obra *mal construída*, e facil de desabar.

Não tenho a felicidade de ser um crente em regra, um daquelles que se deliciam, maxime depois do jantar, quando mais prazenteiro é o humor religioso, na doce contemplação das cousas divinas. A' natureza esqueceu dar-me o estro, que faz os sanctos. Entendo tão pouco a linguagem das almas devotas, que me falam das puras effusões da vida hypersensivel, como podera entender as palavras de uma mulher, que me fizesse a narrativa das dores do puerperio. E se é certo o que disse Goethe, que o olho é um producto da luz, para ser então parallela e symmetricamente exacto, que a fé é um producto de Deus, eu devo confessar que até hoje este orgão não se desenvolveu, ainda não nasceu-me esse *segundo olho*. Mas tambem confesso que não me julgo, por isso, autorizado a duvidar da luz, que os outros dizem ver. A verdade não me nomeou seu interprete privilegiado.

Bem quer, ás vezes, parecer-me que descortino um mais largo horizonte, do que o meu pio vizinho, a quem, de dentro da gruta, em que se deixou ficar, — a gruta das suas crenças, — só é dado lobrigar um cantinho do céo. Bem quer, ás vezes, parecer-me que a egreja é um anachronismo e a sotaina uma cousa lugubre: como se os padres *trajassem lucto por Deus!*... Porém, curo-me logo de tal impiedade e recobro a consciencia de minha ignorância; mesmo porque, no dizer do nosso povo, catholicamente educado, *os meninos sábidos não se criam*, e sendo

a vida assim, por si só, uma prova de idiotismo, — ponte este, em que aliás o bom do povo se encontra com mais de um philosopho, — eu tive a sorte de fazer parte dos idiotas — viventes.

Se não amo, pois, a sancta egreja com o amor e dedicação de um filho estremecido, tambem não lhe quero mal, posto que a mim, bem como ao Dr. Faust, podesse a ingenua Margarida com razão dizer:

— *Zur Messe, zur Beichte bist du längst  
nicht gegangen.*

Ha tempos, que não ouves uma missa,  
E aos pés do confessor não vaes prostrar-te

Deste modo comprehende-se, qual seja a minha attitude; attinente ás cousas da sacrifia. Quando falo de templo e capuchinho, é como se falasse de theatro e actor, ou de quartel e soldado, *sine ira et studio*, objectiva, historicamente. Nem ha logar de suppor-se que, referindo-me á construcção da matriz desta parochia, pretendesse oppor ao sentimento religioso argumentos economicos, e alludir ao desperdicio de um capital consideravel, empregado em causa *improductiva*. Isto já é um ponto de vista atrazado; e nada menos importa do que dar a palavra á economia politica, para discorrer sobre assumtos, que lhe são de todo estranhos. Tanto valera ouvir-a sobre a orbita dos planetas e o tamanho das estrellas.

E' facil perguntar: — o que lucra o povo com um templo? Mas tambem é facil responder: — o que lucra o povo com tudo mais, que não é o templo? O theatro, por exemplo, dir-se-ha, é uma necessidade publica, uma escola de correção e moralização. Vá que seja. Mas a egreja é uma outra. Entretanto, aqui separo-me do católico leitor, que já vae talvez arregalando os olhos e

querendo tomar-me por *um dos sens.* A necessidade esthetică, de que dá conta o theatro, não é mais profunda nem mais energica do que a necessidade religiosa, de cuja satisfaçō se occupa o templo; e os crentes têm razão de reclamar para si o mesmo direito, que reclamam os dilettantes de todos os generos. Ha sómente um ponto a esclarecer: — é que no fundo de uma, como de outra cousa, existe apenas verdade subjectiva. A efficacia da religião, como meio de moralizar, prova tão pouco a realidade objectiva do seu conteúdo, como a influencia theatrical sobre o desenvolvimento do chamado espirito publico prova a verdade dos factos, que no palco se representam.

Mas nem por isso são valiosas contra aquellas razões de conveniencia, que aliás não vigoram contra esta. Ao economista e ao estatístico não é dado conhecer as modificações intimas, que podem resultar de uma hora de spectaculo, ou de uma hora de devoção. Bem pôde se objectar: — o povo sae do templo, e vae metter-se na lama do vicio. Porém sae tambem do theatro, onde acaba de applaudir edificantes scenas de heroismo, e vae ainda commetter baixezas. Com o argumento economico da utilidade, chega-se até a suprimir a cadeia, pela inefficacia, mil vezes provada, de sua acção moralisante sobre o animo do criminoso.

Por mais que se queira e ousadamente se tente, nunca poder-se-ha extirpar o ideal da consciencia e do coração do homem; e a forma, sob a qual mais visivelmente o ideal se revela ao povo, é justamente a forma religiosa. Que a religião seja um desvario, um resultado de mau desenvolvimento cerebral, ou seja antes, como queria, e com bons fundamentos, o celebre nihilista russo Miguel Bakunin, um protesto da natureza humana contra as misérias e estreitezas da realidade ambiente, de modo que,

cessando essas misérias, a religião não tenha razão de ser — pouco importa ao caso, e a verdade é a mesma: enquanto o povo encontrar no padre, o que julga não encontrar no philosopho, e fizer da *hostia* o seu único alimento espiritual, é bem inútil querer arrancar-lhe a doce e consoladora ilusão das suas crenças.

"A superstição religiosa, diz ainda Bakunin, não pôde ser debellada por meio da instrução, por meio de associações, jornaes e outros quaesquer instrumentos de propaganda... Para acabar com a religião, não basta a propaganda intellectual, — é mister, junto com ella, a revolução social" — Tão estranha, quanto profunda e exactamente pensado! Com efeito: — derramae pelo povo a luz que quizerdes, decuplicae as escolas e centuplicae os mestres, — mas deixae a sociedade no *statu quo* de uma organização viciosa; — e não tereis feito mais do que aumentar no povo o sentimento da sua penuria. A sciencia é um alargamento da consciencia. "Com a crescente cultura do povo, diz Hartmann, cresce tambem o seu desgosto da vida".

Não ha, portanto, razão suficiente, maxime entre nós, para ter-se a religião como dispensada do seu mister de illudir e consolar. Ainda por muito, e quem pôde assegurar que não sempre? — o organismo social terá funções religiosas, e carecerá para elles de órgãos especiaes. Em quanto o homem, encontrando neste mundo sómente durezas, injustiças e misérias, crear-se por meio da phantasia um mundo melhor, uma como ilha encantada, onde elle irá repousar das fadigas e enjôos da existencia, — a religião será, como até hoje, um factor poderoso na historia das nações. E' possível que mais tarde, e á proporção que o velho principio da sabedoria, o *timor Domini*, fôr cedendo o passo ao *horror Domini*, a essa especie de *theophobia*, que accommette a mais de um

espirito desabusado, sobre tudo quando os dois cavallos do coche da vida, a *receita* e a *despesa*, não fazem boa parelha, — é possivel, sim, que mais tarde a tragedia torne-se comedia, e o sério actual das nossas cousas sagradas não encontre justificação no animo dos posteros; nem por isso é menos exacto que, a esse tempo mesmo, perdurarão innegaveis os beneficios da religião. "D'aqui a cem annos, qualquer escholar americano provavelmente considerará Brigham Young um archi-tratante e o sacro livro dos Mormones a producção de um insensato; porém isto não destroe o facto de terem elles fundado uma cidade e deixado vestigios indeleveis na civilisação do *far west*". Assim se exprime Karl Frenzel, e a justeza do seu pensamento permanece identica, fazendo-se applicação a qualquer outra seita religiosa.

Convençamo-nos, enfim: — a religião é o que é: — uma aspiração do desconhecido, um alto presentimento, uma necessidade, um arroubo da alma, e talvez tambem uma tolice, como diria H. Heine; mas isto ou aquillo, e o que quer que mais possa ser, em todo caso, onde ella se manifesta sincera, a religião é inexplicável, irreductível a uma formula intellectual.

Ha oito annos, o autor destas linhas sobre igual assumpto, escrevia o seguinte, que pede permissão para repetir: — "Não comprehendemos o que seja uma alma despegada de todos os fios invisiveis, que por momentos suspendem-n'a e balançam-n'a entre o céo e a terra. Não comprehendemos a vida, sem o cheiro de alguma flor poetica, de alguma illusão mystica, de que não são isemptos os mais valentes heróes da pura metaphysica. *A verdade não é o unico pão, de que o espírito se alimenta; a verdade não é a unica medida das cousas.* Quando este paradoxo penetrar em nossas crenças, acabar-se-hão muitas luctas,

porque a logica saberá conter-se, e não quererá dar leis nos dominios alheios... (*Americano*, n. 6, 1870).

Estas palavras, que tracei convicto, ganharam aos meus olhos tanto mais valor e significação, quanto é certo que, annos depois, eu tive o prazer de ler opinião quasi identica, em uma obra do sabio professor Krönig. Diz elle: — "Verdade e belleza, segundo a sua essencia, nada tem que ver uma com outra. Muita cousa verdadeira, não é bella; muita cousa bella, não é verdadeira. Da mesma forma que nos deliciamos com innumerias poesias e outras imagens da arte, podemos tambem deliciar-nos com muitas doutrinas religiosas, sem comtudo julgal-as verdadeiras. (*Das Dasein Gottes*, 1874)".

Confessando-me pois sem vista sufficiente para descobrir ao longe, mesmo atravez dos mais perfeitos instrumentos da sciencia, o que outros creem ver com facilidade, e a olhos nus; — inteiramente ignorante dos meios de proceder a essa especie de *analyse espectral* da Divindade, que muitos executam no fundo das suas meditações, e della tiram o conhecimento da constituição psychologica do Sér Supremo; — nem por isso tenho a coragem de presuppor nos meus semelhantes um aleijão moral, de consideral-os deturpados por um *orgão de mais*, quando sou eu talvez, quem é defeituoso... por um *orgão de menos*.

## G

### Opinião erronea

*Os cometas não percorrem uma mesma órbita,  
as nações não seguem um mesmo caminho.*

**H**A aqui uma referencia implícita á erronea opinião, geralmente acreditada entre nós, de que a historia de um povo, sobre tudo em materia politica, possa servir de

norma para as acções de um outro. Assim vemos, ainda a esta hora, mais de um espirito culto, ou pretendido tal, reportar-se, ora á França, ora á Inglaterra, ora aos Estados Unidos mesmo, para ensinar a marcha regular do governo monarchico brasileiro! E não raros chegam ao ponto de, confundindo o facto com a lei, decretarem a queda do imperador, pela mesma razão e fórmula, por que cahiram *e.x. gr.* Carlos X e Luiz Philippe!

Ora, não precisa dizer, quanto esta intuição é acahnada e pueril.

Cada povo tem a sua historia, e cada historia tem os seus factores. Tampouco se encontra duas nações com o mesmo desenvolvimento, como dois individuos com a mesma feição. E mais que tudo, — a identidade da forma de governo assemelha tanto entre si o destino dos Estados, como podera, por ventura, identificar-se a sorte de dois homens, pelo unico facto de nascerem num mesmo dia, ou de... vestirem panno da mesma peça. "A observação do que se passa entre as nações estrangeiras, diz Leonhard Freund, é realmente sempre instructiva na medida, segundo a qual tudo que dá logar a comparar-se, provoca a reflexão; não obstante, um povo qualquer pode tampouco appropriar-se, com vantagem, de alheias experiencias, como pode um individuo. Porquanto, em ultima analyse, só se sabe e só se crê naquillo que se procura por si mesmo, que se tem inquirido e experimentado..."

Esta verdade tem as proporções de uma lei, a que nós outros brasileiros não poderíamos subtrahir-nos. A esfera do mundo político não é recortada de meridianos e paralelos, nem admitté *antícos* e *perícos*, que vivam debaixo do mesmo gráu de latitude ou longitude, sujeitos á influencia de um mesmo clima social. O que disse Goethe da historia da sciencia, que é semelhante a uma grande *fuga*, na qual, uma após outra, se faz ouvir a voz

dos povos, não se adapta com igual justeza á historia da politica. Alli se comprehende a repetição e continuação do thema commun, aqui porém, a cousa é diversa: — a um povo não é lícito repetir ou imitar, nem a si mesmo, sob pena de cahir no baixo comicó, inherente a todas as caricaturas. "Ai dos imitadores, se diz na poesia; porém tres vezes mais dignos de lastima os imitadores politicos; elles são o presente mais perigoso, com que a cholera dos deoses pôde mimosear uma nação infeliz." Não hesito em fazer minhas estas palavras de K. Frenzel.

Assim, em summa, eu creio que não é lançando mão do programma revolucionario deste ou daquelle paiz, nem trajando alheia *roupa constitucional*, que poderemos jámais elevar-nos e engrandecer-nos.

Alexandre Humboldt chamou a constituição ingleza *um producto oceanico*; nós seríamos ditosos, se tambem aquella que nos rege, podesse por ventura qualificar-se de *um producto selvatico*. A politica autochtone, ingenita ao caracter do povo, é a unica efficaz e vantajosa, por ser a unica, tambem, capaz de desenvolvimento.

## H

### Sobre a liberdade

*A liberdade é o preço da victoria, que adquirimos sobre nós mesmos...*

**N**ESTE bello dito de Mathy ha como que o reverbero de um raio de Goethe: —

*Nur der erringet Freiheit sich und Leben,  
Der täglich sie erobern muss.*

Sómente alcança liberdade e vida,  
Quem tem de as conquistar dia por dia.

E ainda aqui se reconhece a fonte de um pensamento similar do celebre israelita Luiz Börne: — "ser livre, é nada; tornar-se livre, é tudo". Com efeito, na lucta prova-se a força; e a lucta, por sua vez, desperta e produz a força. Como se vê, é isto ainda uma das formas da doutrina de Darwin, pela qual a liberdade mesma deixa de partilhar com Deus e o diabo a sorte de ser um sujeito. para quem não se acha predicho condigno, um nome que só tem vocativo, um grito, uma interjeição, para entrar nos dominios da experiença e ser no chamado mundo moral o que é, por exemplo (o leitor não se espante), a musculatura masculina, a propria barba viril no mundo physico: — um resultado de desenvolvimento particular, um producto tambem do *struggle for life* e *natural selection*, estes sedicentes estribilhos do dia, aos quaes, entretanto, a mesma sedicidade não é capaz de tirar o alto valor e profunda significação scientifica. Isto, porém, não só em relação à natureza e á sociedade, com quem o homem vive em perfeito combate, mas ainda em relação ao seu mundo íntimo, frente á frente, com suas paixões, vis-á-vis de si mesmo. A liberdade é sempre uma conquista.

O que disse Schopenhauer da razão humana, a deusa da *philosophalha*, por elle desencantada e reduzida ás proporções singellas de uma qualidade feita ou adquirida, assenta em cheio na liberdade, esta outra deusa, cujo culto idolátrico não tem sido menos perigoso, e não é hoje menos ridículo que o da sua orgulhosa irmã (3) Como a sciencia da razão, a sciencia da liberdade — e realmente pode se falar de uma tal — não é ainda o que devem ser

---

(3) A razão é a deusa da *philosophalha*, como a liberdade é a deusa da *canalha*. (De uma preleccão de Direito Público do Dr. Tobias Barreto).

todos os ramos do saber humano, uma sciencia de relações, de verdades proporcionaes aos factos. Não é ainda, disse eu, e se-lo-ha algum dia? Sem duvida. O conceito da liberdade será um pouco mais tarde tão diverso da intuição hodierna, quanto já hoje, em grande parte, é elle differente das formulas sacramentaes do velho cathecismo liberal. Assim, afóra os obstinados maniacos francezes, e mais alguns, ou embusteiros, ou parvos, de outras nações, que se associam ao *grupo francez*, — para suppor aqui, por instantes, realizado o sonho de Saint Simon e servir-me da sua expressão, — com excepção desses taes, cujo numero aliás pouco releva que seja duzia ou legião, ninguem mais fala nem crê nos prodigiosos effeitos de uma liberdade ideal. A natureza divina deste *verbo*, bem como a de Jesus, vae sendo posta á conta dos phrenesis poeticos e das creações phantasticas.

*Stewart*

Bem pôde se me objectar: — E Stewart Mill?... Que dizes de Stewart Mill, cujo famoso livro — *On Liberty* —, que elle mesmo considerava a sua mais importante obra, é chamado o evangelho político do seculo XIX? E onde é que melhor já se entoou um hymno á liberdade, como nós sonhamo-la, como nós quizeramos tel-a, do que nesse opusculo de ouro?

A objecção é de peso, mas nem por isso irrespondivel.

Ao falar de Stewart Mill e do seu livrinho exemplar, actualmente mais elogiado do que lido, eu sinto, por effeito não sei de que lei psychologica, virem-me á lembrança aquellas malignas palavras de Henrique Heine: — “o francez ama a liberdade, como sua noiva, o inglez, como sua esposa, o allemão, como sua avó.” — A' parte o que diz respeito á velha avó e a joven noiva, consideremos sómente a liberdade, como esposa, visto que Mill era inglez, era um filho leal, segundo Treitschke, “daquella classe media, legitimamente germanica, da Inglaterra, que

desde os dias de Ricardo II, tanto no bem, como no mal, por meio de um serio impulso para a verdade, como por meio de um *tenebroso e phanatico zelotismo*, de preferencia tem representado a vida intima, o trabalho espiritual desse paiz".

E' pois assim: — Mill amava de certo a liberdade, como sua mulher. Da mesma forma que a viuva Taylor, que morreu como senhora Mill, e cujo cerebro era de volume e peso ordinario, elle cingio de uma aureola ideal, a ponto de lhe attribuir um genio superior ao seu, de pintal-a como sua mestra e inspiradora, de dar-lhe no céo, em summa, *um espirito, que ella não teve na terra*, — assim fez com a liberdade: tomou entre mãos o velho assumpto, *notum lippis et tonsoribus*, do qual ha mais de cincuenta annos já dizia Jouffroy que seria poetico, se fosse menos comprehendido, retocou-o e idealizou-o, conferindo-lhe lá em cima, na esphera das abstracções e dos pios desejos, um caracter de supremo respeito, que elle não tem, que não pode ter cá em baixo, na habitação da miseria, no mundo pratico e positivo.

A circumstancia de haver Mill seguido os vestigios de G. de Humboldt no manejo do mesmo thema, que o grande allemão, muito antes delle, tratara de elucidar, não sei se agrava ou attenua; mas certo não deixa de causar extranheza, por um lado, que Stewart Mill, a quem aliás acompanhou na descoberta o esteril Laboulaye (*L'état et ses limites*), tenha proposto aos povos cultos modernos, como sublime *desideratum*, como unico scopo a attingir, sem distincões nem reservas, aquillo que Humboldt, em sua mocidade, só podera conceber ocasionalmente sob a influencia da atmosphera *bureaucratica* de Frederico Guilherme II, e isto apenas como uma especie de reactivo consolador; — por outro lado, que o pensador inglez, com o claro intuito de dar tambem *alguma cousa de si*, errasse

o tiro e fosse além do alvo, apontando contra a sociedade as armas, que o seu modelo assestara contra o Estado.

Eu não sou, — *cela va sans dire*, — eu não sou dos que por ventura julguem natural e razoável, em toda a sua extensão, a despotia social, não menos oppressiva, ainda que menos visivel, que a despotia politica. Mas tambem não sou *individualista*, no rigor da doutrina, no sentido da *seita*, isto é, no sentido de negar á communhão todo e qualquer direito de se ingerir na conducta do individuo, "uma vez que esta (é a restrição banal dos sectarios) não tenha por effeito a offensa de outrem". A lucta que deste modo se pretende que o individuo trave com a sociedade, affirmando a sua independencia, accentuando a sua soberania pessoal, é um dos maiores rasgos da extravagancia humana. Della não sae illeso, nem mesmo o mais forte genio, o mais elevado espirito. E é digno de nota: o individualismo, que levado com logica tem por uma de suas mais *bellas* consequencias praticas o *revolverismo* americano, — o individualismo de Stewart Mill e consortes, cujo conteúdo importa uma especie de *radicalismo social*, não é tão estranho, quanto pôde parecer, á melancolia poetica dos *filhos do seculo*, ao orgulho, á *rabies manfreiana* dos descendentes de Byron.

Sou eu talvez o primeiro que ousa fazer uma tal approximação, descobrir uma tal identidade de origem entre correntes espirituais, em apparencia tão diversas. Pouco importa. Insisto na minha convicção: o publicista do *Essay On Liberty* e todos os seus discípulos pagaram tambem o fatal tributo ás *paradoxias* da epocha, beberam tambem na taça byronica, não menos do que, por exemplo, qualquer dos coripheus da *Joven Alemanha*, da *Joven Inglaterra* ou da *Joven Russia*, o licor agridoce da autonomia selvagem, da guerra aberta, contra a sociedade, suas barreiras de convenção, seus prejuizos tradicionaes. O

leitor reflecta e responda então: quem foi que, neste seculo, affirmou primeiro, com mais franqueza e denodo, quem foi que mais victoriosamente fez valer *o direito da subjectividade*, "até diante das forças infernaes", como diz Karl Elze? Sem duvida o poeta inglez, não aquelle...

*dont le monde encore ignore le vrai nom,  
Esprit mysterieux, mortel, ange ou demon,*

na phrase frívola de Lamartine, — mas simplesmente o genio revolucionario, o aristocrata vaidoso, o sublime *cortexcomb*, segundo Hazlitt, que sentia-se, como elle mesmo disse de Dante, —

*in the solitude of kings  
Without the power that makes them bear a crown.*

E o que foi, o que é pois toda a poesia *psychocentrica* de Byron, senão puro individualismo, radicalismo puro? Não é ir muito além lançar á sua conta o primeiro impulso dado, nos tempos modernos, e d'encontro á reacção romantica, para essa *philosophia social*, que caracteriza a nossa epocha, e se propõe arredar do terreno da historia um grande numero de preconceitos, que julga serem os maiores obstaculos á marcha regular do espirito humano. Razão por onde é bem comprehensivel o que disse Gerinus, — que no unico genio de Byron pareceram surgir conjunctamente — *republicanismo americano*, *livre espirito* allemão, *mania revolucionaria* franceza, *radicalismo* anglosaxonio. E tudo isto, ouso eu accrescentar, desenvolveu-se, ramificou-se, em todas as direcções da rosa dos ventos, e espalhou-se pelo mundo culto, como uma inundação. Bastante caracteristico da tendencia destruidora, que devia mais tarde, na mão dos epigonos, degenerar

em programmas messianicos e ameaças *quichotescas*, já era o facto singular de ter Byron achado na *carbonaria*, segundo a sua propria expressão, a verdadeira poesia da política. Mais um passo adiante, — não é o puro domínio dos videntes de hoje, dos revolucionarios *rimados* e *não rimados*, dos campeões em prosa e verso, que pretendem emendar a historia, escrevendo-lhe uma *errata* a ferro e fogo?!...

Longe de mim a idéa, — que seria sem duvida extravagante, — de medir pela mesma bitola o *individualismo* de um Mill e, por exemplo, o *radicalismo* russo, alemão ou italiano, de addicionar o publicista inglez ao grupo dos Herzen, Mazzini, Georg Herwegh, Arnold Ruge *et le reste*. Longe de mim a pretenção, não menos singular, e ainda mais estulta, de arrancar uma folha, se quer, da coroa de benemerencia scientifica e litteraria, que adorna o busto do illustre pensador, de reduzir a simples proporções de satellite uma estrella de primeira grandeza... Mas esta justa verecundia não me impede de passar o meu *crayon* em mais de uma idéa falsa do autor celebrado, que munido, como delle diz Gneist, de uma logica economica e de uma economia logica, tornou-se o philosopho predilecto da industriosa sociedade moderna, aborrevida, impaciente de qualquer apparencia de tyrannia; como tambem não me impede de reconhecer nos seus reclamos em prol do individuo os laços de filiação e dependencia, que bom ou mau grado seu, consciente ou inconscientemente, o prendem ao patriarca do individualismo sofrego e descontente dos nossos dias. Bem sei que estabelecer assim uma relação genética entre Stewart Mill e lord Byron não deixa de provocar alguma contradicção: é com effeito difficult de crer que a maçã tenha cahido tão longe do tronco, posto que seja aliás admissivel que ainda muito

mais longe pôde o vulcão sacudir as suas cinzas. Porém o facto é este: a doutrina de Mill e seus apostolos, em materia de liberdade individual, — competentemente integrada e diferenciada, — só dá em resultado, por assim dizer, a *theoretisação do byronismo*. Eis tudo. E aqui sinto-me impellido á repetir umas bellas palavras do italiano Francesco de Sanctis, notavel escriptor contemporaneo: — “L'individualismo, diz elle, é presso al suo termine: tutte le vie per le quali ei si é messo ci conducono inevitabilmente negli affanni del dubbio. Noi assistiamo ansiosi a' suoi ultimi e funesti effetti nella scienza, nell'arte, nella politica, nella economia, ne'costumi: scetticismo nella scienza, subbiettivismo nell'arte, anarchia in politica, pauperismo in economia, egoismo ne'costumi: ecco i suoi amari frutti... (*Saggi critici*)”.

Que direi agora dos sectarios francezes da celebre eschola? Nem uma palavra. Em um paiz, onde cada individuo é um Narciso, e o publico a fonte chrystallina, em que elle se contempla e enamora-se de si mesmo; em um paiz, *le plus vilain pays du monde*, — a expressão não é minha, é de Stendhal, — que les nigauds appellent la belle France..., onde todos os movimentos e attitudes do individuo parecem calculados para o aplauso, e como que sempre acompanhados de um... *qu'en dira-t-on?*! —; num paiz, enfim, onde a polidez, que em ultima analyse vem a ser tambem, a seu modo, uma tyrannia, uma coacção da pessoa, é mais que um appendice, — é um subrogado da moral, e dest'arte até se viola com menos remorsos um artigo do *Code Penal*, do que uma regra sacrosanta de genuina *politesse française*; — em semelhante meio, querer emancipar o individuo do poder e influencia da sociedade, é um bello pedaço de phantasia, um dos melhores capítulos de — *Philosophie pour rire*.

Destas considerações, um pouco largas talvez, porém não superfluas, pôde-se deprehender, quanto ha mister de modificar-se o conceito da liberdade, que é semelhante ao sangue symbolico do chamado sacrificio incruento; — embora sancto e venerando, não deixa, todavia, de poder embriagar. E com effeito só vejo que seja tão tristemente ridiculo, como um *ebrio* de liberdade, um sacerdote de Christo, que por ventura sempre descesse do altar tropeçando na propria cabeça, em virtude do *brinde quotidiano* ao redemptor do mundo. Importa pois, sobretudo, empregar esforços para arredar inteiramente do circulo das nossas intuições politicas e sociaes a perniciosa influencia dessa paixão vulgar, que faz da liberdade uma cousa ideal, hyperhumana; e d'ahi a tornal-a uma cousa mythologica, um *sylpho*, ou um *gnomo*, — ha sómente um passo. Todo ideal é de natureza *etherea* e facil de evaporar-se. Só isto explica, porque os metaphrastas liberaes, com os seus brincos de imaginação, com os seus navios sempre de velas desfraldadas, á espera de vento, que os conduza ao *país da felicidade*, muitas vezes prestam mais serviço aos governos despoticos, do que os proprios theoreticos do absolutismo.

Já deixei escripto que a liberdade é sempre uma conquista; — mas isto não se oppõe a que ella seja tambem uma herança, não no sentido rhetorico e trivial, mas no sentido scientifico de um facto *phylogenetic*, para exprimir-me na linguagem de Haeckel. Em harmonia com os principios de sua Philosophia monistica, diz Ludwig Noire — “A liberdade humana é um fructo, tarde amadurecido, do longo, infatigavel esforço de innumeras gerações: — da determinação deste grande passado, e sómente della, é que resulta para nós a liberdade actual...” E Goethe já tinha dito: — “O que tu herdaste de teus paes, adquire-o. para possuil-o.”

A liberdade é um dos bens componentes deste patrimônio herdado, que mais que todos importa *adquirir pela propria força.*

\*

\* \*

Ao concluir esta nota, — algumas palavras *pro domo.*

Diante das idéas, que ahi ficam expressas com franqueza e lealdade, não faltará quem se julgue autorizado á por em duvida o meu liberalismo. Ha uma orthodoxia liberal, que não tolera o menor afastamento da terra sancta de sua dogmatica. Eu serei, portanto, aos olhos de muitos, aos olhos de todos, uma ovelha desgarrada, um liberal heterodoxo. Mas este peccado não é, em si mesmo, o que mais espanta; maior que o proprio crime é a circunstancia, que o agrava, a circunstancia exotica de me ter deixado envenenar das doutrinas allemans.

A Allemanha é a minha loucura, o meu *fraco irremediavel.* Se não tenho motivos para orgulhar-me, tambem não os tenho para envergonhar-me disso. Ha sómente de sensivel que mais robusta não seja a minha armadura...

A sociedade, em que vivo, não tem de certo força bastante para levar-me consigo, como um madeiro arrastado pelas aguas selvagens dos nossos rios; mas eu tambem, por minha vez, não sou bastante forte para desvial-a do seu caminho, para fazel-a á minha imagem e semelhança: d'ahi uma perpetua inconciliabilidade entre nós, d'ahi alguma cousa de tragico na minha vida, que far-me-hia misanthropo e infeliz, se a natureza não me tivesse investido de uma indole expansiva e mil vezes mais disposta ao prazer, do que á tristeza.

Nem isto está em contradicção com as idéas anteriormente externadas: eu não ataco a sociedade em suas

raizes, mas, se assim posso dizer, apenas em seus ramos; não faço guerra aos seus costumes, aos seus habitos moraes, porém sómente aos seus sestros politicos, que são, não sei se causa ou effeito de seus sestros litterarios, ainda não assás por mim combatidos.

---

## I

## Pedro Americo e Carlos Gomes

Tambem um puro absolutismo, apenas, porém, temperado... pela batalha do "Avahy", pela "Fosca", pela bancarrota do Estado

**N**ÃO pareça ao leitor ligeiro que vae de envolta com tais palavras uma certa ironia, um certo desdem dos dois artistas brasileiros. Não foi este o meu intuito.

**E**u não sou, é verdade (e apresso-me em dizer), dos que cingem de uma falsa auréola a fronte de qualquer representante da arte; e até, no que toca especialmente ao nosso paiz, não me arreceio de pensar com Massimo d'Azeglio, aliás artista de merito, que um mediocre funcionario publico, se cumple o seu dever, é um membro mais util á communhão politica, do que o maior pintor. Porém, isto de nenhum modo importa desconhecer o que ha de admiravel nos verdadeiros genios artisticos.

**N**ão considero o renome do pintor e do componista, a que fiz allusão, totalmente como obra de *réclame*; mas tambem não o considero um effeito natural do merecimento. Nos quadros de um, como nas operas do outro, collabora o imperador; e esta é para mim a grande macula de ambos. E tanto assim se deixa crer, que o fulgor dos dois planetas está na razão directa da maior ou menor

approximação do centro imperial: Pedro Americo é o mais aulico; não será justamente por isso que elle é tambem o mais falado?

E' sabido que Carlos V, tendo uma vez apanhado o pincel caido das mãos de Ticiano, aos cortezaos, espatados daquelle especie de humilhação do monarcha diante de um simples pintor, respondeu altivo: — "Não ha de que vos admireis; marquezes e duques, como vós outros, posso eu crear á vontade; mas Deus sómente pôde fazer um Ticiano." Tenho meus receios de que o Sr. D. Pedro II queira ser mais alto que Carlos V, e como tal não se limite á fazer duques e marquezes, mas tambem pretenda crear, ou pelo menos ajudar a Deus na creaçao dos Ticianos.

Como quer que seja, uma cousa é incontestavel: as telas de Pedro Americo e as partituras de Carlos Gomes não nos pagam dos desmandos, dos caprichos, da ridicula pantosophia do seu illustre protector. Pôde ser exacto o que diz Treitschke — e eu não sinto se me eriçarem os cabellos em repetil-o, — que na antiga Grecia, onde os cuidados communs da vida repousavam sobre os hombros do escravo, e havia por isso tempo e descânco para a alta cultura do espirito, as tragedias de Sophocles e o *Zeus* de Phidias não foram comprados mui caro, à preço da escravidão. Mas certamente a batalha do *Atahy*, a *Fosca*, ou o *Salvator Rosa*, e quantos outros productos possam sahir das mãos daquelle *Par nobile fratrum*, não valem, não compensam a miseria politica, o abatimento moral, em que nos achamos, em virtude e á mercé da vontade absoluta do Sr. D. Pedro II.



## IX

\* Manifestação ao Dr. J. Mariano (3)

M**EUS SENHORES.** — Não sei se bem comprehendo o intuito da vossa festa; não sei se descubro ao longe o alvo que tendes em mira. Como quer, porém, que seja, desde que se trata de uma festa popular, que importa a consagração de um justo renome, pelo culto devotado a um homem de grande mérito, apresentando-me entre vós eu não faço mais do que ceder ao pendor natural que me faz abraçar todas as causas, onde sinto palpitar o coração do povo. E sabendo como sei que a causa precipua é nobre, eu que ha muito já troquei a blusa do poeta pelo casacão do philosopho, e como tal, não crendo nas finalidades da natureza, descreio tambem do valor

---

(3) A *Província*, orgão político fundado pelo Dr. José Mariano Carneiro da Cunha, no Recife, entendeu, como brinde a seu illustre fundador, reeditar em suas columnas este discurso do Dr. Tobias Barreto, por occasião do anniversario natalicio do tribuno e político pernambucano (*ni fallor* — 1894-1895). No artigo que precede e recommenda o discurso, referindo-se a Tobias Barreto, diz o seguinte: — “Os que conheciam o erudito sergipano Dr. Tobias Barreto de Menezes sabem quanto elle era avesso aos brindes de encommenda, avaro de elogios, sobresenhido na quasi totalidade dos seus escriptos a nota discordante do concerto unisono, a phrase rebelde contra o ceremonial das seitas, a apostrophe contra os ídolos falsos.

das finalidades sociaes, não me dei ao trabalho de reflectir previamente que effeitos de ordem moral ou de ordem politica pôdem resultar deste ruido de entusiasmo, deste bater de azas invisiveis, com o qual vem misturar-se, como uma nota dissona, minha palavra selvagem. Não me dei ao trabalho de ponderar, por um lado, as susceptibilidades feridas, os desgostos accordados, os despeitos enfurecidos, e, por outro lado, a sorte que me possa aguardar, pela ousada extravagancia de acceder tão de bom grado ao vosso convite, maximé por ser eu um representante da província e não dever dest'arte violar uma das regras sacrosantas da pragmatica dos partidos, que é o deputado divorciar-se inteiramente do povo e dar com o pé na escada por onde subiu...

Não reflecti, não ponderei nada disto. Bem sei, meus senhores, que o liberalismo entre nós, o liberalismo de salão, que tem suas ceremonias e etiquetas de baile, não tolera de boa vontade estas manifestações da praça publica.

Não se distinguindo em causa alguma pela divisa do seculo, que é o talento de ousar, o liberalismo corrente do nosso tempo, é um trabalho que cança, é um mister que fatiga, sobretudo se se attende que elle se move dentro de formulas economico-mercantis e escreve a sua vida por partidas dobradas.

Pois bem! Aquelle notavel espirito rebelde ás convenções partidarias, á disciplina dos grupos, toda vez que teve de referir-se ao caracter e á vida politica de José Mariano fel-o nos termos mais frances e calorosos.

Como exemplo damos um discurso por elle pronunciado no edificio da Associação Commercial por occasião da festa promovida em homenagem a José Mariano, a 30 de Janeiro de 1879, discurso quasi desconhecido dos cogumellos da Republica e que incontestavelmente é o mais digno presente de annos que podemos enviar no dia de hoje ao nosso laureado chefe".

Mas eu ainda não cancei de ser liberal, o que vale dizer que ainda não cancei de crêr na realidade de uma força superior que nos descobre um mundo melhor, que nos impelle para elle; ainda me não senti obrigado a ajoelhar-me diante dos ídolos e pedir perdão da minha virtude, a unica, talvez, de que me posso lisongear, a virtude de poder pensar no povo sem pensar no rei, estes dous conceitos que para mim serão sempre os dous termos de uma antinomia do sentimento, mil vezes mais inconciliável que as antinomias da razão. Qualquer que seja o tédio que me inspira o espectáculo das cousas, não cheguei ainda áquelle estado, que produz o desgosto da vida, o estado de incapacidade para crear um ideal. Dahi a espontaneidade, com que me associo a todas as emoções populares; dahi o impeto irresistivel que me faz sorver na taça da liberdade, essa feiticeira de todos os tempos, o esquecimento de mim mesmo, o desprezo do perigo, a paixão do desconhecido, o entusiasmo do heroísmo e talvez também um pouco de ingenuidade por chegar a capacitar-me que estas acções do povo tem sempre alguma influencia no animo dos poderosos... A realidade é que a marcha sinistra e tortuosa, que ha levado até hoje o governo do paiz, apenas nos tem deixado como unica liberdade consoladora, como unico favor da sua longanimitade o direito infecundo de falar, de esvair-nos em palavras, o que é tão pouco efficaz para combater os nossos males, quão pouco efficaz seria, para causar dor no coração de um despota, morder raivosa e loucamente no bronze de sua estatua...

Qualquer que seja o sentido que se ligue a esta manifestação, qualquer que seja o valor e alcance politico que se lhe dé, a physionomia moral que se lhe imprima; ou se tenha como um facto, ainda que não commun, todavia natural e logico, não da logica vulgar,

mas da logica do coração, por ser a expressão adequada de um sentimento alto e nobilitante; ou ao contrario, e de accordo com os principios da velha *sciencia da vida*, que ensina a fazer da submissão e da baixeza uma especie de ingrediente para a felicidade, se considere tudo isto como extemporaneo, inconveniente e prejudicial; em uma palavra, senhores: ou o murmúrio da vossa festa vá soar aos ouvidos do poder, como um grito de entusiasmo inocente, ou como um grito de rebeldia, como um rugido de prazer ou como um rugido de colera; eu vos declaro: não tenho tempo de pensar no perigo, só tenho tempo de pensar na gloria; commungo na vossa mesa, associo-me a vós, estou comvosco!...

Felizmente não se trata, é bom dizer-o em honra vossa, de render um preito ceremonial, e apenas recommended pelo ritual do partido, a um desses campeões da bôa dita, *honny soit qui mal y pense*, cavalheiros do successo que pelos feitiços da fada, isto é, pelas artes da politica, acordaram uma manhan e encontraram-se celebres. Sim, não se trata de juncar de flores o caminho, por onde tem de passar um favorito de Cesar. Mas isto não é tudo, nem isto só seria capaz de dar ao vosso festim a cõr historica de um acontecimento, a cõr poetica de uma grande obra. O que aqui mais importa observar e fazer subir á tona da consciencia, é que vós não vos propondes mesmo pagar tributos de admiração vulgar a um deputado pernambucano, simplesmente como tal, a um membro da chamada representação nacional, a um daquelles muitos sacerdotes da theologia constitucional, da metaphysica parlamentar, por cujo encanto, ao proferir palavras santas de misera condescendencia, o *tinho transforma-se em sangue*, isto é, os ministros da corôa se convertem de *repente em ministros da nação*. Não, metis senhores, vosso intuito é mais elevado. Como todas as grandes revelações

do espirito popular, tambem esta encerra a sua particula divina, a sua porção de idéal, que eu me permitto extrahir e resumir assim: Estais sem duvida pagando uma divida de justo reconhecimento para com o moço impavido, uma das mais bellas encarnações do *justum et tenacem propositi virum* — sonhado pelo poeta; rendendo um preito de gratidão ao vosso representante, sim, mas a um que já o era de direito, antes de sel-o de facto, pois ha realmente épocas cheias de lutas a sustentar e de questões a resolver, que nomeiam por si mesmas os seus dignos combatentes: a época actual em Pernambuco é uma dellas, e José Mariano é o seu legitimo interprete. O sentido desta solemnidade não é, pois, queimar algumas bagas de barato incenso diante do ídolo de um povo, ou de uma classe delle; não é *homologar*, por meio do entusiasmo sincero de uma população avida e sedenta de acções heroicas, os juizos encomiasticos da corte, esse tumulo da nação, da corte sempre suspeita de miseria, vilania e corrupção em qualquer grão. O sentido de tudo isto é altamente moral: é a celebração do renascimento de uma raça de gigantes, que parecia extinta; o sentido de tudo isto é a *glorificação* de um caracter.

Meus senhores! Assim como em philosophia natural, o que se chama um *typo*, marca o ponto culminante do desenvolvimento morphologico da especie, da mesma forma em philosophia social, o que se chama um *caracter*, marca o ponto culminante do desenvolvimento historico de um povo... Mas que é ser um caracter? Digamol-o em poucas palavras.

Que um mesmo homem, nos diversos dominios de sua actividade, produza muita cousa significativa, não é um phenomeno sorprehendente, pelo contrario, á vista da riqueza da natureza humana, é um facto comprehensivel e facilmente explicavel, pela variedade dos dotes natu-

raes. Numa só pessoa assentam, como se ella para isso nascesse, diversas formas da vida, do mesmo modo que no actor uma multidão de papeis. Todo homem possue em sua phantasia um Proteu interior, que se transforma a cada passo, que a cada passo toma feições diferentes. Esta é a lei *commum*. Mas tambem contra esta lei de mutabilidade indefinita, contra esta capacidade de transformação, este talento diplomatico da natureza humana, ha espiritos que reagem, não sei se por um privilegio especial, ou por esforço proprio, e tomando nas mãos, por assim dizer, todos os raios esparsos da actividade sem destino, os concentram em um só ponto, e os dirigem a um só fim. São espiritos que se restringem, naturezas que se simplificam, e de uma simplicidade, que até ás vezes nos parece uniformidade monotona. Mas uma tal uniformidade é potente e grandiosa; em similhantes naturezas toda a riqueza espiritual se converte na firmeza e energia de *uma convicção*. São espiritos, em sunima, para quem toda a philosophia humana é philosophia da vontade; para elles a vida da alma não começa por um acto de pensar, mas por um acto de querer, e em cada um de seus actos elles parecem dizer: o que eu não sou por mim mesmo, eu não o sou; eu sou sómente aquillo que pratico; e d'est'arte para elles até a propria liberdade não é tanto um estado natural, um dom do céo, um presente dos deuses, como antes e sobretudo um resultado do trabalho, um producto, uma obra, uma conquista do homem. Eis ahi o que é o caracter, esse grande fecundador das capacidades humanas, alguma cousa de similar a aquelle fiel servo da parabola de Jesus, que faz render os talentos, que lhe foram confiados; o caracter, que é uma força, que é fonte de toda a honradez, e com a honradez a sinceridade, e com a sinceridade até a aptitude ao martyrio, a disposição ao sacrificio.

Traçando assim, meus senhores, uma especie de ideal do homem de bem, eu não faço mais do que tirar os proprios traços da sympathica figura do moço pernambucano. E' elle mesmo que me fornece esta medida accommodada ao tamanho dos grandes homens: é elle mesmo, sim, com a sua vontade de uma só peça, com a sua fé inabalavel, com a sua *personalidade cerrada*, inacessivel, como um barbaro, aos calculos da prudencia, mas tambem inacessivel, como um heróe, ás suggestões do poder. E tal acaba de mostrar-se no combate vigoroso em que se empenhou, e do qual não é pequeno resultado a consciencia do dever cumprido.

Entretanto aqui acode-me uma ponderação relevante; — vós sabeis, senhores, como o bello procedimento do illustre representante de Pernambuco, de quem hoje se pôde dizer que se esperava tudo mas não se esperava tanto, como a sua attitude parlamentar, ainda que admiravel e bonita, e talvez que mesmo por ser bonita e admiravel, tem suscitado, ao lado da grande corrente da opinião applausiva, uma pequena corrente de opinião desaccorde, quer na direcção do entusiasmo, quer no modo de julgar e apreciar a efficacia da cousa a *conveniencia* do acto; — opinando os que se pretendem mais sensatos, os politicos de officio, que no porte de Mariano um pouco mais de reserva, um pouco mais de attenção aos interesses communs do partido não teria sido mão. *Não teria sido mão!*... E' assim que se exprimem negativa, indirectamente por faltar-lhes a coragem de affirmar positivamente... que *teria sido bom*.

Mas isso será exacto? Será exacto que Mariano foi além do que lhe impunham os seus deveres de político? Terá elle por ventura, desconhecendo a velha verdade que o homem não tem sempre bastante força para seguir toda a sua razão, violado a regra de conducta, ou antes

a lei social, pela qual todo aquelle, que quer trabalhar e influir de um modo efficaz, deve aprender a subordinar-se, a servir aos grandes partidos, dentro dos quaes se executa o processo da historia?... Será isto exacto? Não de certo. A intransigencia dos caracteres torna-se dureza e asperidade reprovavel, quando elles, *unguis et rostro*, loucamente agarrados ao seu propósito, querem ser invariaveis, não obstante haver variado a face das cousas; querem permanecer immutaveis, a despeito de ter-se mudado a posição do mundo. Porém no caso vertente, onde é que isto se dava? Na desinteligencia do moço deputado com um ministro arrogante, onde é que estava empenhada a salvação do partido, para que fosse preciso, indeclinavelmente preciso, Mariano ceder e recuar?

Ah! meus senhores, eu não tinha necessidade de juntar mais esta parcella á minha somma de experiencias, ao meu já tão crescido capital de decepções, sobre o que são, sobre o que valem os liberaes, eu digo, os liberaes *officiaes* da nossa terra. Mas ainda me deixo tomar de admiração e de espanto, em presença de factos de tal ordem, diante deste e de tantos outros documentos de pobreza do liberalismo em acção. Quando a baixeza é um meio de subir e engrandecer, naturalmente a independencia torna-se um crime. E é isto, ao certo, o que se dá em relação aos calmos e prudentes juizes do acto de José Mariano: não estão no caso de comprehender um procedimento, que destoa do modo *communum* de contemporizar e obedecer.

Houve um tempo, senhores, em que sómente o homem honesto podia ser e dizer-se liberal. Foi naquelles turbidos dias, em que o simples riso de desdem sobre a marcha dos negocios publicos era um motivo de parecer suspeito aos governos. Hoje, porém, a cousa é diversa.

Hoje é liberal todo aquelle que sabe especular com felicidade. O liberalismo tornou-se um *artigo da moda*, um *costume do dia*, um *objecto de negocio*. D'ahi a singularidade, para não dizer a impudencia, com que se renega no parlamento o que se proclamou nas ruas; d'ahi o triste espectaculo da morte dos caracteres, do abatimento dos espiritos, que não ousam ser o que são, que se envergonham do seu passado, para se deixarem arrastar pelo caminho das conveniencias. E nada existe com effeito, de mais contrastador: o partido liberal, que se adorna de grandes promessas, que se alimenta de esperanças, que vive sempre *com os seus navios de velas desfraldadas á espera de vento, que nos conduza ao pais da felicidade*, quando as occasões levantam-se bellas e oportunas, quando os ventos sopram favoraveis, tem medo de se fazer ao mar, e recua espavorido diante dos seus proprios designios!... Nada existe realmente de mais ridiculo e humilhante do que vel-os, com todos os seus gestos de grandeza e phrases de altivez, curvarem-se resignados ao mando de *quem mais pôde*, elles, *pobres liberaes*, reproduções photographicas do retrato de Polonio, o fiel companheiro de Hamlet, no celebre drama de Shakespeare. Eis o caso: está o rei com o seu inseparavel, e trava-se entre ambos o seguinte colloquio:

Hamlet: — Vês lá em cima aquella nuvem que tem quasi a forma de um camello?

Polonio: — Pelo céo, magestade! assimilha-se de certo a um camello.

Hamlet: — Mas quer me parecer que é simulhante a uma douinha.

Polonio: — Realmente, tem as costas de uma douinha!

Hamlet: — Não: ella parece-me mais uma baléa.

Polonio: — Com effeito, magestade! E' toda como uma baléa!...

Ahi tendes a imagem do que se dá com os nossos homens, quero dizer, com os liberaes do dia. E' isto mesmo: a nuvem será doninha, ou baléa, conforme mais agradar ao capricho imperial. E' assim que, por exemplo, o rei dirá: a agricultura está morta, é preciso auxiliar-a, e elles acudirão: é verdade, a agricultura está morta, carece de muito auxilio. Mas logo depois, o rei observará que não é tanto assim, que ha cousas mais importantes a auxiliar do que a agricultura; e todos dirão: é exacto; para que auxilio á agricultura? Como vêdes, pela bocca de Polonio exprimiu-se antecipadamente o liberalismo da nossa época. A figura comica do régio adulador é a sua mais perfeita encarnação.

Voltando ao centro do assumpto: fizestes bem, meus senhores! Illustres cavalheiros do Monte Pio dos honrarios e da Associação Commercial, fizestes muito bem em dar assim um testemunho de reconhecimento e admiração pela imponente attitude do vosso nobre compatriota. Esta festa é um symptoma da abundancia de sentimentos e affectos elevados, que ainda vigoram no seio deste povo. A accão, que assim praticais, não será destituída de proficuos resultados, ella é a faixa, de que talvez gerar-se-ha o grande incendio; não o incendio revolucionario e destruidor; eu não sou, não quero ser pregador de revolução; mas o incendio das grandes paixões sociaes, que é preciso que se inflammem por meio de tais espectaculos, e, ainda mais, por um exame de *consciencia politica*, pela confissão dos nossos erros, pela critica de nós mesmos. A indolencia, o abatimento de Pernambuco, é um phenomeno anomalo, que dá que fazer ao observador philosopho, como pôde dar que pensar ao naturalista o apagamento de um vulcão. Im-

porta, pois, que vos reergais e reconquisteis os postos perdidos.

Agora a vós, geralmente a vós, brilhante porção do povo pernambucano, permitti que eu ouse impor uma obrigação. A esta hora, em que exultaí e ardeis de entusiasmo, talvez o nome de José Mariano já esteja registrado no *livro da condemnação*. E' mister, portanto, que contraíais aqui, neste momento solemne, um compromisso de homens de bem: que nunca, nunca deixal-o-heis ficar só. E contando com o vosso apoio, com o apoio dos vossos brios, o seu triumpho será sempre inevitável. Se, porém está escripto, *quod Deus avertat*, se está escripto no livro das nossas misérias, que tudo será inútil, e que a voz altiva do moço terá de perder-se na algazarra dos festins da immoralidade vencedora, como a voz angustiosa do naufrago no ruido do oceano, eu posso afirmal-o, e acredital-me, senhores, José Mariano não curvará a fronte. Quando tudo lhe falte, quando tudo o abandone, restar-lhe-ha sempre e sempre o instincto indomito de uma alma, para quem a macula moral do servilismo é o mal absoluto e irremediável. Que a sociedade se estrague e role de quēda em quēda no abysmo da degradação, que os caracteres se apaguem, que a prostituição tome as vestes da dignidade, como Messalina a purpura de rainha; ainda uma vez vos affirmo: elle não aceita a derrota. Sentirá no seu coração o desprezo da ignominia, e este sentimento far-lhe-ha as vezes de victoria; continuará a fortificar-se no exemplo dos heróes e abraçando a estatua dos deuses immortaes, o dever, o pudor, a justiça, adjural-os-ha para que vinguem o seu poder desconhecido!... (4).

---

(4) Este discurso foi, em 1879, pronunciado n'uma manifestação popular ao Dr. José Mariano, deputado por Pernambuco, de volta á sua província. (Nota de Sylvio Romero, na edição anterior dos *Discursos*, de 1900).



## X

### A Carlos Gomes (5)

M**EUS SENHORES!** — Já houve quem dissesse que as musas não eram sómente as *nove conhecidas*, porém havia uma outra, e a mais importante de todas, que era a *saudade*. Esta decima, esta outra musa não me inspira na hora presente. E' meu dever declaral-o; e sirva isto, ao mesmo tempo, de preliminar e de desculpa. Confesso achar-me collocado em um tal ou qual embaraço.

Ainda uma festa, depois de tantas outras, como tributo de admiração ao componista brasileiro!

O vocabulario dos predicados pomposos, o thezouro dos epithetos ornantes está exgotado; — o que posso mais dizer? Creio que nada. E todavia sinto-me obrigado a satisfazer o encargo, que me foi commettido, e que eu acceitei, de tambem aqui apparecer e fallar. Mas fallar o que?

E' a grande questão; pois não se trata mais de entoar um hymno ao merito do *maestro*, e tão pouco de

---

(5) Palavras proferidas na manifestação feita ao maestro Carlos Gomes, na qual foram dadas as cartas de liberdade a dois escravos. Recife, 10 de Julho de 1882.

prometter-lhe, em nome do futuro, que muitas vezes não passa de um *tempo de verbo* na grammatica, ou de uma simples *esperança messianica* na eschatologia dos povos modernos, um sem numero de monumentos mais duradouros do que o bronze. Não se trata de repetir, pela millesima vez, que Carlos Gomes é um genio e suas obras outras tantas revelações do espirito nacional. Tudo isto está dito. Insistir sobre este assumpto, variar sobre este thema, que já tornou-se vulgar, com o concurso mesmo de novas flores e novas palmas, é uma especie de pleonasmico estheticco.

Entretanto, apresso-me em pedir que não se me traduza ao pé da letra.

Ainda que eu tivesse as melhores idéas a oppor ao phrenesi provocado pela presença do *maestro*, seria ao certo fazer acto de desazo, quando não de criminosa incivilidade, querer temperar o vinho que transborda da taça dos outros com a agua da minha taça. Mais do que uma incivilidade, — seria até uma tolice; e pois que eu seja daquelles que, em collisão de tólices, antes querem practical-as do que dizel-as, não cahiria na fraqueza de praticar uma tal.

Bem pôde parecer, pela maneira de exprimir-me, que me acho num estado de *anesthesia intellectual* em relação aos motivos que determinam presentemente o árroubo popular. Nada, porém, de mais erroneo. Ninguem comprehende melhor do que eu a significação e importancia dos aplausos derramados sobre a cabeça do illustre compositor, como tambem, mais do que eu, não ha quem sinta a necessidade de ver a nação inteira, — esta grande aguia, que vive aliás em perpetuo chôco, — reunir-se no pensamento de uma gloria commum, qual é a posse de uma notabilidade artistica, e deste modo manifestar-se ao mundo debaixo de outra fórmā, que não a de um simples

conceito geographico, e por alguma cousa de mais do que gestos e attitudes de uma superioridade, que ella de facto não tem. Eu sei que difficilmente pôde agradar aos patriotas de *bon aloi*, quem não está pelos seus adjectivos e pelas suas interjeições. Mas nem por isso julgo-me com direito ao *monstrari digiti* como um pyrrhonico e um pessimista intolerante. Contenho-me dentro dos justos limites. A moderação tambem entra no reino do entusiasmo.

Neste sentido, subscrevo de bom grado as palavras do notavel italiano Francesco de Sanctis: — Non conosco arma piú violenta che la moderazione del linguaggio accompagnata con la buona fede: ne nasce una persuazione irresistibile. — Uma verdade pois, fallada ou escripta, uma só verdade, moderadamente expressa, é muito mais honrosa para o nosso componista do que cincuenta mentiras dithyrambicamente cantadas.

Meus senhores! — Lembro-me de ter lido na *Emilia Galotti*, de Lessing, as seguintes profundas palavras, que o poeta collocou na boca do principe conversando com o pintor: — "Vós bem sabeis, Conti, que o maior louvor que podemos tecer á um artista, é esquecermo-nos delle, absorvidos pela contemplação da sua obra".

Quero crêr que estas palavras encerram um princípio verdadeiro, porém, ao certo, de difficult applicaçao. Quem seria capaz de deixar-se sempre medir por semelhante bútola? Se o maior elogio que se fizesse ao artista consistisse justamente em não pensar na sua pessoa, por amor da sua obra, podia-se então assegurar que o *maestro* brasileiro não foi até aqui sufficientemente elogiado, pois ninguem ainda esqueceu-se delle para só recordar-se dos seus trabalhos. Mas eu accepto a rigorosa verdade expressa pelo celebre progonio da litteratura allemã. E' uma medida

talhada para tomar-se o tamanho de gigantes. Tanto melhor. Quero applical-a ao nosso componista.

Depois de mil preitos rendidos á sua pessoa, chegou tambem o momento de esquecermo-nos della, para sómente prestarmos homenagem a uma das suas grandes obras. Mas vêde bem: essa obra não é nenhuma das suas brilhantes composições musicaes; é um producto muito mais brilhante, porque é um acto humanitario, porque é a liberdade, em seu nome e por sua causa, restituída a dois infelizes.

Aqui e agora é que comprehendo a exactidão, com que um escriptor dos nossos dias Karl Fuchs, em seu interessante opusculo — *Virtuos und Dilettant*, poude dizer que ha na musica alguma cousa que não se ouve. Perfectamente. Essa alguma cousa, que não se ouve, acabo de comprehendel-o, é o bem que a musica nos faz; mas ainda do que isso, é o bem que ella nos obriga a fazer aos outros. Eis o caso; e o caso é comvosco, *maestro*. Tendes tido toda a sorte de triumphos. Se tudo que Pernambuco já havia até hoje feito para glorificar-vos, não correspondia exactamente ao merecimento do artista, ao menos é innegável que chegava para satisfazer a vaidade do homem.

Nesta conjunctura, uma grande porção da classe commercial do Recife, por uma feliz inspiração, entendeu que devia pôr o individuo, com todos os seus triumphos, com todas as suas glorias, á serviço da humanidade; e vós que até o presente tinheis sido o objecto supremo do entusiasmo geral, vos convertestes em pretexto e occasião de um acto generoso. E não ha duvida que servir de motivo, prestar-se como meio para a practica de uma nobre acção, é mil vezes mais glorioso do que ser alvo de quantas manifestações se inventem para festejar o talento de um homem.

Permitti, illustre senhor Carlos Gomes, que vos diga uma verdade. A deusa da verdade não costuma pintar o rosto, nem usa véo. Mais oito ou dez gerações, e as vossas musicas, hoje tão apreciadas, — ninguem mais cantal-as-ha. Posso afirmal-o em nome do progresso e da cultura humana. Mas este quadro, como quaesquer outros semelhantes, que se executem por vossa causa, nunca será esquecido.

O ruido dos aplausos e ovações, que suscitaes, talvez não chegue nem sequer á altura, em que as aguias vôam, e muito menos áquella, em que se diz que os anjos cantam; porém, bem alto, aos ouvidos do grande alguem, se é que lá existe alguem que nos observa, chegarão as bençãos emanadas dos labios e do coração destes pobres entes, que por amor de vós acabam de ser libertados e entregues á sociedade, que ansiosa e agradecida os espera.

---



## XI

### Idéa do Direito (6)

(COLLAÇÃO DE GRÃO NA FACULDADE DO RECIFE)

SENHORES DOUTORES: — O discurso, que nesta ocasião me incumbe proferir, tem traçada nos *Estatutos* a formula do seu preparo.

E' um discurso congratulatorio, é uma cousa muito simples, até onde pôde chegar a simplicidade de uma combinação binaria de estereotypos prolfâcas pelo resultado feliz dos vossos esforços, e de velhas considerações, já difficeis de classificar em uma ordem de idéas serias, sobre a importancia do grão que acabais de receber e o uso que na sociedade deveis de fazer das vossas letras.

Como vêdes, é uma questão de *ritual* e eu tenho obrigação de me cingir a elle.

Não seria pois de estranhar que me limitasse a dizer: eu vos felicito, Srs. doutores; a importancia do grão, que vos foi conferido, medi-a pela magnitude dos esforços que elle vos custou, e o uso que tendes a fazer

---

(6) Discurso pronunciado em 1883. (Nota de Sylvio Romero, nos *Estudos de Direito*).

das vossas letras, determinai-o vós mesmos, segundo os impetos do vosso talento e as inspirações do vosso carácter.

Não seria de estranhar, que a isto me limitasse, e désse então por findo o meu discurso. Nem haveria razão para se me acusar de estérilmente conciso, por excesso do respeito a uma disposição de lei.

Mas, Srs. doutores, eu creio que na propria mente do legislador nunca repousou similar idéa, a idéa singular de serem todos aquelles, que se acham encarregados da honrosa missão que hoje me cabe, sempre condenados a entoar o mesmo hymno, a recitar o mesmo epithalamio, por esta especie de *noitado científico*, como diria um romantico de antiga data, em uma palavra, condenados a repetir em *estilo de brinde*, as mesmas phrases consagradas, para accentuar a importancia de um facto que ninguem contesta, e o verdadeiro uso de um titulo que todo o mundo sabe qual seja.

Não, Srs. doutores, não foi, nem podia ser, este o intuito do legislador.

Eu o creio firmemente.

E de acordo com esta crença, arrastado pelo espirito da época, em nome das novas idéias, que voam de outros mundos, e, bom grado ou mau grado nosso, hão de encontrar agasalho em nossas cabeças, julgo tambem aqui dever exercer uma função superior ao modesto papel ecclesiastico de um *mestre de ceremonias*.

A occasião é solemne, sim; mas justamente por isso ella abre caminho a alguma cousa de menos vulgar do que uma felicitação, a alguma cousa de mais elevado mesmo do que o grão que recebestes; é a defesa da sciencia que professamos, e em que acabais de ser doutorados, a defesa que lhe devemos, em relação ao juizo desfavoravel que della actualmente se forma, em relação aos ataques,

de que ella é alvo, sem excluir todavia a confissão dos seus defeitos e a critica dos seus desvios.

Na presente conjunctura, bem quer me parecer que nenhum assumpto melhor prestar-se-hia a formar o conteúdo da minha allocução, nem eu poderia achar um modo mais apropriado de congratular-me com vosco.

Se porém estou enganado, antecipo-me em pedir desculpa do que possa o meu discurso conter, não por certo de anomalo e inconveniente, mas porventura de excentrico e inadequado ás circumstancias do momento.

Entretanto, permitti-me uma leve observação.

Ainda hoje, Srs. doutores, nas bibliothecas de velhos claustros encontram-se palimpsestos, onde se vê, por cima, desenhada a historia de um thaumaturgo, a historia de um santo miraculoso, que morreu de penitencia e maceração, ao passo que, por baixo, sorriem serenos os bellos versos da *Ars amandi* de Ovidio; onde aparece, na parte superior, um breviario, cheio de melancolia, repleto de adoração, e, na parte inferior, uma commedia aristophanica; em cima, depara-se-nos o orgão, que acompanha o *de profundis*, e logo em baixo o velho Anacreonte, seduzindo lindas moças; em cima, traçam-se as regras da grande arte de torturar hereges, e em baixo um velho pagão explica o capítulo do amor platonico... Ora, pois, Srs. doutores: seria acaso para censurar que minhas palavras produzissem uma impressão similhante?

E' um discurso de *duas vistas*, se assim posso dizer, um palimpsesto, se quizerem: por um lado, o comprimento exacto de um sacro programma de festa, mas tambem, por outro lado, alguma cousa de mais profano, que fica fóra do horizonte de uma solemnidade academica; por um lado, a face calma de um espirito submisso, que por amor da ordem, por amor da disciplina, não duvidaria curvar-se para reconhecer e confessar de joelhos a immo-

bilidade da terra, ou o progresso dos nossos estudos, mas tambem, por outro lado, a feição turbulenta de um rebelde intransigente, que não hesita em proferir o seu — *eppure si muove* — e dizer ao mundo inteiro: — nós estamos atrazados.

Não vos espanteis; começemos pelo principio.

Nos dias que atravessamos, a esta hora do nosso desenvolvimento, quem, como vós, Srs. doutores, mesmo á custa de trabalho e sacrificio, é graduado em sciencias juridicas e sociaes, vê-se assaltado, como Dante em frente da loba, por uma questão sombria e importuna.

E' a seguinte: existe realmente, temos nós realmente um grupo de sciencias de tal natureza? Em face do avanço immenso, que levam todos os outros ramos de conhecimentos humanos, não sóa como uma ironia falar de uma sciencia juridica, falar de uma sciencia social, quando nem uma nem outra estão no caso de satisfazer as exigencias de um verdadeiro systema scientifico? A questão é séria, Srs. doutores, e tão séria, que a mesma consciencia, a mais lucida consciencia do proprio merecimento, deixa-se absorver e apagar pelo sentimento da dubiedade do titulo que se recebe.

Não ha negal-o, isto é um facto incontestavel.

Mas onde buscar a causa desse facto? Qual o motivo da estreiteza e acanhamento de vistas que ainda se nota na intuição do direito, no modo de comprehender o e apreciar o? Qual a razão, em summa, porque a sciencia do direito corre o risco de ser classificada no meio dos expedientes grosseiros, de tornar-se uma sciencia puramente nominal, que pôde dar o pão, porém não dá honra a ninguem ou, como diz H. Post, uma irmã da theologia, que se limita a folhear o *Corpus juris*, como esta folheia a *biblia*? Existe ao certo uma razão; esta razão vem de mais alto. Nós vamos vel-a.

Ha no espirito scientifico, Srs. doutores, uma tendencia irresistivel para despir os phenomenos, o que vale dizer, para despir o mundo inteiro, que é um grande phemoneno collectivo, daquelle roupagem poetica, em que a imaginação costuma involvel-os.

Assim ao antigo grego que ouvia gemer a dryade dos bosques, quando uma arvore tombava, a natureza devia mostrar-se incomparavelmente mais cheia de poesia do que ao homem de hoje, que trata de cultivar e conservar as florestas, segundo as leis da economia florestal e os principios da dendrologia.

E ainda que se possa lastimar, a muitos respeitos, a *despoetisação* dos phenomenos naturaes, por meio da sciencia, comtudo não se deve esquecer que o dominio do homem sobre a mesma natureza só se tem reforçado e engrandecido na proporção, em que elle tambem tem cessado de olhar para ella com os olhos de poeta.

Bem pôde muitas vezes o indagador sentir até confranger-se-lhe o coração, quando se vê obrigado a destruir bellas illusões e contribuir com as suas ruinas para uma mais clara intuição do mundo.

Neste trabalho elle pôde até chegar ao ponto de arrepender-se da sua tarefa, quando applica os seus processos ao mais soberbo e grandioso espectaculo que a natureza desenrola aos nossos olhos, o espectaculo do céo da noite carregado de estrellas scintillantes, pois que a sciencia não tem medo de roubar ao proprio céo a sua poesia e reduzir a pasmosa belleza do universo á cega mechanica das forças naturaes.

Mas não é lícito reagir contra essa tendencia, que é caracteristica do espirito scientifico, em cuja frente caminham a devastação e a morte.

Aqui está, Srs. doutores, o segredo do facto que lastimamos.

Quando o homem da sciencia actual cessou de afagar mais de uma illusão de antigos tempos; quando o homem da sciencia actual cessou de olhar, com os olhos de poeta para muita cousa do céo, e para muita cousa da terra, quando elle já não se demora nem mesmo, por exemplo, em contemplar a belleza da lua, diante da qual, com seus fulgores e seus desmaios, sente-se tentado a dizer: deixa-te de *coquettices*, eu te conheço, *carcassa*, e aos requebros e langores da estrella matutina, é bem capaz de redarguir sizudo: nem tanto, como pareces, pois que ficas preta, pequenina, insignificante, passando pelo disco do sol; em uma palavra, quando o homem da sciencia actual só pisa em terreno firme, e todavia pôde viver como diz Tyndall, no meio de idéas, em presença das quaes desapparece a phantasia de Milton, o homem do direito, o homem da sciencia juridica parece que não sabe disso...

Tudo quebrou o primitivo involucro poetico; só o direito não quer sahir da sua casca mythologica.

A despeito de todas as conquistas da observação, a despeito de todos os desmentidos, que a experiença tem dado a velhas hypotheses e conjecturas phantasticas, para a sciencia juridica é como se nada existisse.

A concepção do direito, como entidade metaphysica, *sub specie æterni*, anterior e superior á formação das sociedades, contemporaneo, portanto, dos *mammouths* e *megatherios*, quando aliás a verdade é que elle não vem de tão longe, e que a historia do fogo, a historia dos vasos culinarios, a historia da ceramica em geral, é muito mais antiga do que a historia do direito; essa concepção retrograda, que não pertence ao nosso tempo, continua a entorpecer-nos e esterilisar-nos.

Ahi está, Srs. doutores, o segredo do descredito em que caiu a sciencia que cultivamos.

E' preciso levar a convicção ao animo dos opiniaticos.

Não se crava o ferro no amago do madeiro com uma só pancada de martello.

E' mister bater, bater cem vezes, e cem vezes repetir: o direito não é um filho do céo, é simplesmente um phenomeno historico, um producto cultural da humandade. *Serpens nisi serpentem comedenter, non fit draco*, a serpe que não devora a serpe, não se faz dragão; a força que não vence a força, não se faz direito; o direito é a força que matou a propria força.

Eu bem sei, Srs. doutores, quanto esta doutrina fere ouvidos pouco habituados a uma tal ordem de idéas.

Mas o que difficulta a sua comprehensão, é justamente a mesma circumstancia que torna difficult, *exempli gratia*, comprehender o pensamento como attributo material, como função do cerebro. Quando se fala em materia, em vez de se pensar nas suas mais altas phenomenisações, em vez de se pensar, por exemplo, na materia de que o sol é feito, na materia de que é feito um lindo cravo, um rubro e fresco labio feminino, pensa-se ao contrario... num pedaço de pedra bruta, ou mesmo na lama que se tem debaixo dos pés; e realmente não é possível que a intelligencia resida em similhantes cousas...

Da mesma forma quando se fala em *força*, em vez de se pensar no conceito capital de todas as sciencias, na idéa *genetrix* de toda a philosophia, pensa-se... numa *força de polícia*, ás ordens de um delegado, cercando igrejas para fazer eleições; e então... quem pôde admittir que o direito seja isso?... Ora!... E' preciso que nos elevemos um pouco mais acima.

Assim como, de todos os modos possiveis de abreviar o caminho entre doulos pontos dados, a linha recta é o melhor; assim como, de todos os modos imaginaveis de

um corpo girar em torno de outro corpo, o circulo é o mais regular: assim tambem, de todos os modos possiveis de coexistencia humana, o direito é o melhor modo.

Tal é a concepção que está de acordo com a intuição monistica do mundo. Perante a consciencia moderna, o direito é o *modus vivendi*, é a pacificação do antagonismo das forças sociaes, da mesma forma que, perante o telescopio moderno, os systemas planetarios são tratados de paz entre as estrellas.

Srs. doutores, na concisa e bella carta em resposta a que lhe dirigira o corpo docente desta Faculdade, o professor Holtzendorff nos disse que, se bem comprehendeu o seu amigo Bluntschli, este tivera em mente alguma cousa que elle podia designar pelo nome de *Cosmos* do direito e da moral.

Magnifica expressão!

Ha realmente um *Cosmos* do direito; mas este, não menos do que o *Cosmos physico*, é um producto da lei do *fieri*, da lei do desenvolvimento continuo; e assim como no mundo material é presumivel que exista apenas uma pequena parte, em que a materia já chegou ao seu estado de equilibrio, assim tambem no *Cosmos* do direito só ha uma parte diminuta, em que as forças se acham equilibradas, e não têm mais necessidade de lutar.

Olhada por este lado, apreciada deste ponto de vista, a sciencia do direito remoça e torna-se digna das nossas meditações.

Nem estas idéas são de todo estranhas.

A concepção monistica do direito já existia esboçada no pensamento de Vico.

Não é que eu opine com o charvinista italiano, professor Bertrando Spaventa, para quem Vico é *il vero precursore di tutta l'Allemagna*, mesmo porque poderia succeder que os allemães me provassem que tres quartos

da riqueza de Vico provieram de Leibnitz; mas é certo que no autor da *scienza nuova*, que aliás já em muitos pontos se tornou *scienza vecchia*, houve como que uma prefiguração do jurista moderno, do jurista, como elle deve ser, indagador e philosopho, capaz de utilissar-se de tudo que serve a sua causa, desde as observações astronomicas de um barão du Prel, até as minudencias naturalisticas de um Charles Darwin.

E' sobre isto, Srs. doutores, que ouso de preferencia chamar a vossa attenção.

Convençamo-nos da necessidade de tomar outros caminhos. Para isso é mister *estudar*, como para isso é mister *ensinar...* Novo sistema de estudos, novo sistema de ensino.

Ernesto Renan disse uma vez que, pelos vicios do ensino superior, a França corria o perigo de tornar-se um *povo de redactores*, e quasi ao mesmo tempo Mark Pattison, chefe do partido reformista de Oxford, lastimava por sua vez que as Universidades da Inglaterra parecessem só querer produzir *escriptores de artigos de fundo*.

Pois bem; é bom que confessemos: pelo sistema que nos rege, nós não corremos risco, nem de uma, nem de outra cousa, porém de cousa peior: é de tornarmo-nos um povo de *advogados*, um povo de *chicanistas*, de *fazedores de petição*, sem criterio, sem sciencia, sem ideal, pois que nos cabe em maior escala o que Rocco de Zerbi disse da sua Italia: *L'idealismo non ha preso in questo paese di avvocati*.

E aqui, Srs. doutores, não posso obstar a invasão da reminiscencia do seguinte *passus* historico.

Era no anno de 1559. Occupava a cadeira pontifical o terrível velho, como diz um chronista da época, — *tutto nervo con poca carne*, o celebre e genial Paulo IV. No dia

1º de janeiro, tivera lugar em Roma, na casa de Andréa Lanfranchi, secretario do duque de Pagliano, uma esplendida ceia, em que tomaram parte, além de outras notabilidades do tempo, o Cardeal Innocenzo del Monte, que fôra criado de Julio III, e o Cardeal Carlo Caraffa, sobrinho do pontifice.

Este ultimo commensal, que se apresentara á ceia, cingido de espada, vestido de cavalleiro, travara ahí mesmo uma luta sangrenta, por motivos de ciúme, provocado pela bella romana, madonna Martuccia, com o fidalgo napolitano Marcello Capece. O facto causara escândalo, e tinha chegado até os ouvidos do papa. Cinco dias depois, Paulo IV appareceu na sessão da inquisição, ainda mais terrível que de costume, e em longo, tempestuoso discurso, profligou os abusos da igreja, mas sem pronunciar o nome de seu sobrinho!

Ao Cardeal del Monte elle ameaçou de arrancar-lhe o barrete vermelho, e concluiu bradando uma e mais vezes, perante a Assembléa attonita e silenciosa: reforma! reforma!... Santo Padre, respondeu-lhe afouta e allusivamente o Cardeal Pacheco, reforma, sim, mas a reforma deve começar por nós mesmos.

E' assim, Srs. doutores!... E' assim que quando ouço repetir, como se repete a cada instante, que o ensino academico está de todo transviado, porque de todo também está perdida a faculdade de estudar, e que portanto é urgente, é urgentíssima uma reforma radical, eu me lembro do Cardeal Pacheco, e tenho vontade de responder com elle: reforma, sim, Santo Padre, mas nós somos os primeiros a tratar de reformar-nos; somos os primeiros que devemos munir-nos de abnegação e de coragem, tanto quanto havemos mister de coragem e abnegação para despirmo-nos das nossas bécas, mofadas de theorias caducas, e tomarmos trajo novo. Releva dizer

á sciencia velha: retira-te; e á sciencia nova: entra, moça. Darwinista ou haeckeliana, pouco nos importa, o que queremos é a verdade. As Faculdades não são sómente estabelecimentos de instrucção, mas ainda e principalmente, como diz Henrique von Sybel, verdadeiros laboratorios, officinas de sciencia. E' preciso tambem pensar por nossa conta. Eis ahi tudo.

Agora vós, Srs. doutores, ao concluir, aceitai um conselho de amigo. Não adormeçais sobre os louros, mas trabalhai, continuai a trabalhar, e trabalhar sómente na direcção do futuro.

Quanto a vós, especialmente a vós, Sr. Dr. Hermenegildo, vós que por meio de escriptos, que são outros tantos actos, outras tantas affirmações do vosso bello talento, já tendes dado prova de pertencerdes á grande familia dos trabalhadores valentes; vós que ainda tão moço, já tivestes occasião de haurir o calice amargo da injustiça dos homens, deveis estar satisfeito: o vosso merito foi reconhecido. Tratai agora só de elevar-vos e engrandecer-vos mais e mais, para que assim possais melhor comprehender os homens e melhor perdoar-lhes as fraquezas. Nada mais. Sêde felizes. (7)

(7) Não conheço, em lingua nenhuma, uma oração académica mais formosa do que esta, e mais profunda, ao mesmo tempo. E quando algum exagerado perguntar, como já houve quem perguntasse, — que ficará no futuro de Tobias Barreto?... facil será responder: ficará, acima de tudo, a sua acção, o seu exemplo, e, depois, ficarão suas poesias, seus discursos, seus bellos ensaios de critica. (Nota de Sylvio Rómulo, na edição anterior).



## XII

Lição de abertura do curso de economia política na Faculdade de Direito do Recife (8)

(FRAGMENTO)

**M**EUS SENHORES. — Sinto-me acanhado diante de vós, que, entre tantos predicados, possuis o merecimento da generosidade, nunca desmentida.

E não começo por dizer-vos, para pretender um atributo, que me não cabe, para fingir uma humildade que não tenho. E' simplesmente a paga de um tributo, e eu não gosto de ser tributário senão da magestade do mérito.

Entretanto, aqui estou para cumprir o meu dever.

Antes, porém, de assumir a minha posição de professor, obrigado pela lei a ensinar uma matéria, que faz parte da systematica do curso desta Faculdade, importa

---

(8) Esta lição de abertura do curso de economia política na Faculdade de Direito do Recife, acha-se em simples notas e em estado de desalinho, entre os papéis do autor. Vae reproduzida, como fragmento que é, nas condições em que foi encontrada, porque, mesmo assim, não deixa de ser bem interessante. (Nota de Sylvio Romero na edição de *Estudos de Direito*, de 1898, quando a divulgou pela 1<sup>a</sup> vez.)

definir a minha posição de homem que pensa em relação a uma disciplina, a respeito de cujo carácter scientifico ha razão para suscitem-se duvidas bem sérias.

Com efeito, meus senhores, se a economia política vale alguma cousa no concerto das sciencias; se ella tem, por hypothese, um carácter, uma feição scientifica, é indubitável que ella se prende ao grupo das sciencias sociaes, que ella é uma das partes da chamada sociologia.

Mas eu permaneço firme na minha velha convicção: esta palavra não tem sentido.

O estudo dos phenomenos sociaes, considerados em sua totalidade e reduzidos á unidade logica de uma systematização scientifica, daria em resultado uma monstruosa pantosophia, que é incompativel com as forças do espirito humano. Se nem mesmo como sciencia descriptiva, que aliás, na opinião de Haeckel, é uma *contradictio in adjecto*, a sciencia social não é constructivel, pois que não pôdem ser observados e por isso não pôdem ser descriptos todos os phenomenos da sociedade, porque razão sel-o-hia como sciencia de principios, como sciencia de leis, que têm de ser induzidas da observação completa dos factos a estudar?

Em quanto, pois, assim como a velha astrologia dos Apollonios de Thryane, dos magos da Caldéa passou a ser a astronomia dos Copernicos, dos Galileus, dos Keplers, a nova sociologia de Comte, Spencer e outros sociologos e magos do occidente não passar a ser *socionomia* de sabios, estou firme na minha convicção: a sociologia é uma phrase.

E isto parece tanto mais incontestavel, quanto é certo que nem mesmo nos achamos no periodo sociologico, mas ainda no periodo *sociolatrico*. Ora uma sociolatria, ainda

que tenha por objecto a adoração de grandes homens, é inconciliável com uma sciencia social, qualquer que seja o grau do seu desenvolvimento. Desde que conhecemos, por exemplo, a natureza, a orbita e a marcha dos cometas não ha mais lugar de contemplal-os com terror. Se é conhecida a lei que determina a formação dos genios para que engrandecel-os e deifical-os? Não ha maior contradicção.

A sociolatria encarrega-se de matar a sociologia.

Porém releva notar: não é por este lado, não é só como ramo da arvore sociologica que a economia política me parece carecer de autorisação scientifica. Era bem possível que a sociologia não existisse, não pudesse mesmo existir, e todavia a economia política, segregada do todo, pela limitação do seu objecto, pela diminuição do círculo de suas observações, constituisse uma verdadeira sciencia. Mas ainda isto não se dá; e é facil proval-o.

Ludwig Noiré, o philosopho monista da Allemanha, diz que a Kinetica e a Esthetica, isto é, a sciencia do movimento e a sciencia do sentimento, hão de fundar como principios supremos a dupla divisão da sciencia do futuro.

Aceitemos esta idéa, que é fecunda. A economia, se é uma sciencia, pertence ao grupo da Kinetica; ella se occupa de um dos movimentos do corpo social; mas os movimentos de qualquer organismo vivo são outras tantas funções; logo a economia é uma sciencia que trata de certas funções do organismo da sociedade. Qual é agora pergunta-se, qual é a lei, quaes são as leis, por ella descobertas, segundo as quaes, sem mais duvida alguma, essas funções se exercitam? Qual a função dos diversos factores do movimento economico, e quaes são esses factores? A' similitude dos philosophos antigos na época dos sete sabios, dos quaes uns iam procurar no fogo

e outros na *água* a origem de todas as coisas, os economistas se inclinam, ora para o capital, ora para o trabalho, como princípio genético do Cosmos económico. E ainda a esta hora não se sabe qual seja a verdadeira função do trabalho, qual a verdadeira função do capital... Pelo menos é certo que todo suor cahido da fronte pensante de Bastiat e quejando economistas anões, na phrase de Karl Marx, só tem chegado para descobrir que o trabalho é uma mercadoria e o capital um privilegio.

Grande descoberta que seria muito ridícula, se não fosse muito funesta!...

Eu não quero hyperdiabolizar o diabo, nem fazer a economia política mais lacunosa do que ella é. Julgando assim, nestas poucas palavras, definida a minha posição de espirito independente no exercicio da critica sobre uma materia, que promette mais do que dá, que tem fructos de cobre com casca de ouro, creio comtudo poder conciliar esta attitude com a missão do professor. A economia política, se não é uma sciencia no rigoroso sentido da palavra, é, todavia, um estudo, uma ocupação intellectual de que é possivel tirar alguma vantagem. O suíss J. Honnegger, falando da economia, diz que poderosos problemas, hoje apenas presentidos como tales, restam á joven sciencia para resolver, e aquillo que ella hoje sabe e conhece, é sómente uma *diminuta fracção* daquillo que forma o seu problema final.

Sirva-nos ao menos esta consideração de amparo e consolo. Entremos mais de perto na materia.

---

A primeira these do programma reúne sob um só conceito, o conceito da *força*, a totalidade dos phenomenos da natureza e da sociedade. Que os phenomenos

da natureza têm causas e que estas causas são outras tantas forças é uma verdade vulgar, e não é crível que a critica feita ao programma se estenda até a este ponto, pois que para defendel-o, bastaria invocar o testemunho de todos os que se ocupam de sciencias naturaes e perguntar-lhes como é que elles chamam as causas determinantes dos phenomenos, que constituem o objecto de suas indagações.

Forças chimicas, forças physicas, forças naturaes em geral, são expressões corriqueiras, que estão ao alcance do senso commun, que já não dão motivo de objecção a nenhum espirito sério. O que importa aqui averiguar, é se, assim como os phenomenos da natureza se reunem sob o conceito da força, o mesmo sucede com os phenomenos da sociedade, ou, em outros termos, se, assim como falamos de forças naturaes, tambem podemos falar de forças sociaes. Ora, é facil de vér que a comparação é justa; nem é preciso ser materialista para affirmal-o.

Dado mesmo que o espirito seja uma realidade e o espiritualismo uma verdade, a idéa da força não fica por isso excluida. Na opinião dos proprios espiritualistas, o espirito é uma força. E se não é, que vem a ser então? Dirão que é uma *substancia*. Vá que seja: mas hão de concordar que é uma substancia *activa*; esta mesma *actividade* é o que se chama força.

Ainda que os phenomenos sociaes só se explicassem pela vontade livre dos homens, esta vontade livre que produz effeitos, todos os effeitos constitutivos da vida social, é uma causa e, como tal, é uma força. Sobre isto não ha dúvida.

Resta saber se a economia politica, na ordem dos factos que lhe são attinentes, faz realmente entrar, como diz o programma, o seu estudo na categoria da força. Nada mais simples do que isto.

Com efeito, se a economia política se ocupa do phénomeno social da *riqueza*, e se a riqueza se produz por meio de factores diversos, entre os quais figuram principalmente o capital, o trabalho e os agentes naturaes, desde que estes tres factores são irreductiveis entre si, qual será a idéa geral, o conceito, que possa ser commum a todos senão o conceito da força? Agentes naturaes são *forças* naturaes; trabalho é actividade humana, e esta, por sua vez, é uma *força*; capital é trabalho accumulado, por conseguinte *força* accumulada. Já se vê que o conceito da *força* tambem figura no dominio da economia politica.

Quando o programma disse que a economia se ocupa de uma função da vida social ou melhor da vida nacional o que elle teve em mira foi arredar a idéa de uma sociedade abstracta, de uma sociedade ideal como é a sociedade humana, e concentrar as vistas sobre as sociedades reaes que, até hoje pelo menos, são as nações. O que o programma chama função da vida nacional é o phénomeno da producção da riqueza, sem a qual nenhuma nação pôde existir, da mesma forma que nenhum individuo pôde viver sem se nutrir. Se é concebivel a mendicidade individual não o é a mendicidade nacional.

Na expressão: *leis ou generalisações, a que ella chega*, o programma quiz mostrar que a economia politica não tem leis, no sentido rigoroso, no sentido naturalistico da palavra lei. Assim, por exemplo, muitos economistas proclamam o principio da livre concurrenceia. Será isto uma lei? Tanto não é, que admite proclamar-se, como outros proclamam, o principio opposto. As leis não admitem excepções; as generalisações são simples regras, que pôdem falhar na applicação; e neste caso se acham as proposições geraes da economia política.

Muitos dos chamados principios economicos estão sujeitos, dentro de um mesmo tempo, á relatividade de

lugar, e dentro do mesmo lugar, á relatividade do tempo. O que é hoje economicamente verdadeiro para a Inglaterra, não o é de todo para o Brasil; o que convinha, por exemplo, a Pernambuco no seculo passado, não convém hoje pelo mesmo modo. Tudo isto quer dizer que não se trata de *leis*, mas de meras generalizações... (9)

.....

---

(9) Esta collecção de discursos de T. Barreto seria mais volumosa, se nos tivessem chegado ás mãos diversas outras orações por elle pronunciadas na Assembléa de Pernambuco, na Academia e no Jury do Recife e, finalmente, no Club e no Jury da Escada. (Nota de Sylvio Romero, na edição anterior).



### XIII

#### O Patriotismo

A PROPOSITO DA CAPITULAÇÃO DE MONTEVIDÉO (10)

**M**EUS SENHORES. — E' inutil preambular.

Um pensamento fraternal, radiante, supremo, fluctua sobre as nossas cabeças, de parelha com o estandarte da gloria.

Accesa em nossas almas a idéa de engrandecimento sentimo-nos grandes, — queremos lutar.

E' neste momento que, afundando-nos na abundancia de uma existencia de moços esperançosa e vivida, achamos, tocamos alguma cousa de mais: — e essa demasia, senhores, é que somos brasileiros — essa demasia é que ao livro deste povo epico e generoso ajunta-se a estrophe montanhosa e sublime de um de seus grandes feitos.

O Brasil agita-se, — a mocidade o rodeia — o Brasil triumpha, a mocidade ajoelha-se com elle para contemplar nos patrios céos o vôo de suas victorias.

---

(10) Palavras proferidas pelo academico Tobias Barreto, ao 2.<sup>o</sup> Batalhão de Voluntarios de Pernambuco, que seguia para a campanha, no dia 22 de Junho de 1865.

E na face de tudo que tem um pouco de alma — para sentir, — um pouco de sangue — para derramar, — um pouco de vida para morrer — lavra a claridade de um sentimento que absorve todo o viver positivo e ordinario; paixão nobilitante, purificadora, que o coração de um homem mal pôde conter com todos os seus impetos, que tendem ao passado, que tendem ao futuro, — com todas as suas avançadas para a morte e para a vida, para o céo, para a gloria, para a luz, para Deus...

E este sentimento, senhores, é o patriotismo.

Pôde haver quem diga: — tempo virá em que o grito dos alarmas, o lampejar das espadas nada signifiquem; sim: — mas lá mesmo adiante, aonde promettem levar os pontífices do progresso, quando o gladio tiver sido substituído pela palavra, a força pela idéa, o raio que fulmina pelo raio que esclarece, lá mesmo o homem deixar-se-ha vibrar dessa paixão que será sempre no seu peito o estremecimento enorme das selvas, dos campos, das solidões da patria.

O Brasil era o colosso da paz. O Brasil, esse pedaço do globo, cuja sombra bastára para eclipsar qualquer sol que se lhe puzesse diante, tolerou por muito tempo os insultos de ridiculas pequenezas. Dizem que as aguias, só depois de muito soffrer, determinam-se a punir com a morte as avesinhás insignificantes cujos pios as incomodam. Tal aconteceu. O gigante principia a vingar-se, o pantheon da historia principia a renovar-se de grandes vultos, as campas de grandes mortos, os céos de grandes astros.

A morte, que se conquista pela patria, não é uma dessas mortes lugubres, choradas, mysteriosas, communs, — não; — morrer assim, — ao fumegar das batalhas, — é desembaraçar-se de um dos enigmas do nosso destino;

é resolver o problema da grandeza humana, — morrer assim é engrandecer-se...

Parabens aos mortos, que, ao rolarem no abysmo da eternidade, atiraram por cima de nós o manto de suas glórias. Parabens à patria que, com toda força, com toda masculinidade de uma romana, é capaz de desarmar, se os tem, o braço dos seus Coriolanos, lançar no meio dos combates a sua prole de Scipiões, e ver enfim fartas de triunfos as ancas de seu coração generoso.

Montevidéo cahio rendida e precisa que o Brasil lhe dê a mão para levantá-la... eis a victoria !

Fostes chamados — disse mal vos offerecestes para dar mais um testemunho de Deus, da Patria e de vós. E magnifico ! (11)

A idéa da morte que, talvez, neste momento perpassa em vossas almas rapida e deslumbrante, é a sombra de um anjo que atravessa na immensidão das alturas. O passado é um deserto — o futuro é uma floresta. Para os povos caminharem é necessário que se corte, que se quebre, que se esmague alguma coisa. A guerra é o alarido da humanidade. As torrentes fazem ruido quando cahem — as nações fazem ruido quando sobem. A guerra é a prece dos povos que se exprimem pela bocca dos bombardos.

E Deus escuta. (12)

E' o fogo do Céo que vem lançar por terra os ídolos do mal, despotas e tyrannos que ainda pôdem viver á luz da civilisação. E' a occasião por Deus (13) offerecida,

(11) Na publicação desse discurso em *Polemicas*, em 1900, suprimiu-se a palavra: *Deus*.

(12) Na edição *Polemicas*, 1900, onde foi publicado esse discurso, substituiu-se a palavra *Deus*, por outra: *futuro*.

(13) Ainda aqui, por *Deus* tinha sido substituído: pela *historia...*

para o forte apparecer, o fraco denunciar-se, o pequeno engrandecer-se. Aproveitae-a vós.

Porquanto nestes tempos corrompidos, em que as acções bôas, as nobres e assignaladas acções, aos olhos dos homens degeneres, parecem demasiado grandes, impraticaveis, enormes, como rochedos virados pelos heróes de Homéro, nesta quadra só se encontra em vós outros, todo o vigor e dignidade que tiveram os primogenitos da Patria.

Sois pernambucanos e do moço imperio predestinado e sympathico. Pernambuco é um poder.

Provae-o mais uma vez. Não consintaes que a ideia vil de uma recompensa inutil embace o lustre de vossas intenções magnanimas. Quando dilacerados, ardentes, ti-verdes empolgados nos braços da victoria e quem quer que seja prefenda tocar e deixar alguma honra em vossos peitos, em cada um de vós possa a coragem responder: — basta-me a cicatriz.

Soldados! ide na benção de vossa bandeira receber as ordens de Deus. (14)

---

(14) Na edição das *Polemicas* (1900), o final está assim: ... "receber acenos da glória, os incitamentos do porvir"...



## XIV

Ao Sete de Setembro (15)

*Liberias que sera tamen*

Meus senhores:

E' sempre linda e purissima a face dos dias de triumpho que brota do coração dos puros, dias gloriosos debaixo dos quaes se enroscam entorpecidos, calcados, os séculos de tormento, e as nações fazem acto para revolverem as páginas sombrias do passado e aspirarem as fragrâncias do futuro. Nem isto vai contra o progresso, pois as nações não caminham condenadas, como essa mulher da Bíblia, a não volver os olhos a traz para não se transformarem em estatuas de sal. O progresso não pôde ser o esquecimento do passado, porque o passado está sempre comosco, no fundo de nossas lembranças, no cofre de nossas saudades, no seio de nossas glórias.

O progresso não é o ruido das paixões humanas, das paixões mesquinhas que refervem, que se agitam pelo

---

(15) Este discurso, como o anterior, figurou no appendice da edição de *Polemicas* (1900), publicadas por Sylvio Romero.

espirito da desordem. Elle é menos uma marcha, que tuma ascensão; a vibração de todas as sympathias, o azulamento de todos os céos, a transfiguração de todos os martyres; é o vôo da civilisação, o vôo da ave lugubre carregando o Prometheu do Caucaso aos Alpes, dos Alpes aos Andes, dos Andes ao céo, o redemostrar das coisas em torno dos povos, o redemostrar dos povos em torno das idéas, o redemostrar das idéas em torno de Deus. Mas na gloria de todos não se absorvem as glorias de cada um: nós temos a nossa historia e devemos abril-a; temos o nosso dia e devemos saudal-o.

E o dia de hoje, o sol de hoje, o sol da liberdade, deante do qual nos ajoelhamos entoando o canto dos livres, tinha já muitas vezes borbulhado no Oriente, quando a tyrannia pudera contê-lo, suffocal-o em sua aurora, e retirar as mãos ensanguentadas. Para ella o Brasil grande e livre era um sonho.

E' de notar, senhores, que esse sonho que se fez idéa, essa idéa que se fez dia, esse dia que se fez gloria, tinha sido em seu principio uma loucura de poetas, como Dirceu e Claudio, mas de poetas que procuram, que sondam e acham. Ainda é de notar que ao tempo em que o direito divino rolava na poeira como a cabeça de Luiz XVI, o direito do povo pendia ludibriado com o pender da fronte de um brasileiro; mas o ultimo suspiro do martyr encontrou logo no espaço o primeiro grito da liberdade, essa grande função que Deus deu ao homem, Bruto deu a Roma e a revolução deu aos povos.

Somos livres e de uma liberdade adquirida pela força das idéias; sejamos grandes e de uma grandeza adquirida pela força do coração. Somos fortes para vencer; sejamos nobres para perdoar.

Beijemos a mão do passado que é velho — a velhice é uma realeza; apertemos a mão do futuro que é moço

— a mocidade é um noivado, Mandemos ás paixões que se calem e teçamos as coroas do merito. Nunca poupemos um tributo de louvor á memoria do heróe a quem já demos testemunho de gratidão, um daquelles vultos que de longe em longe Deus suscita para ajudal-o a impellir o universo nos largos destinos a que o conduz, cavalleiro de bronze que contempla o desenrolar dos séculos, — grandes ondas da eternidade, — estacado, sublime, em promontorio de granito.

Sejamos verdadeiros e justos. Estranhos, vejamos patrícios, vejamos irmãos e nessa irmandade de sentimentos combatamos o inimigo commun, confiados, apegados a esse pensamento de gloria que fluctúa nas dobras do estandarte brasileiro... (16)

---

(16) Publicado no *Diário de Pernambuco*, de 1865, com a declaração de que, após esse ligeiro discurso, disse o autor a poesia:

"Quando os céus limpos, attentos, etc."

## ÍNDICE

Razões desta edição .....	III
I — Decreto n.º 803 de 20-IV-23 .....	V
II — Trecho da mensagem .....	VII
* Como prólogo (da 1.ª edição, 1887) .....	IX
 I — Verificação de Poderes .....	2
II — Reforma do Regimento .....	19
III — Oposição ao Sr. Adolpho de Barros .....	27
IV — Educação da mulher .....	41
V — Ainda a educação da mulher .....	59
VI — Privilégio de carros fúnebres .....	79
VII — Projecto de um Parthenogogio .....	91
VIII — Um discurso em mangas de camisa .....	97
 * Notas e adições:	
 * Explicando-me (nota do Dr. M. P. Oliveira Telles) .....	115
* A .....	117
* B .....	118
* C .....	119
* D .....	122
* E .....	125
* F .....	129
* G .....	136
* H .....	138
* I .....	148
IX — Manifestação ao Dr. J. Mariano .....	151
X — A Carlos Gomes .....	163
XI — Idéia do Direito .....	169
XII — Lição de abertura do curso de economia política na Faculdade de Direito do Recife .....	181
XIII — * O Patriotismo .....	189
XIV — * Ao Sete de Setembro .....	193

---

Os discursos e notas acompanhados de asterisco, não constam da edição anterior de 1900, dirigida por Sylvio Romero.